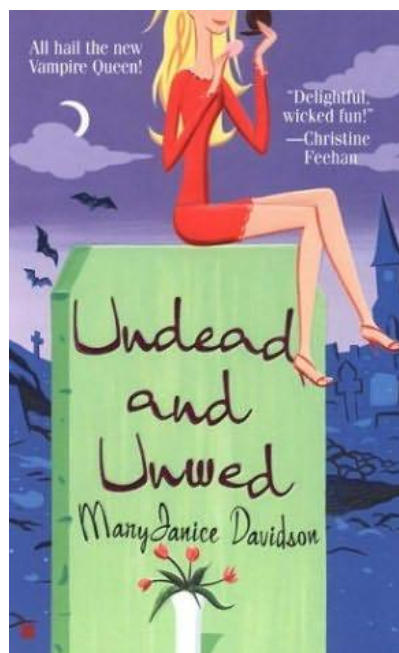


Vampira e Solteira



Série Betsy - 01

Mary Janice Davidson

Disponibilização: Comunidade RTS

Tradução, Revisão, Formatação: Jossi Slavic

RTS – ORKUT:

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18008059>



CAPÍTULO UM

O dia em que faleci começou mau e logo ficou pior. Desliguei o alarme e dormi de novo, por isso cheguei tarde ao trabalho. E não tive tempo de tomar o café da manhã. Está certo, isso é mentira, tomei um pouco de Tarts Pop de chocolate enquanto esperava o ônibus. Minha mãe permitia (quem pensa que me ensinou?), mas um perito em nutrição teria me dado um tapa com sua tabela de calorias.

Na reunião das nove da manhã me inteirei de que a recessão econômica me tinha acertado entre os olhos (até mesmo o Presidente esteve negando durante dois anos): Tinha sido despedida do trabalho. Não foi inesperado, mas doeu de todos os modos. Tiveram que reduzir custos drasticamente, e Deus proíbe a qualquer dos altos executivos a porta da rua. Isso não, mas os empregados de escritório e as secretárias tinham sido considerados como dispensáveis. Limpei meu escritório, evitei olhar meus colegas de trabalho, como eles evitaram me olhar (alguns saíram), e me vi caminhando para casa.

Quando atravessei a porta principal, vi a luz da secretária eletrônica piscando como um pequeno dragão negro. A mensagem era do monstro da minha madrasta:

- Seu pai e eu não poderemos ir à sua festa esta noite, acabo de lembrar que temos um compromisso anterior. Sinto muito.- *Claro que sente, tola.* - divirta-se sem nós. - Não há problema. Talvez encontre alguém esta noite.

Tradução: Talvez algum pobre caipira se case com você e tire-a de minhas mãos. Minha madrasta, desde o começo, tratou-me de uma só maneira: Como uma rival que luta pelo carinho de seu novo marido. Fui à cozinha para dar de comer a minha gata, e notei que escapara outra vez. Minha Giselle sempre andava procurando aventuras, (embora mais que eu, sua Betsy).

Afinal resultou que houve uma tempestade de neve, anormal para um mês de abril, e minha festa michou. Melhor...não sentia com vontades de sair, pôr a cara feliz, e beber muitos daiquiris. O Mall of America é um lugar fantástico, mas não estava com ânimo para multidões, a comida é muito cara, e as bebidas estão a seis dólares. Esta noite não.

Nick ligou-me perto das oito da noite, e esse foi o único momento brilhante de meu dia. Nick Berry era um detetive que trabalhava no St. Paul. Havia sido atacada alguns meses antes, e... pois bem, “atacada” era dizê-lo suavemente. Eu não gosto de falar disso — ou pensar nisso — mas o que aconteceu, foi que um

montão de vagabundos saltaram sobre mim quando deixava Barbecue Mongol de Kahn (Tudo o que possa comer por onze e noventa e cinco dólares, incluída a salada, a sobremesa, e o que se possa servir, grátis). Não tenho nem idéia do que queriam — não levaram minha bolsa, nem tentaram me violentar. Basicamente, me arranharam e me deram dentadas, como um montão de esquilos raivosos, enquanto eu dava chutes com as pontas de meu Manolo Blahniks e gritava pedindo ajuda, tão forte como podia...tão forte, que o único que pude fazer durante três dias foi sussurrar. A ajuda não chegou, mas os malandros fugiram. Enquanto estava apoiada contra meu carro, concentrando-me em não me deprimir, vi-os fugirem, e me pareceu que alguns o faziam a quatro patas.

Nick foi designado para o caso, e me entrevistou no hospital enquanto desinfetavam as marcas das quinze dentadas. O interno que se encarregou de mim, cheirava a coentro e cantarolava o tema de Harry Potter. Isso se passou no último outono. Depois, cada vez mais pessoas — não faziam distinção entre mulheres e homens — estavam sendo atacadas. As duas últimas tinham morrido.

Então sim, assustei-me pelo que acontecia, e tinha jurado renunciar ao Kahn até que os delinqüentes fossem apanhados, mas principalmente estive agradecida por que não foi tão mal. Entretanto, Nick chamou-me e conversamos e, para encurtar, prometi ir ver o Grande Livro dos meninos maus uma vez mais. E o faria. Por mim, para sentir que cooperava, mas sobretudo para ver Nick, que era exatamente de minha altura (seis pés), com o cabelo de um loiro escuro e o corpo de um nadador, parecia-se com um modelo de um calendário do Sr. Hardbody. Tenho infringido a lei, oficial, prenda-me. Deleitar-me com a visão do oficial Nick é o mais próximo que estive de ter relações sexuais em... Que ano era este? Não é que eu seja uma puritana. Sou simplesmente muito seletiva. Permito-me o prazer dos sapatos mais bonitos e mais caros em que posso pôr as mãos, o que não é fácil com o salário de uma secretária. Economizo durante meses para comprar as coisas mais estúpidas. E esses só têm que ir em meus pés.

Vejam , essa sou eu, em resumo: Elizabeth Taylor (Não comece!), solteira, com um trabalho sem futuro (pois bem, agora não), vivendo com seu gato. E sou tão chata, que o maldito gato escapa aproximadamente três vezes por mês, simplesmente para obter um pouco de excitação.

E falando do gato... Escutei seu delator miaaaauuuuuuu! Na rua. Maravilha! Giselle odiava a neve. Provavelmente estava procurando um pouco de amor primaveril e só o que tinha conseguido era ficar presa na tormenta.

Estava fora esperando que a salvasse. Quando a salvava, zangava-se horivelmente e não me olhava durante o resto da semana. Meti-me nas botas e fui

para o pátio. Ainda nevava, mas pude ver que Giselle estava encurvada em metade da rua como uma pequena sombra. Uma com olhos cor âmbar.

Desperdicei dez segundos chamando-a — por que chamava o gato? — Logo atravessei o pátio para a rua.

Normalmente isto não seria um problema, porque vivo no final de uma rua muito tranqüila. Entretanto, com a rua cheia de neve, o condutor não me viu a tempo. Ao fazê-lo, fez o pior: Apertou os freios. Isso selou meu destino. Morrer não dói. Sei que sonha-se como um conto de nossos avós, alguma suscetibilidade tola para fazer as pessoas sentirem-se melhor a respeito da morte. Mas o fato é, que seu corpo está tão traumatizado pelo que está ocorrendo, que fecha suas terminações nervosas. Não só morrer não doeu, como não senti o frio. Embora fizesse uma temperatura de só dez graus essa noite.

Dirigia mau, admito-o. Quando vi que ia atropelar-me, congelei-me como um cervo diante dos focos dianteiros de um automóvel. Um cervo grande, estúpido, loiro, que recentemente tinha pago por uma tintura. Não pude me mover, nem ainda para salvar minha vida. Giselle pôde, certamente; a pequena desgraçada e ingrata, fugiu rapidamente fora dali. Eu, saí voando. O carro voava a quarenta milhas por hora, o que não seria mortal, e me fez chocar contra uma árvore.

Ouvi coisas quebrarem-se. Ouvi meu próprio crânio fazer-se pedaços — soou como se alguém mastigasse gelo em minha orelha. Senti-me sangrar. Senti como se minha bexiga se liberasse involuntariamente pela primeira vez em vinte e seis anos. Na escuridão e em meio a neve, meu sangue se tornou negro.

A última coisa que vi foi Giselle sentada sobre meu alpendre, me esperando para deixá-la entrar. O último som que ouvi foi o condutor, pedindo ajuda aos gritos.

CAPÍTULO DOIS

O que em seguida recordo, foi abrir os olhos em uma absoluta escuridão. Quando menina li um conto curto a respeito de um pregador que foi ao inferno, e quando chegou descobriu que os mortos não tinham pálpebras, assim não podiam fechar os olhos para bloquear a visão do horror. Imediatamente soube que não estava no inferno, já que não podia ver nada.

Tentei me mover. Encontrava-me em um espaço pequeno, fechado, que era uma intrigante combinação de suavidade e dureza. Estava sobre algo duro, mas os lados de minha pequena jaula eram acolchoados. Se este era um quarto de hospital,

era dos mais estranhos. E onde estava todo mundo? Tive uma brilhante idéia e tentei me sentar. Minha cabeça se chocou contra algo suave e ao mesmo tempo duro, que se moveu quando o empurrei. Consegui me sentar e pisquei na penumbra.

A princípio pensei que era uma grande cozinha industrial. Depois me dava conta de que estava sentada em um ataúde. O qual tinha sido colocado em uma mesa grande, de aço inoxidável. Isso significava que não era uma cozinha, isto era...

Quase rasguei algo quando saltei para fora. Saí muito rápido, por isso o ataúde e eu nos demos a volta e caímos ao chão. Quando caí, senti o golpe em meus joelhos, mas não me importei; em um segundo estava de pé e correndo.

Passei pelas portas e me encontrei em uma grande sala. Estava ainda mais escura; não havia janelas à vista, simplesmente filas e filas de cabides. No extremo mais afastado da sala se encontrava uma loira alta, atemorizada, vestida com um ridículo traje rosado. Poderia ter sido bonita se não se pintasse com blush alaranjado e muita sombra azulada. Além disso seu lápis labial, rosa pardo, estava apagado. Vi-a chocantemente pálida e qualquer maquiagem lhe ficaria ruim.

Cambaleou para o meu lado, com uns sapatos comprados em liquidações, onde se você compra um par, dão outro de brinde. Seu cabelo era bonito: até os ombros, com um lindo ondulado nas pontas e belos reflexos. Deve pintar seu cabelo por vinte e três dólares no *Shade Lush Golden Blonde*.

A mulher desse horrível traje era eu. A mulher com os sapatos baratos era eu!

Cambaleei enquanto me aproximava do espelho, com os olhos muito abertos. Sim, era eu, e sim, via-me horrível. Bem, por que não estaria? Estava morta. Ou não era assim? Esse tolo do Pontiac Aztek me tinha matado... Ou não?

Estava morta mas era muito burra para ficar assim. Morta e caminhando pela funerária com um traje barato e sapatos de couro falso. O enterro devia ser na manhã seguinte... ou hoje, algumas horas mais tarde, pensei, olhando o relógio. E minha tola e maliciosa madrastra, devia ter escolhido este traje para mim. E... Tirei um dos sapatos, e olhei dentro. Propriedade de Antonia O'Neil Taylor.

A cadela tinha a intenção de me enterrar com os seus sapatos de má qualidade! Isto me pareceu muito mais injusto que me incrustar em uma árvore enquanto meu gato olhava.

Meu gato! Quem ia cuidar do pequeno monstro? Provavelmente Jessica, ou talvez minha mãe... sim, minha mãe provavelmente.

Minha mãe.

Ocorreu-me que devia procurar meus entristecidos familiares e amigos e lhes comunicar que não tinha intenção de ser enterrada. Mas pensei melhor. Estava morta. Tinha sido transformada em zumbi ou algo assim, e precisava terminar o trabalho que Aztek tinha iniciado. Ou talvez este fosse o purgatório e tivesse alguma determinada tarefa que fazer, antes de que Deus me abrisse a porta. Tive o fugaz pensamento de que os doutores no ER se equivocaram, mas o descartei. Recordei, muito bem, o som de meu crânio fazendo-se pedaços. Se não tivesse morrido, agora estaria na UTI, com mais tubos que uma sala de aula de química. Não parecendo com uma prostituta. (Morta) ...usando lixo de mau gosto em meus (mortos) ... pés.

Além de tudo isso, não poderia suportar ver alguém que luzisse como eu. Caminhei até o final do vestíbulo, encontrei a escada, e comecei a subir. A funerária tinha três andares — e não queria nem pensar para que necessitavam dos outros dois — esperava que fora um edifício o suficientemente alto, já que pensava me atirar de cabeça.

A princípio pensei que a porta estivesse fechada com chave, mas com um forte empurrão se abriu complacentemente com um som de metal contra metal. Saí ao exterior. Era uma bela noite primaveril — toda a neve da tormenta se havia derretido. O ar estava úmido e morno, como se fosse fértil. Tive a estranha sensação de que se pulverizasse sementes no telhado da funerária, brotariam e cresceriam. Nunca uma noite tinha cheirado tão docemente, nem sequer o dia que mudei para minha própria casa.

Quando parei sobre a cornija, ignorei a muito forte pontada de apreensão que corria velozmente por minha coluna vertebral. Esta não era minha última noite na terra. Essa tinha sido uma noite atrás. Não tinha nenhuma razão para me sentir triste. Tinha sido uma boa garota durante minha vida, e agora ia querer minha recompensa, droga. Não ia andar caindo como uma zumbi, dando sustos horríveis nas pessoas e fingindo que ainda tinha um lugar no mundo.

Meu Deus, - solucei, vacilando enquanto me balançava, - vou ve-Lo agora-. Lancei-me do telhado e caí na rua, de cabeça, como tinha planejado.

O que não estava no plano foi a esmagadora e terrível dor de cabeça que me dominou quando me choquei contra o chão, mas nem sequer perdi a consciência, e muito menos vi meu camarada Deus.

Em lugar disso gemi, agarrei firmemente minha cabeça, e finalmente me levantei quando a dor diminuiu. Só para ficar esmagada contra um caminhão de lixo. Olhei para cima justo quando o aterrorizado condutor gritou...

-Deus, senhora, saia do caminho!

... logo, bati com força no pára-choque do caminhão, bem de cara. Deslizei para baixo como um bichinho atropelado na estrada, caindo sobre meu traseiro.

Quando me levantei, limpando a sujeira de minha horrorosa saia, o condutor olhou para trás e acelerou bruscamente como se o inferno o perseguisse. Não posso culpá-lo. Porque, quem ouviu alguma vez, falar de alguém atropelado por um caminhão do lixo, que se levantasse e continuasse caminhando?

CAPÍTULO TRÊS

Se tenho uma qualidade, é a persistência. Não funcionou jogar-me no Mississippi: Já não precisava respirar. Movi-me torpemente pelo fundo enlodado do rio durante meia hora, antes de me dar por vencida e encontrar, com dificuldade, o caminho de retorno à costa. Tampouco faleci quando agarrei uma linha de alta tensão (embora tenha feito coisas muito feias em meu cabelo). Bebi uma garrafa de veneno, e a única consequência foi um caso surpreendente de boca seca. Roubei uma faca de açougueiro do Wal-Mart mais próximo — o lugar perfeito para ir às compras se estiver morto, são as três da manhã, e não tem nenhum cartão de crédito — e me apunhalei no coração: Nada.

Caminhava desanimada pela Lake Street, pensando como cortar a cabeça, quando ouvi sussurros e algo que soou como um pranto amortecido. Não me movi, não tinha já suficientes problemas? Quando meu sentido comum retornou, aproximei-me do beco e virei na esquina. Vi três homens gigantesco ao redor de uma mulher. Levava pela mão uma menina de grandes olhos. A menina tinha em torno de seis anos. O medo fazia com que a mulher parecesse ter cinquenta. Sua bolsa estava sobre o chão, entre eles. Ninguém se tinha incomodado em recolhê-la, e me ocorreu o que certamente passou: Tinha-a atirado, tratando de fugir e havia terminado encurralada em uma esquina. Não queriam sua bolsa. Queriam...

- Por favor,- disse ela, quase sussurrando, e pensei que a acústica devia ser muito boa, para que eu pudesse escutá-los a quase uma quadra de distância. -Não me façam nada diante de minha filha. Irei com vocês, farei o que quiserem que eu faça, simplesmente, por favor, por favor...

-Mami, não me deixe aqui sozinha!- Os olhos da menina eram de um tom café claro, quase cor de uísque, e quando se encheram de lágrimas, senti estremecer algo dentro de meu coração morto -Vão-se, homens maus! Deixem em paz a minha mãe!

- Shhh, Justine, shhh - A mulher estava tentando fazer com que sua filha soltasse sua mão e tentando ainda sorrir. -Está cansada, é tarde, irei com vocês.

- Não é necessário,- disse um dos homens, olhando a criança. Justine começou a chorar, mas não antes de chutar a terra, levantando pedras e sujando com cascalho os pés do homem.

- Iremos no meu carro, o motor não funciona mas posso fazer... com todos vocês, por favor não... não...

-Ei, marmanjos!- Gritei alegremente. Os cinco saltaram, o que me assombrou...não era a caminhante mais silenciosa do mundo.

Não podia acreditar que estava fazendo isto. Não era exatamente o tipo de pessoa que gostava de confrontação. Mas, o que podia perder?

-Er... vocês, três idiotas. Não me refiro à senhora, nem à menina. Amigos, podem se aproximar e me matar, por favor?

Justine enormemente aliviada, sorriu-me, me mostrando que tinha perdido um de seus dentes de leite. Logo os homens se adiantaram, e Justine agarrou a mão de sua mamãe, começando a arrastá-la para a relativa segurança da rua Lake Street.

- Vou...

-Vamos, mamãe!

-Conseguirei ajuda!

- Não se atreva, - respondi bruscamente. - Se atrapalhar meu assassinato, me zangarei. - Um dos homens tinha agarrado meu braço, e me arrastava de volta para onde estavam Justine e sua mãe.

-Um momento, camarada, tenho... - ele me golpeou, e o afastei com um empurrão.

O resto ocorreu muito rapidamente. O primeiro degenerado não me havia golpeado, tinha me apunhalado, mas para o que serviu? E quando o afastei com um empurrão, seus pés deixaram a terra e saiu voando como se tivesse sido empurrado por ventos de força impetuosa. Quando finalmente tocou o chão, rodou uns bons dez metros, antes de poder levantar-se e sair correndo como se tivesse indigestão e necessitasse de um banheiro.

Enquanto o observava fixamente e com a boca aberta, me perguntando que tinha acontecido, os outros dois escaparam. Quando os alcancei, agarrei-os a ambos pela nuca, e fiz chocar suas cabeças. Houve um rangido repugnante, e escutei — crech! Seus crânios se fraturaram. Era o mesmo som que tinha ouvido no casamento de meu primo, quando o noivo pisou no copo. Os maus caíram ao chão, mais mortos que a música disco. Em suas caras ficou refletida uma eterna expressão de medo.

Quase vomitei em cima deles.

-Oh, caramba!

-Obrigada, obrigada, agradeço-lhe por isso!- a mãe de Justine se lançou em meus braços, cheirando a perfume Dune e a medo. Abraçou-me fortemente e balbuciou em meu cabelo. Retorci-me, tratando de me libertar, sem machucá-la.

-OH meu Deus, pensei que fossem violentar-me ou matar Justine, obrigado, obrigado, obrigado!

-Err... está bem, senhora, ah... Senhora. Acredito que está um pouco histérica.

Soltou-me, ainda balbuciando, afastando-se aos tropeções, ajoelhou-se, e começou a recolher as coisas que caíram de sua bolsa. Imediatamente quis me jogar sobre ela. Algo nela... o sangue. Por haver-se arranhado ou porque algum dos homens a tivesse ferido, estava sangrando; o sangue corria por debaixo de sua camisa, gotejando por seu braço, e repentinamente me encontrei tão sedenta, que não podia respirar.

Justine me olhava fixamente. Suas lágrimas secaram, fazendo brilhar suas bochechas à luz da lua. Estava muito pensativa. E parecia cinco anos mais velha que cinco minutos atrás. Apontou-me com o dedo.

-Isso não dói um montão?

Olhei para baixo, logo tirei de um puxão a faca de meu flanco. Saiu muito pouco sangue.

-Não. Obrigado. Uh... não está assustada. Quero dizer, agora?

-Por que pediu a eles que a matassem?

Normalmente não compartilharia confidências desagradáveis com uma criança desconhecido, mas o que podia fazer? Tinha sido uma dessas noites. Além disso, ela tinha visto a faca entre minhas costelas; senti-me obrigada a lhe dar uma resposta sincera.

-Sou um zumbi, - expliquei, mas de repente tive problemas para falar. - Estou tentando me matar.

-Você não é um zumbi.- Mostrou minha boca. -É uma vampira. Uma boa, quero dizer, - adicionou.

Minha mão subiu até minha boca tão rapidamente que na realidade me mordi. Senti as pontas afiadas de minhas novas presas; presas que tinham saído quando havia cheirado o sangue de sua mãe, presas que pareciam estar ocupando metade de minha boca.

- Uma vampira? Como isso é possível? Morri em um acidente, pelo amor de Deus! Não por uma mordida!

-Vai chupar nosso sangue?- Perguntou Justine com curiosidade.

- O sangue me faz vomitar. Como quando... uf.

- Acho que agora não - disse ela. Era a pessoa mais sensata que alguma vez eu encontrei. Estava tentada a fazê-la minha companheira de maldades. - Está bem. Pode, se quiser. Salvou-nos. Minha mamãe, - disse, baixando a voz a um sussurro confidencial, - estava realmente assustada.

- Ela não era a única, doçura... e por certo, considerando que tem um sabor forte, com toda essa juventude e essa energia percorrendo sua corrente sanguínea. Coloquei ruidosamente ambas as mãos sobre minha boca e comecei a retroceder.

- Corra -, gritei, mas não tive que me incomodar; a mãe de Justine havia terminado de recolher suas coisas, e percebendo minha nova dentição, levantou sua filha nos braços e correu na direção oposta.

- No final desta quadra há uma estação de metrô! - Gritei enquanto ela corria.- Pode tomar o... - Coloquei os dedos em minha boca. Minha coceira se desvanecia, e também minhas presas. - E o que pensa? Sair com sua filha às quatro da madrugada! - Gritei, também zangada. - Maluca!

As pessoas acreditam que por estarem em Minneapolis no meio oeste, os estupros, assassinatos e roubos não existem. Sim existem, mas simplesmente não com tanta frequência, como por exemplo, em Washington D.C.; apostaria mil dólares que o automóvel delas que tinha enguiçado era de aluguel.

Bom, o mistério estava solucionado. Eu era um vampiro. Como? Nem fazia idéia. As vítimas de acidentes automobilísticos não ressuscitavam de entre os mortos. Ou ao menos, é o que eu sempre tinha pensado.

A menos que... Podia ter relação com o ataque que tinha sofrido há alguns meses? Os assaltantes se comportaram como selvagens, grunhiam, apenas pareciam humanos. Até esta noite, era a coisa mais estranha que me tinha acontecido, incluindo a inspeção de fazenda e o divórcio de meus pais. Teriam me contagiado os agressores?

E por que estava tão tranqüila? Agora que era um faminto membro dos vampiros, deveria deixar sem sangue a meninas pequenas e logo almoçar suas mães. Os homens do beco tinham sido predadores, mas eu me havia horrorizado quando, acidentalmente, matei dois deles. Permiti a Justine e a sua mamãe... tinha-lhes ordenado que se fossem. Nunca tinha ficado tão sedenta em minha... ãh..., vida, mas isso não me controlaria. Não era um animal. Ainda era eu, Betsy, desesperadamente apaixonada pelos sapatos de qualidade, e poderia entregar minhas presas (ou minhas novas presas) pelo autógrafo de Russell Crowe. Russell Crowe... esse sim seria um quitute encantador.

CAPÍTULO QUATRO

- Pai, - gemi, - tem que me ajudar.

- Eu adoraria fazê-lo, mas não sou sacerdote.

- Vou para o Inferno, e maldição, não tenho feito nada para merecer tal coisa. Exceto por esse dupo homicídio. Mas foi um acidente! Deveria somar alguns pontos eu ter salvado Justine e a sua mamãe.

- Não sou um sacerdote, senhorita. Sou o empregado da limpeza. E esta não é uma igreja católica, somos presbiterianos.

- Pode me incinerar com água benta? - Poderia sujeitar o homem pela camisa, apoiado sobre as pontas de seus pés, era ao menos três polegadas mais baixo que eu. - Ou me cravar seu crucifixo até que eu morra?

Dirigiu-me um doce e tolo sorriso.

-É muito bonita.

Surpreendida, soltei-o, e fez uma coisa que me ofendeu, envolveu-me com seus braços e me beijou. Com força. Realmente com toda sua força, e se concentrou bastante ao fazê-lo; sua língua se movia dentro de minha boca e algo duro e firme se apertava contra a zona baixa de meu estomago. Tinha o sabor de Wheaties. Afastei-o suavemente, mas ainda assim, saiu voando por cima do banco da igreja e aterrissou com um forte golpe perto do púlpito. O sorriso não vacilou e tampouco, infelizmente, acabou com sua ereção; podia ver o volume em suas calças.

-Faça-o de novo, - disse suspirando.

- OH, vai dormir!- Respondi bruscamente e, para minha surpresa, sua cabeça caiu em cima de seu ombro e começou a roncar. Estava bêbado...na certa. Deveria tê-lo cheirado.

Olhe-o outra vez e me amaldiçoei, é obvio que era o empregado da limpeza; Estava vestido com umas calças jeans e uma camiseta na qual se lia "Limpezas D & E. , Ordenamos Sua Desordem!" Em meu nervosismo, me tinha dirigido à primeira pessoa que tinha visto. Ele por sua vez tinha me agarrado, mas tinha sido sincero.

Estava ainda surpresa, tinha conseguido entrar na igreja sem arder em chamas. Exceto que eu não gostei do resultado. A porta se abriu facilmente e a igreja era como todas: Proibitiva, mas reconfortante, parecia com um amado, mas severo avô.

Cautelosamente me sentei em um banco, esperando que meu traseiro saísse ardendo. Não houve nada. Toquei a Bíblia que havia diante de mim... nada. Esfreguei a Bíblia por todo meu rosto e nada.

Maldição! Certo, era uma vampira. Estava comovida, mas me acostumaria a isso. Exceto que as regras dos vampiros não se aplicavam em mim!

Deveria estar me retorcendo entre as chamas, não sentada impaciente em um banco de igreja, esperando que Deus mandasse minha alma ao inferno.

Olhe o relógio que estava em uma das paredes mais longínquas. Passava das cinco da manhã; o sol se levantaria logo. Talvez um passeio matutino pudesse acabar comigo.

Senti cheiro de amido, de algodão velho, e a aftershave, escutei ruído de passos, e dei a volta para ver o presbítero caminhando pelo corredor. Era um homem que estava ao começo de seus cinquenta anos, completamente calvo e com cãs aos lados e por detrás de sua cabeça. Tinha posto umas calças pretas e uma camisa de manga curta negra. Suas bochechas eram rosadas, indicando que se acabava de barbear, e trazia grandes óculos, que ressaltavam seu nariz aquilino. Um aliança de casamento brilhava no dedo anelar de sua mão esquerda. Ao menos pesava vinte quilos a mais para a altura que tinha, o que provavelmente queria dizer que devia dar uns excelentes abraços.

Com um olhar o viu tudo: O homem da limpeza desacordado e roncando no chão, e a garota morta sentada no banco da igreja, parecendo-se com merda de cão assado ao forno.

Sorriu-me.

- Deve ser segunda-feira.

Terminei lhe contando toda a história enquanto preparava um café na reitoria. Bebi três taças e terminei dizendo:

- Logo vim aqui, mas não houve nada quando entrei, nem quando toquei a Bíblia, nem quando tentei qualquer outra coisa que pudesse me machucar.- Omiti a parte em que o empregado da limpeza havia tentado me seduzir perto do púlpito – não queria colocá-lo em problemas. - Não tem uma cruz? - Adicionei esperançosa.

Em vez de me responder, desabotoou a pequena cruz de prata que levava ao pescoço e me deu isso. Fechei fortemente meus dedos ao redor dela, mas não ocorreu nada. Devolvi.

- Pode ficar, disse-me.

- Não...

- Sim, de verdade! Quero que fique com ela.

Suas bochechas estavam ruborizadas, e a cor se fez ainda mais pronunciada quando agarrei sua mão, coloquei a cruz nela, e fechei seus dedos.

- Obrigada, mas é sua. Não a deveria dar a uma desconhecida.

- Uma bela desconhecida.

- O que? - Primeiro o da limpeza e agora o ministro!

Como se respondesse a meu pensamento horrorizado, piscou e lentamente negou com a cabeça.

- Perdoe-me. Não sei o que... - Tocou sua aliança de casamento distraidamente, e pareceu tomar força para me olhar aos olhos. - Por favor continue.

- Não há nada mais. Estou perdida, - terminei. - Não tenho nem a mais remota idéia do que fazer. Estou certa de que pensa que estou louca, mas poderia fingir que acredita e me dar algum conselho?

- Não está louca, e não penso que minta, - tranqüilizou-me. Tinha um fraco acento sulino que imediatamente me fez pensar em grossa sêmola de milho e magnólias. - É óbvio que você sofreu uma terrível experiência e necessita... necessita falar com alguém. E talvez descansar.

Estava muito cansada para me esfaquear com a colher de café e demonstrar a veracidade de minha história. Simplesmente inclinei a cabeça assentindo.

- No que se refere à Bíblia que não a machuca, isso é bastante óbvio, querida, Deus ainda te ama.

- Ou as regras não funcionam comigo, - reclamei, mas enquanto dizia me dava conta da arrogante e ridícula que parecia. As regras de Deus se aplicavam a todas e cada uma das pessoas do planeta... exceto a Betsy Taylor! Merda... sim.

- Assim acha que eu deveria deter os instintos de auto-destruição?

- Imediatamente. - Ainda tocava sua aliança, e sua voz foi agora mais firme, menos sonhadora. - Disse que ajudou a essa mulher e sua garotinha, e não mordeu ninguém. Está claramente em posse de sua alma. - Vacilou e logo continuou. - Um paroquiano meu trabalha para um... em um bonito lugar no centro da cidade de Minneapolis. Posso dar-lhe seu cartão, e você poderia chamá-lo? Se não tiver carro, eu posso levá-la.

- Com gosto aceito o cartão, - falei, logo acrescentei a mentira: - Chamarei por ele pela manhã.

O ministro e eu, havia me dito seu nome mas eu esqueci, nos separamos em bons términos, e quando saí, tratava de despertar o empregado da limpeza.

Fui para minha casa. O presbítero tinha pensado que eu era uma louca excêntrica, mas não deixei de escutar seu conselho. Minha antiga vida tinha terminado, mas começava a ver que... talvez poderia começar uma nova. Era um membro faminto e sem coração dos não-mortos, mas havia formas e formas, e não tinha por que ser uma sanguessuga com pernas se não quisesse. Em primeiro lugar, existiam ao menos seis bancos de sangue nesta cidade.

E Deus ainda me amava. Também, aparentemente, o empregado da limpeza e o ministro, mas disso me preocuparia outro dia. Agora me ocorreu uma idéia

bastante óbvia, e me perguntei por que não me teria ocorrido mais cedo essa mesma noite: Quando tentei matar-me de nove ou dez formas diferentes, e nenhuma delas funcionou, obviamente isso significava que estaria por aqui durante um tempo. Incrivelmente, tinha recebido uma segunda oportunidade.

Não fiz planos para desperdiçá-la.

Minha casa estava exatamente igual por fora, exceto quando tratei de entrar, algum bobo tinha deixado a porta sem fechar (Oh, um momento... ou melhor, fui eu). Estava realmente bagunçada. Um bom número de coisas estavam guardadas em caixas, empilhadas de qualquer maneira por toda minha sala de estar. Cheirei o perfume de minha madrastra (¹*Lauren*, tinha usado muito) no ar e tive uma horrível ideia.

Corri ao meu quarto e abri violentamente a porta do armário. Minhas roupas estavam ali, assim como também estavam as Stride Desafie? que usava quando vestia-me informalmente e os sapatos das ofertas que tinha comprado para os dias de escritório.

Mas meus bebês, os ²*Manolo Blahniks*, *Pradas*, *Ferragamos*, *Guccis*, e *Fendis*... haviam desaparecido.

Minha madrastra tinha feito o diretor da funerária me vestir com um de seus velhos trajes, pusesse em mim um par de sapatos usados, e logo tinha corrido à minha casa e levado meus calçados de qualidade.

Enquanto ainda processava esta informação, ouvi um “miau” e olhei para baixo a tempo de ver Giselle me olhando às escondidas da porta.

Sorri e dava um passo para ela, só para vê-la arrepiar-se, aumentando duas vezes seu tamanho e escapar de mim tão rápido que se chocou contra uma parede, ricocheteou de lado, e continuou.

Sentei-me em minha cama e chorei.

* * * *

Chorar é bom enquanto dura, mas só pode fazê-lo durante algum tempo. É estranho fazê-lo quando aparentemente não tem lágrimas (isto queria dizer que tampouco urinaria ou suaria?). De qualquer maneira, eventualmente termina, e tem que se resolver o que fazer depois.

Cambaleei para a cama, frouxa como um macarrão cozido e completamente exausta.

E sedenta. Mas não ia fazer nada sobre isso agora. Talvez um sanduíche de Giselle, não, não! Tampouco ia fazer isso. Simplesmente ia ficar me aqui, meu

¹ Marca de perfume (N. da Tradução)

² Marcas de calçados (N. da Tradução)

quarto estava orientado para o este, e deixar que o sol acabasse comigo. Se despertasse morta outra vez, tomaria como um sinal de que devia seguir adiante. Se não despertasse... bom, ao menos teria solucionado o problema. O inferno não poderia ser pior que um Wal-Mart depois de meia-noite, verdade? Com esse pensamento em minha cabeça, adormeci.

CAPÍTULO CINCO

Despertei instantaneamente, como na funerária. Esta era, definitivamente, minha casa; habitualmente tinha necessitado uma hora para tomar banho, e duas taças de café para despertar. Nunca mais. Em um minuto estava morta (há!) para o mundo e no seguinte estava completamente acordada e me levantando do ataúde. Bom, de minha cama, com lençóis da *Laura Ashley*.

A primeira que vi foi Giselle, sentada ao pé de minha cama. Aparentemente tinha-me farejado durante o dia e tinha decidido que ainda era eu. Assim é que a primeira coisa que fiz foi alimentá-la. Logo tomei uma ducha, pus uma roupa limpa, cômoda, e me meti em minhas sapatilhas.

Estava aqui, estava morta e me acostumando a isso... ou de qualquer minha maneira, minhas queixas sobre ser vampira tinham acabado. Não ia tentar mais suicidar-me. Era hora de adaptar-se e negociar. Como?, não tinha nem idéia, mas era importante começar. Sobre a marcha calcularia o resto do plano. Passo um: Recuperar meus sapatos. Era hora de visitar o lar.

* * * *

Umás poucas palavras sobre minha madrasta. Poderia tê-la perdoado por casar-se com meu pai. Poderia tê-la tratado como a uma rival, em vez de um membro da família. Não a perdoaria por ter corrido atrás de meu pai quando ele ainda era casado, derrubando-o como a uma gazela ferida e depois casando-se com ele. Meu pai não era um santo — nunca foi — mas Antonia fez tudo o que pôde para ajudá-lo a cair em desgraça.

Minha mãe recebeu a casa e a humilhação por sua família e amigos saberem que seu marido a trocara por uma modelo mais nova e mais magra. Meu pai recebeu Ant e uma promoção — ela era definitivamente a esposa-troféu, e foi uma grande ajuda para sua carreira. Consegui uma madrasta, à tenra idade de treze anos.

A primeira coisa que me disse foi, “Cuidado com meu traje.” O segundo foi, “Não toque nisso.” ‘Isso’ era um dos floreiros de minha mãe.

Chegou em nossa casa e nos tornou prisioneiros. Por minha parte, serei honesta: Não fiz nenhum esforço para chegar a conhecê-la. Interesse zero em construir uma relação com a mulher que tinha destruído o casamento de minha mãe. Mas é que dificilmente se pode ser amável com alguém, quando em seguida se dá conta de que não gosta dessa pessoa.

Aproximadamente uma semana depois que se mudou, ouvi-a, por casualidade, referir-se à minha mãe como “essa vaca dos subúrbios,” então atirei seu colar de ouro no liquidificador. Enquanto minha madrastra gritava, pressionei ‘purê.’ A isto se seguiu minha primeira visita ao psicólogo...

Meu pai, o pobre tolo, simplesmente tratou de manter a cabeça baixa. A seu favor, nunca cedeu às petições de Ant para que eu fosse viver apenas com minha mãe. Tinha-lhe sido concedida minha custódia compartilhada, e por Deus que seria compartilhada. Em lugar disso a acalmou com bagatelas, subornou-me com livros, e foi a um montão de seminários fora da cidade. Aceitei os livros, e tratei de me dar bem com ela. Por outro lado, nunca voltei a escutar Antonia insultar a minha mãe e não me vi obrigada a lançar mais metais preciosos em nosso liquidificador. Mas simpatizei pouco com eles. Faziam suas próprias eleições.

* * * *

Encaminhei-me para sua casa, estupidamente grande — realmente necessitam duas pessoas cento e trinta e cinco metros quadrados? — Saí de meu carro.

Aparentemente nem minha casa, nem meu carro tinham sido vendidos; Nenhuma de minhas coisas — lamentáveis como eram — tinham sido liquidadas. Bom, droga, só tinha ficado morta uns dias. Minha família..., bom, minha mãe e meu pai — indubitavelmente, ainda estariam em estado de choque.

Abri a porta principal a tempo de ouvir o doce tom de minha madrastra:

- Maldição, Arnie, deveria despedir esses idiotas! Perderam o corpo de sua filha! Agora, o enterro se atrasará quem sabe quanto tempo, e vamos ter que atrasar nossas férias!

Ouvi um ‘tinido’ quando meu pai deixou cair um cubo de gelo em seu gole de Dewar.

- Também estou zangado, Toni, mas demos uma oportunidade à funerária. Sei que estão fazendo tudo o que podem. Se não a encontraram... - Aqui sua voz se quebrou um pouco, e instantaneamente lhe perdoei para a maior parte de minha adolescência. - ...não encontraram o corpo de Betsy amanhã, farei algumas chamadas telefônicas.

- Não é necessário, - falei, entrando no salão. A cara de minha madrastra bem valeu o sofrimento de morrer e retornar. - Estou aqui. Ant, onde diabos estão meus sapatos?

Um tétrico silêncio viu-se quebrado pelo choque do vidro quando a taça de minha ³ogrodrastra chocou-se contra o chão. A cor desapareceu de seu rosto, e pela primeira vez notei nela, a fina rede de pés-de-galinha que cercavam seus olhos.

- B-Betsy?- Meu pai tratava de sorrir, mas as comissuras de sua boca tremeram e vi que tinha medo. Isto era horrível — meu pai, assustado comigo!

Mas não ia fazer nada a respeito neste momento. Caminhei para sua esposa.

-Deu à funerária um traje rosa, quando sabe sem dúvida alguma que odio o rosa. Deu-lhes seu lixo de sapato quando sabe o quanto amo meus sapatos de design e boa marca. Depois entrou às escondidas em minha casa e roubou meus sapatos bons.

Ela tinha retrocedido até o suporte da chaminé, e em poucos segundos provavelmente subiria nela. Não parei até que estivemos nariz com nariz. Seu fôlego cheirava a lagosta. Que bom! Um jantar de celebração no dia em que enterravam a sua enteada.

- Agora. Onde estão?

- Toni, você fez isso? - Perguntou meu pai. Isto era típico dele. Sempre passava por cima dos grandes problemas, os insuperáveis (sua filha retornando da tumba) e enfocava sua atenção em algo mais manejável (os sapatos roubados pela cadela de sua esposa à filha morta). - Sabe quanto tempo estive economizando para comprar os...

- Ela estava morta, Por Deus! - Agora, minha ogrodrastra voltara a si, para parecer insultada e acossada.

- É irrelevante! - Respondi. Ouvi como algo se quebrava a minhas costas, mas não virei-me para olhar. - Onde estão?

- Elizabeth..., eu... você... você não é... não é você mesma, isso é o que acontece!

- Antonia, sua velha bêbada, você nunca disse palavras mais certas. É melhor que diga onde estão meus sapatos. - Apoiei-me mais perto e sorri abertamente.

Ela empalideceu e ouvi como sua respiração se detinha.

- Deveria ter visto o que aconteceu aos dois últimos tipos que me deixaram zangada.

³ “Ogro”, bicho-papão, monstro. Madrastra-monstro. (N.da Tradução)

- Provavelmente estejam em seu quarto, - disse uma voz brandamente detrás de mim. Virei-me e vi minha melhor amiga, Jessica, na entrada. Seus olhos estavam avermelhados. Vestia uma saia larga e transparente de seda negra, sobre umas malhas da mesma cor e um pulôver de gola alta; seu cabelo estava penteado para cima, em um coque tão apertado que fazia subir suas sobrancelhas, lhe dando uma aparência de perpétua surpresa. Não tinha se maquiado, para mostrar que estava de luto. Não tinha visto Jessica sem rímel desde o sétimo grau.

- A senhora Taylor não teria perdido tempo em guardá-los, sabe. - Logo se pôs a chorar. - Oh, Liz, pensei que estava morta! Todos pensamos que estava morta!

-Não me chame assim, sabe que o odeio. Ordeno-lhe isso, - falei quando Jessica se atirou em cima de mim. Antes que me abraçasse, pus uma mão na cara de minha ogradrastra, dei-lhe um empurrão muito, muito suave e saiu pelos ares dando com seu traseiro em uma poltrona. - É muito longo para contar. Prepare-se para se deleitar com a história.

Logo minha mais velha amiga chorou contra meu pescoço enquanto eu a levava para o dormitório. Olhei para trás e vi que minha madrastra ficou com o olhar fixo, em um estado de total atordoamento e que meu pai se preparava outra bebida.

CAPÍTULO SEIS

-... depois decidi recuperar meus sapatos e aqui estamos. Querida, pode me soltar por um minuto?

Jess tinha estado todo o tempo agarrando firmemente minha mão com as delas, e me deixou ir com inapetência. - Não me posso acreditar nisso, - dizia, negando com a cabeça tão fortemente, que me deu dor de cabeça observá-la. - Não posso acreditar nisto.

Estávamos ajoelhadas diante do armário do Ant. Estava procurando muito minuciosamente meus sapatos e pondo-os dentro da saia de um vestido de noite de mil e quatrocentos dólares, que pertencia a minha madrastra (que mulher de quarenta e cinco anos necessita um traje de noite tão chamativo?). Meu pai e minha madrastra se escondiam no salão, muito assustados para falarem comigo, e averiguar que tinha acontecido. Podia cheirar seu medo e sua ansiedade — era parecido ao aroma do plástico queimado — não ter que vê-los era um alívio, mas me sentia mal de qualquer jeito.

- É que não posso acreditar nisso, - Disse Jess outra vez.

- Você não pode acreditar nisso - Repeti. - Imagine despertar morta e tratar de entender a situação. Levou quase dois dias para eu entender. Ou ao menos,

começar a me acostumar à idéia. Nem sequer estou segura de como ocorreu, ou do que eu sou.

- Não me importa droga nenhuma, - disse Jessica. - Está viva, caminhando e falando, e isso é tudo o que me importa. - Rodeou-me de novo com seus braços. Pesa uns quarenta quilos e foi como ser agarrada por um molho de paus. - Liz, estou tão feliz de que esteja aqui! Foi o pior dia de minha vida!

- Que coincidência! - Solucei, e ambas nos rimos bobamente.- E não me chame Liz, sabe que odeio.

- Fará o que, chupará o meu sangue?

- Estou tratando de adiar isso, - admiti, mas não pude evitar lançar uma olhada a seu negro e comprido pescoço. - Pensei em fazê-lo e freqüentemente. Mas odeio carne escura.

Ganhei uma dolorosa cotovelada. Incomodava verbalmente Jess cada vez que podia, porque era o privilégio de ser sua melhor amiga e também porque tinha um montão de prejuízos. Pensava que todos os brancos eram avaros e traidores, com a possível exceção de minha pessoa. Devo admitir, que algumas vezes podia ser duro rebatê-la.

Quando nos conhecemos no sétimo grau, as primeiras palavras que me dirigiu foram, "Morra duas vezes, privilegiada ⁴*whitemeat schmuck?*." Que dissesse isto enquanto aferrava uma bolsa Gucci não pareceu ter maior importância para ela. Minha resposta foi, "chore dentro de uma bolsa de dinheiro, doçura." A surpresa a converteu em meu amiga. Assim é como tenho feito a maior parte de meus amigos: Pelo elemento surpresa.

- Agora é uma vampira, - seguiu Jessica, - espero que deixe de me reprimir a mim ou a outros, sobre nossas crenças raciais, - disse; era a coisa mas graciosa que tinha escutado em todo o dia. Jessica era quase tão reprimida como Martha Stewart⁵.

- Entendido.

- Você esta enlouquecendo com o malvado desejo de se alimentar?- Perguntou com o mesmo tom que se houvesse dito 'Você gosta da creme?'. Não pude evitar sorrir abertamente.

- Não estou louca, mas estou super, super sedenta. Como, quando você se levanta da cama e trabalha durante uma hora sem tomar nada, ou dança no clube toda a noite, assim de sedenta.

⁴ "Estúpida carne branca". Em polonês. (N. da tradutora-revisora).

⁵ Polêmica apresentadora de programas televisivos de entretenimento. (Nota da tradutora-revisora).

-Bom, pois, mantenha-se longe de meu... odiaria usar o aerosol de pimenta com minha melhor amiga.

- Bem. Depois de me atirar de um telhado, ser enrolada por um caminhão de lixo, me eletrocutar, beber veneno, cometer um duplo homicídio e ser assaltada, lhe asseguro que não quereria ser orvalhada com pimenta.

Ela sorriu.

- Agora não é "fatal". Bem. Não necessito outra chamada telefônica como a que recebi a semana passada.

- Falando sobre isso... quanto tempo estive morta? O que ocorreu? Não posso perguntar, - gemi, sacudindo com força minha cabeça para o salão. - Ele está em estado de choque e ela é uma inútil.

- Bom, - começou Jessica lentamente, dobrando as pernas baixo ela e entrelaçando os dedos de suas mãos. Parecia-se com um pregador negro rezando. - Seu pai me chamou na quarta-feira de noite. Reagi às notícias de sua morte chamando-o maldito branco mentiroso e soltei o telefone. Para que saiba, nunca chamei alguém de branco em minha vida; é tão do século vinte. Logo, comecei chorar. Também muito do século vinte. Isto durou aproximadamente oito horas. Chamei o resto da turma, e falei com o muito bom oficial...

- Nick Berry?

- Chamou para perguntar sobre o funeral. Acredito que se inteirou do acidente porque é um policial e conhece tudo isso. Estava no enterro, - adicionou astutamente. Tinha estado fazendo brincadeiras durante meses sobre meu inexistente romance.

- Oooh, me dê mais detalhe, quem mais esteve no funeral?

- Humm... a maioria da turma do trabalho. E seu chefe anterior! Ele a despediu, você morreu, e o tipinho tem a cara de pau de mostrar-se triste por você no enterro. E além disso me perguntou se tinha idéia de onde podia ter guardado o número de telefone do tipo que repara a fotocopadora. Uff. É obvio, realmente não houve um enterro... perderam seu corpo! Imagine, estamos todos aí, esperando que comece o funeral e o diretor da funerária fica em pé e nos diz que têm 'um pequeno problema' ... Acreditei que era estranho, até que você entrou nesta casa e então sim, que vi algo realmente estranho. E falando em estranho, não foi embalsamada? Digo, simplesmente não fez efeito em você? Ou sua família foi tão miserável que pulou essa etapa? Ou o que houve?

- Pergunta isso a mim? Como diabos deveria sabê-lo? - Logo contive um estremecimento. Inclusive o pensamento de uma liposolução me dava calafrios, nem pensar de intubações e fluidos embalsamadores. Um enigma que não estava muito apurada em resolver, essa era a verdade. - De todas maneiras, por que está

aqui? Não estou me queixando, provavelmente me salvou de estrangular a megera da Ant. Mas odeia meus pais. Não me diga que comprou toda sua hipoteca do banco e veio a executá-la.

- Oxalá. Entretanto, obrigado pela idéia. Vi os sapatos de Mrs. Taylor no enterro. Em seguida soube que esses não eram seus *Pradas*. Assim quis vir de visita e tentar recuperá-los.

Sorri-lhe. Parecia uma rainha egípcia, e lutava por seus amigos como um coioote raivoso. Sem dúvida desprezava meu pai e a sua esposa, mas enfrentaria a eles em sua maldita casa, no dia de meu enterro, para recuperar meus sapatos.

- OH, Jess... por que? Achava que eu estava morta. Não precisava mais deles.

- Mas, e se eu ... - disse ela asperamente. O que era uma mentira. Jessica tem os pés como os do Magic Johnson. - Além disso, não estava certo. Que a megera agarrasse as chaves de seu pai, entrasse em sua casa, e os roubasse! Sabia que você não ia gostar que ela os tomasse. Acreditei que poderia doá-los ao Foot.

Assenti com a cabeça. Em seu tempo livre (que devo dizer, são cinquenta horas por semana), Jessica dirigia o Right Foot. O Foot dava conselhos sobre entrevistas de trabalho, assessoria, ajuda para escrever um *curriculum vitae*, também emprestava acessórios e trajes de segunda mão para que as mulheres desfavorecidas pudessem usá-los em entrevistas de trabalho. Teria sido um lugar excelente para terminarem meus sapatos.

- Uma idéia impressionante, e abenço seu coração por pensar nisso. - Atei os extremos do traje de noite com meus sapatos dentro, fazendo uma trouxa com o vestido e lançando-o sobre meu ombro como um Papai Noel vampírico. - Suponho que agora que retornei da tumba não ocorrerá nada disso.

Dei o serviço por terminado. Recolhi rapidamente as jóias de Antonia, parei na cozinha, e dei a trouxa com sapatas a Jess, que olhou com interesse enquanto eu jogava as jóias de Ant no liquidificador, tampava-o com força, e apertava 'purê'. O movimento produziu um ruído desagradável, que a fez vir gritando e correndo. Meu pai, como sempre, se foi esconder, confortado pela presença de seu uísque antigo e sua nova coleção de revistas pornô.

Depois de alguns segundos, durante os quais todos cravamos os olhos no liquidificador que vibrava poderosamente, coloquei-o em pausa.

- Nunca volte a entrar outra vez em minha casa sem permissão. Toque minhas coisas de novo, não importa se estiver morta ou não, e chutarei seu traseiro até que chegue aos ombros. - Isto falei suavemente enquanto arrancava o bracelete do liquidificador e dava a ela. - Entendido? Ótimo. Vemo-nos na Semana Santa.

Sáímos. Recordar Antonia O'Neill Taylor encolher-se de medo quando passei a seu lado, seria algo que entesouraria eternamente.

CAPÍTULO SETE

Depois de discutir durante um momento, Jessica e eu tomamos distintos caminhos, e dirigi-me para a casa de minha mãe. Agora que tinha decidido forjar uma vida nova (não tinha nem idéia de como), não podia deixar que passasse outro minuto com minha mãe pensando que ainda estava morta.

- Isso está bem,- havia dito Jessica, - mas poderia ter explicado a seu pai e Mrs. Taylor que a razão pela qual ainda está por aqui é porque é uma vampira. - Sua voz se rasgou em 'vampira' sufocando uma risada tola. Não a podia culpar. Soava ridículo.

-Você os viu, - repliquei. - Pareciam capazes de escutar alguma explicação? Meu pai nem sequer saiu para me dizer adeus.

-Tem razão.

Tinha pedido a Jessica que contasse as notícias para aqueles que ela achasse que precisavam ouvi-lo, mas se tinha horrorizado ante a idéia.

- No cinema, os vampiros sempre passam à clandestinidade, - discutiu - Permanecem mortos para seus amigos e sua família.

- A) isto não é o cinema, e B) não quero que meus amigos e minha família pensem que estou morta quando ainda estou por aqui. Isto não é um segredo! Não quero andar me escondendo pelas sombras como uma anêmica idiota, durante os seguintes duzentos anos.

- Que aconteceria com o governo? E os cientistas? O que aconteceria se quisessem capturar você para te estudar? Além disso, há uma certidão de óbito. Assim é que seu número da segurança social não serve, cortaram seu crédito... não pode continuar de onde parou, Betsy, pense nisso.

Não tinha pensado nisso. Como ia ganhar me a vida? Talvez poderia trabalhar no turno de noite de um motel, ou em algo parecido.

- Pois diga-lhes ou cale-se, isso dá no mesmo para mim. Só lhe digo que não vou ficar escondida na mais escura das sombras. Que lhe pareceria se não lhe houvesse contado tudo?

- Isso é diferente. Somos quase irmãs.

-Toda a gente diz, - falei agudamente, - pela grande semelhança que temos, não é?

Jessica revirou os olhos.

- Somente digo que não tem motivos para contar a todo mundo. Talvez somente para a sua família e a mim. E talvez também ao Oficial Nick. Poderia convidá-lo a ir à sua casa... pôr música sedutora, algo horrível parecido ao Sade, e ir logo ao ataque! Ele poderia ser sua primeira comida.

Tratei de não pensar nisso, embora uma parte de mim despertasse fome ante a imagem mental do oficial Nick sendo o primeiro.

- Está doente da cabeça, - disse-lhe.

- Vá para casa e durma um pouco. Não estou doente, tenho medo. O que é bom dada as outras alternativas... Cumprimente a sua mãe por mim. E pense no que lhe disse, malandra. O cinema não pode estar equivocado de todo. - Olhe quem o diz, Jessica quase nunca vai ao cinema.

* * * *

Estacionei em frente da pequena casa onde vivia minha mãe, uma moradia de dois andares, no Hastings, um subúrbio do St. Paul. Embora fosse quase meia-noite, todas as luzes do nível inferior estavam acesas. Minha mãe devia de ter insônia, no melhor dos casos. Mas estava certa de que não era isso.

Quase corri pelo alpendre, chamei duas vezes e logo movi a maçaneta. Aberta — uma das coisas que eu gostava no Hastings. Dava um passo na sala de estar e vi uma mulher sentada na cadeira de minha mãe. Tinha o cabelo encaracolado e grisalho de minha mãe (tinha começado a encanecer na escola secundária), e tinha posto o traje negro de minha mãe, e as pérolas de minha mãe, um presente de bodas de seus pais.

- Quem... é você?, quase perguntei, mas era óbvio que era minha mãe. O trauma e a pena a tinham feito envelhecer vinte anos. Tinha ficado grávida de mim um mês depois de terminar a escola secundária, e freqüentemente tínhamos sido confundidas por irmãs. Hoje em dia não.

Ficou com o olhar fixo em mim. Tratou de falar mas sua boca tremeu e a impossibilitou dizer uma só palavra. Agarrou os braços de sua cadeira de balanço tão fortemente que ouvi como seus ossos rangiam. Atravessei rapidamente o quarto e me atirei aos pés de sua cadeira. Ela estava tão mal que estava aterrorizada.

- Mamãe, sou eu, se acalme! Estou bem!

- Este é o pior sonho de mim vida - comentou para ninguém em particular. Senti sua mão subir e acariciar minha cabeça. - É claro que sim.

- Não é um sonho, mamãe. - Agarrei sua mão, e a pressionei contra minha bochecha. - Está vendo? É real. - Belisquei sua perna através da saia, forte o suficiente para fazê-la gritar. - Está vendo?

-Você, menina miserável, vou ter um machucado do tamanho de uma ameixa.

Notei como suas lágrimas caíam sobre meu rosto.

-Você, menina horrível, horrível. Uma tão impossível. Uma tão... - Começou a chorar e não pode terminar com as queixas amorosas e falsas de sempre.

Abraçamo-nos durante muito tempo.

* * * *

- Não se assuste, - disse-lhe meia hora depois, - mas sou um vampiro. - como Jessica diria, 'pouco me importa.'

- Também, corre mas rápido que o olho humano pode ver. Sabia?

- O que?

Minha mãe lançou um punhado de queijo parmesão recém ralado no risoto e me olhou.

- Quando correu para mim. Pisquei e já estava a meus pés. Moveu-se mais rápido do que podia ver. Talvez estiveste envolta em algum tipo de experimento cientista secreto, patrocinado pelo governo e nunca o tenha mencionado.

- Não, mas seria uma boa desculpa. Terei que lembrá-la.

- Ou há uma explicação sobrenatural.

Pisquei. Minha mãe sempre tinha tido uma nervura fortemente prática, mas se estava ajustando a meu novo status de não-morta, com um aprumo incrível. Deve ter lido minha expressão, porque disse,

-Doçura, você estava morta. Estava no o necrotério. Eu a vi.

Fiquei em silêncio, e imaginei sua agonia. Caminhar pelo estéril vestíbulo com aroma estéril, rodeada pela morte. O brilho das luzes fluorescentes. Um doutor profissionalmente compassivo. Logo, a identificação:

- Sim, essa é minha filha. Ou o que ficou dela.

- Quase toda cultura tem lendas a respeito dos vampiros. Frequentemente tenho pensado que algo de verdade deve haver nas histórias... senão, por que haveria tantas?

- Com essa lógica, - falou, - posso concluir que o coelhinho da Páscoa virá este mês?

- Que engraçada. Quer risoto?

- Por favor. - Minha mãe tinha deixado de chorar, lavou o rosto, trocado o traje que tinha vestido para o meu enterro, e estava cozinhado minha comida favorita: lombo com risoto. Como Jessica, não podia deixar de me tocar. Não me importava!

- Estou tão faminta, e isso cheira espetacularmente.

Engoli tudo em quase trinta segundos. Logo passei os cinco minutos seguintes no banheiro vomitando tudo. Minha mãe me sustentou o cabelo mantendo-o afastado de meu rosto e, quando terminei caí com desânimo no chão do banheiro, ela me deu um pano úmido para me lavar.

Comecei a chorar, esse estranho pranto sem lágrimas que era agora minha especialidade.

- Já não posso comer comida normal! Não mais risoto, nem coquetel de camarão, lagosta, costela de primeira...

- Nem câncer, AIDS, morte por algum ataque de bandidos nas ruas, estupro, homicídio.

Olhei para cima. Minha mãe me olhou com uma mescla de compaixão que era sua marca registrada. Tinha visto esse olhar quando lhe disse que ia suspender meu curso na universidade.

- Eu gostaria de ser mais compassiva, - disse ela, - mas estou tão feliz que esteja de volta, Elizabeth. Tão horrível como foi para você, não tem idéia do que os últimos três dias foram para mim, para seu pai e seus amigos — pensei que Jessica ia sofrer um colapso na funerária. Não pensei que a garota pudesse chorar, mas virtualmente se derreteu hoje. Seu pai nem sequer me reconheceu, estava em tal estupor...

- Oh Mamãe...

- Mas nunca terei que voltar a me preocupar de ter que ir ao necrotério outra vez, a menos que tropece com uma estaca de caminho a casa. No que se refere ao resto disso: Negociaremos.

Olhei-a com o cenho franzido.

- Não acredito que as pessoas que podem comer risoto devessem opinar.

- Menina tola. É apenas combustível. Escova suas presas, e logo falaremos um pouco mais.

- Muito cômica! - gritei-lhe enquanto saía.

CAPÍTULO OITO

Entrei em minha garagem às quatro e meia da manhã. Havia um carro estranho estacionado em minha rua, um Taurus branco. Quando passei a seu lado olhei melhor e vi uma luz piscando. Era da polícia. No momento em que entrei em minha casa pude cheirar o distintivo aroma do Detetive Nick Berry. O que, em realidade, nunca tinha feito antes. Tudo o que chegava a cheirar na delegacia de polícia, cada vez que ia vê-lo, era a croissants rançosos (o dos pequenos donuts é um mito) e café requentado.

Saiu correndo de minha cozinha e se parou de súbito quando me viu. Abriu sua boca e fez um movimento para a arma em seu coldre.

- OH, isto é genial, - respondi bruscamente. - Não se atreva a me apontar a arma em mim na minha própria casa. E, onde está sua autorização?

- Não precisei, acreditei que estava morta.

Céus, Jessica não pôde esperar para lhe dizer isso. Eu a estrangularia na próxima vez que a visse. Disse-lhe que meu estado de “não-morta” não era um segredo, mas não quis dizer que tivesse que correr para contar à polícia antes de todos. Essa tola ... tê-la como amiga é apenas uma bênção pela metade.

- Não acreditei..., pensei que era uma piada de mau gosto... mas lhe prometi que ia tirar isso a limpo. Sabe que é contra a lei fingir a própria morte? A D.A. vai ficar ficar muito zangada.

- Embora pareça mentira, Nick, esse é o menor de meus problemas neste momento.

Tinha tido a vista cravada em mim enquanto falávamos, e quando tirei as sapatilhas cruzou o quarto. Para meu completo assombro, tomou-me em seus braços como um herói de uma novela romântica.

- Meu Deus, - disse, olhando-me com os olhos fixos nos meus. Tínhamos a mesma altura, o que era um pouco inquietante. Seus olhos eram da cor do café claro, com bolinhas verdes. Suas pupilas pareciam enormes. - É tão bela.

Ainda não me podia mover petrificada de assombro. Nick me parecera meio doido algumas vezes, muitas vezes para estreitar minha mão ao nos cumprimentarmos, e em outra ocasião nossos dedos se tocaram quando me deu um *Milky Way*⁶, mas sempre tinha sido amável. Uma pessoa agradável. Tinha-me dado conta de que não tinha nenhum interesse por mim, por isso nunca o tinha paquerado; é por isso que as indiretas de Jessica eram tão molestas. Mas agora...

⁶ Uma barra doce, com o centro de torrão e banhada em chocolate. (Nota da Tradutora-revisora).

-Meu Deus, - disse-me outra vez, e me beijou. Mas parecia como se estivesse tentando me engolir. Sua língua entrou em minha boca e de repente me encontrei respirando seu fôlego. Isto me surpreendeu, mas não me desagradou. Então:

- Ai! - Ele assustou-se e retrocedeu tocando seu lábio inferior, onde havia aparecido uma diminuta gota de sangue. - Mordeu-me.

- Sinto muito — mas você me beijou.

Não podia afastar a vista dessa diminuta gota carminada. Resplandeceu. Me cativou. Rogou-me que a saboreasse.

- Nick, preciso disto. Agora mesmo.

- Mas é tão bela, - sussurrou-me, e me beijou outra vez, desta vez mais amavelmente. Saboreei seu sangue, e isso foi suficiente. Antes tinha acreditado que tinha sede... O desejo mais forte e premente que alguma vez havia sentido, caiu-me em cima. Devolvi-lhe o beijo, sugado seu lábio inferior, e logo rasgamos as roupas mutuamente como um par de adolescentes excitados. Ouvi o “clunk” de seu revólver caindo no chão, ouvi o tinido das moedas em seus bolsos quando suas calças também caíram em um atoleiro de poliéster, um rüüüüüüp me disse que precisaria comprar uma camisa nova. Não tenho nem idéia do que aconteceu com minhas malhas. Poderia tê-las comido e não me teria dado conta.

Arranque minha boca da dele, movi com força seu rosto para um lado, e o mordi no pescoço. Não estava nem remotamente horrorizada. Não houve nenhuma reticência, nenhum medo virginal, parecia que bebia um Cosmopolitan em vez de seu sangue. Não podia esperar. Não esperaria.

Prepare-me para lhe morder forte, mas minhas presas deslizaram por sua pele como um laser utilizado como bisturi, e logo seu sangue alagou minha boca. Meus joelhos se paralisaram enquanto meu corpo se sentiu verdadeiramente vivo pela primeira vez desde que o Aztek me golpeou contra a árvore. Tudo foi repentinamente brilhante e muito vívido. O batimento do coração do Nick trovejou em meus ouvidos. Podia cheirar seu suor. Podia cheirar sua luxúria... como aparas rangentes de cedro.

Senti-me bater ruidosamente contra a parede e pensei, “Oh, Oh, Nick não tenha um mau conceito desta... pobre bastarda”. Entretanto, meus pensamentos estavam equivocados, porque ele me agarrou pelas coxas, e logo o senti empurrar-se para dentro de mim, de repente, até o fundo.

Posso contar o número de companheiros sexuais que tive, com uma mão. Em verdade, com três dedos. Não sou uma prostituta. E com cada um, da mesma forma que acontece com a maioria das mulheres, levou um bom tempo e um bom trabalho me fazer chegar ao orgasmo. De maneira que três carícias e subir ao trem do orgasmo é puro mito, e sinto lástima pelas mulheres que acreditam nisso e logo

pensam que há algo errado nelas quando necessitam algo mais que um açoite e um pouco de excitação para terminar.

Dito isto, quando Nick se esfregou contra mim, quando ele tomou seu membro com a mão, abriu minhas pernas de um empurrão e entrou em mim com um impulso brutal. Enquanto seu sangue estava em minha boca, fui instantaneamente sacudida por um orgasmo. Foi um suave, do tipo que se obtém quando brinca-se consigo mesma e dobra-se os joelhos no momento correto, mas um orgasmo é um orgasmo (deveria se fazer uma escala de pontuação em alguma ocasião). Beber sangue havia feito que tudo ficasse melhor ali, todas as sensações foram mais intensas e abriram uma veia de sensualidade em mim, que nunca sonhei que tivesse.

Ele empurrou, e empurrou, seu largo peito de nadador, se apertou contra mim, suficientemente duro para esmagar meus seios. Ele estava suando, ofegando e gemendo, e de repente me dava conta de que não precisava beber mais, minha sede desapareceu e me senti melhor que nunca. Senti como se pudesse saltar sobre a casa. Talvez pudesse.

Deixei de beber e retrocedi, lambendo a marca da dentada para conseguir as últimas gotas. Nick palpitou entre minhas pernas e logo saiu de mim, agarrei-o firmemente com ambas as mãos enquanto ele lutava por manter-se em pé. Podia sentir como seu sêmen deslizava por minhas coxas; notei-o quente, provavelmente porque eu estava fria. E me escandalizei, poderia ter deslocado (e ganho) uma maratona, e o pobre Nick tinha ficado meio morto.

- OH, Jesus...

- Não - sussurrou contra meu pescoço.

- Nick, estou tão arrependida, eu...

- Não pare - esforçou-se em dizer. - Mais. Devore-me. Outra vez.

O impacto total de sua petição me atingiu totalmente, e em meu estupor quase o deixei cair. De repente recordei do empregado de limpeza que encontrei na igreja... (É tão bonita) ... e o ministro (Uma bela desconhecida)... e estranho que me pareceu, estranho, mas como tive uma noite tão estranha em si mesma, não dei atenção a suas reações. Agora aqui estava Nick, um homem perfeitamente agradável, que não tinha demonstrado interesse em mim, exceto como testemunha, Nick com as calças ao redor de seus tornozelos, seu pênis na mão e seu sangue escorrendo pelo pescoço, Nick querendo que eu o mordesse outra vez. Outra vez! Não só podia sobreviver a acidentes automobilísticos e à eletrocussão, não só podia lançar homens crecidinhos como se fossem revistas, também podia fazer com que os homens me desejassem. Olhavam-me e me desejavam, não lhes

importava se os deixava virtualmente secos de sangue, enquanto pudessem foder-me enquanto eu o fazia.

Quase me pus a gritar de dor, horror e frustração, mas consegui evitá-lo. (Já tinha me estressado bastante nos últimos dois dias) ... e em lugar disso, levantei Nick e o levei a meu quarto como se fosse loiro e masculino Scarlett e eu um Rhett não-morto.

* * * *

- Então é verdade.

- O que, Nick?

- Vampiros.

-... sim. É verdade.

Ele se apoiou sobre um cotovelo e me olhou. Tínhamos estado na cama, um ao lado do outro, durante quase dez minutos. Ambos estávamos aliviados e assustados quando começou a falar.

- Não sinta. Foi o melhor de minha vida. Tomou... - Fez uma pausa. - Tomou o suficiente para... ficar satisfeita?

Sobressaltei-me.

- Sim. Estou bem. Obrigado. - E agora, a incrível estupidez entre dois conhecidos que tinham decidido ter relações sexuais e agora tinham que conversar. Isto era novo para mim. Nunca antes havia transado com alguém a quem amasse.

- Uh, está bem?

Ele tocou seu pescoço. Maravilhou-me ver que a marca da dentada estava quase inteiramente curada.

- Quase não dói.

- Como um cão, aparentemente tenho uma enzima em minha saliva que acelera a cicatrização.

Ele deu uma risada. Oh, menos mal. Logo caiu em cima de mim e me mordeu a garganta.

- É hora de outro gole? - Perguntou, e o anseio na sua voz, fez com que meu coração acelerasse.

- Não. - Empurrei-o, mas imediatamente se curvou de novo sobre mim. - Com certeza não.

- Não me importa.

- Maldição! Devia se importar. Nick, mordi você! Bebi seu sangue e não lhe perguntei.

- E eu tomei, - disse calmamente, - e não lhe perguntei.

Suspirei.

- Confie em mim, não fez nada que eu não quisesse, não me poderia ter ferido e, droga, garanto que não me pode obrigar.

Ainda estava sobre mim e podia sentir sua virilha pressionando contra a minha; estava palpitante e duro como um tubo. Assombroso! O tipo tinha que estar na quarentena.

- Vamos, - disse tratando de me persuadir. - me deixe entrar... e lhe deixar entrar.

- Não, não, não. Nunca mais, Detetive Barry. Absolutamente não. Seria como uma violação. É uma violação.

Riu de mim, mas parou quando lhe perguntei:

- Que sentia por mim antes disso, de eu morrer?

- Ah... pensei que foi genial. Também que foi realmente bonita.

- Alguma vez quis me empurrar contra uma parede e transar comigo enquanto eu bebia seu sangue? Por Deus.

- Uh.

- Exatamente. Nunca. Mas está preparado agora mesmo, e nem sequer lhe importa se eu beber seu sangue enquanto transamos. Alôou? Esse não é um comportamento normal. Não é a mim que deseja. É isto... é o que me faz ser um vampiro. Um dom sobrenatural ou algo assim, mas não sou eu. São meus feromônios não-mortos. E é por isso que neste momento damos tudo por terminado.

Protestou, mas me fiz de surda, ajudei-o a encontrar sua arma, vesti-o, e tive que empurrá-lo fisicamente fora. Mesmo assim, bateu à minha porta durante cinco minutos, implorando que o deixasse entrar.

Fugi para meu quarto e pus um travesseiro sobre a cabeça, mas ainda o podia ouvir.

No cinema, os vampiros são sempre uns idiotas onipotentes que usam a as pessoas como lenços de papel. Agora podia ver por que. Uma pessoa estupenda, o típico bom menino da porta do lado, deixaria que eu bebesse seu sangue enquanto me penetrasse, logo rogaria por mais daquilo e me deixaria lhe fazer o que quisesse...Absolutamente qualquer coisa que quisesse.

CAPÍTULO NOVE

- Morre, chupa-sangue do inferno!

Meus olhos se abriram e vi como baixava a estaca. Quem quer que fosse, acreditaria que se movia rapidamente, mas me pareceu como em câmara lenta.

Agarrei a boneca que segurava a estaca e a atirei com força.

A mulher sobrevoou minha cabeça e atravessou o quarto. Pode haver-se machucado bastante, mas aterrissou no colchão de espuma que devia ter metido à força enquanto eu dormia o meu sono de animal satisfeito.

- Maldição, Jessica! - Gritei quando a vi.

Ela ficou de cócoras no colchão, com uma risita.

- E agora, - ressonou sua voz teatralmente, - o demônio chupador de sangue se levanta de sua tumba para lhe dar um rude castigo ao simples mortal que tentou desafiá-lo acabando com sua vida antinatural!

- Que diabos se passa com você?

Jessica deu saltos sobre o colchão, sorrindo abertamente.

- Essa é a única coisa com a qual tem que preocupe-se agora, garota. Onde há vampiros, há caçadores de vampiros. Não sabem que é um dos bons. Acreditei que poderia treinar um pouco.

- Pela primeira vez, notei que ela tinha posto umas calças jeans, uma camiseta da mesma cor, joelheiras, cotovelleiras, e um capacete de ciclista. Parecia-se com um tatu negro.

- Sabe, seus reflexos anti-estaca, realmente funcionam.

- Café, - gemi, me cambaleando pelo banheiro. Estava perfeitamente acordada — e certamente não precisava urinar, — mas estava decidida a manter algum tipo de rotina. - E vai!

- De maneira nenhuma. Agora que está de volta da ultratumba, estou fazendo tudo o que posso para evitar que remoa o pó de novo. Por exemplo, Liz, deve estar preparada para lidar com ISTO! - Uivou quando saltou em minhas costas, balançando a maldita estaca. Tive um montão de tempo para me afastar de seu caminho, fazendo com que se chocasse contra a parede como um inseto e ricocheteasse de lado, aterrissando em seus joelhos acolchoados diante de meu penteador.

- Ooooh, bem! - disse favoravelmente. - Nem sequer deu a volta. Adicionaremos super audição a a lista.

- Por favor vá, - implorei - Penso ficar aqui dentro e cair em depressão por todo o dia. A noite, quero dizer.

- Por que?

- Por que? - Não lhe podia falar sobre o Nick. Dava-me muita vergonha.

Além disso, ela atiraria mim Calendário Sexual e o atualizaria imediatamente. Era um intento para que melhorasse a frequência de meus jogos íntimos; tinha começado a levar a sério. O número lastimoso que somei em 2001 realmente me humilhava.

- Porque agora sou uma criatura antinatural, por isso. Deixe-me.

- De maneira nenhuma! Esta noite vamos lutar contra o crime.

- Nós, ãh? - Realmente, essa não era uma má idéia. Poderia fazer uma pequena expiação depois da noite anterior.

- Yup. Além disso, esta gelada. Tratei de tomar o pulso quando cheguei, e sua mão estava bastante fria. Já sei! Tomaremos a temperatura.

Tremi ante o pensamento. Era pela temperatura de minha habitação? Ou porque tinha o sangue-frio como as serpentes? Uf.

- Deixe disso.

Inteirei-me de que a senhorita estaca-vampiros tinha estado ocupada enquanto eu estava descansando (era muito profundo, sem sonho e, enfrentemo-lo, cadavérico, para chamá-lo dormir). Tinha acessado meu computador e tinha baixado as notícias mais importantes do dia, para que quando... eu me levantasse pudesse ver o que havia ocorrido no mundo durante o dia.

Também tinha comprado minha casa.

- Minha casa, - gemi lentamente.

- Ouça, ia estar à venda no final do mês. Está morta, recorda? Já não vive aqui, e como ainda lhe faltavam por pagar onze anos de sua hipoteca, o banco teve bom coração e quis recuperá-la.

- Deu-me um grosso maço de papéis. - Pensei em tudo.

Fiquei com o olhar inexpresivamente fixa no as folhas impressas.

- Jess... não sei o que dizer. Foi tão prudente... e inteligente. Ainda não havia começado a pensar a respeito de coisas como minha casa e meu carro.

- O qual também comprei, - adicionou.

- Tão rapidamente? Como pôde fazer todas estas coisas em um dia?

- Ajuda ser ridiculamente rica, - disse modestamente. - E também, que iniciasse a papelada no dia em que morreu. Isso..., deu-me algo que fazer. Além disso, não queria que Mrs. Taylor fizesse algo malvado com suas coisas. Acreditei que desta maneira teria poder legal sobre tudo e poderia procurar sem pressas entre suas coisas, para logo as pôr à venda ou as ceder, uma vez que o tivesse decidido, você sabe.

Neguei com a cabeça.

- Não é estranho que chutasse minha bunda nos exames.

- De acordo, suponho que posso lhe fazer os pagamentos de minha casa e do carro para você, em lugar do banco.

- Ân-ãn, de maneira nenhuma.

- Jessica

- Esqueça.

- Não pode, simplesmente, gastar esse dinheiro.

- Está morta, não posso ouvi-la...

- E não obtém nada de vai...

- À a! - Pôs as mãos sobre suas orelhas e fechou fortemente os olhos. Chutei seu tornozelo, muito mas muito brandamente. - Muito bem, muito bem, muito bem!

Abriu os olhos e me sorriu, logo se agachou e massageou o tornozelo.

- Bom. Além disso, não é um presente. Não vai ter muita entrada de dinheiro durante algum tempo, mas se espreitasse os meninos maus de noite...

- Não decidi o que vou fazer pelas noites.

- ...isso resolve a situação, - acabou de dizer com a obstinação que a caracterizava. - Não vai ter que preocupar-se com pagamentos da casa, nem de todo o resto.

- Bom... obrigado. Em realidade não sei o que dizer. É muito boa.

Sabia que deveria me haver esforçado mais em me opor a ela, mas o feito era, que Jessica podia ter cancelado as dívidas das casas de todos os que cursaram a escola secundária com ela, e ainda lhe sobraria perto de um trilhão de dólares.

Era estúpido protestar quando ela tinha os dólares e a inclinação.

Mas encontraria uma forma não monetária para ressarcir-la.

Olhe-a nos olhos e lhe diga que lhe devolverá seu dinheiro, sussurrou-me uma traidora voz interna. Soou alarmantemente parecida com a de minha ogrodrasta. Afugentei o pensamento, horrorizada, e me disse que não serviria de nada: Jessica era uma mulher, e não tinha nem o mínimo interesse em ver de que cor era a roupa interior que eu vestia.

"Pode fazer com que ela lhe obedeça".

- Não!

- O que? Já está sofrendo uma crise nervosa? Caramba, só são sete e meia. Muito cedo para a histeria.

Meu telefone começou a soar.

- Eu irei, garota morta... melhor atender o telefone, também.

Um minuto mais tarde, estava vestida e Jessica corria de retorno a meu dormitório.

- Sua mamãe diz olá e que tome cuidado lutando contra o crime. Mulher, ela é estupenda! Se eu viesse de volta da tumba, minha mãe iria para um hospício. Como foi ontem à noite?

- Não fiz nada!

- Huh? Com sua mamãe? Não foi o que esperávamos.

- OH. Bem. Hã...ela foi incrivelmente estupenda diante de minha situação. Bem 'OH, é um vampiro, isso é agradável, amor, tome cuidado com a água sagrada'...

um pouco parecido com isso. Estava realmente, realmente encantada, e mais à frente disso, não deu a mínima aos detalhes.

- Eu também me sinto assim. Além disso, não lhe posso ajudar, acredito que está tudo já acertado.

- Por favor. Você fala como uma animadora de torcida.

- Bom, fui uma. E, o café da manhã está servido.

Deu-me um copo. Cheirei-o e soube que não era V-8. Tinha uma folha verde de um lado, tinha esfriado, e suas bordas tinham sido decoradas com sal grosso. - É Ou negativa... a bebida universal.

- Adornou meu copo de sangue, - comentei, - com manjerição e sal margarida.

- Certo. Este não é sangue servido em um auto-serviço do McDonald'S. Isto é aguardente sangrento. Sangue do Restaurante de Bifes do Manny!

- Sério. De onde tirou?

- Nunca lhe direi isso. Mas deveríamos estabelecer um mini banco ou algo para você, aqui, assim não terá que rondar os becos procurando uma presa. Tenho um tipo dedicando-se a isso agora mesmo. Acredita que sou uma herdeira excêntrica que está estabelecendo seu próprio banco de sangue em caso de que haja uma escassez nacional. - riu dissimuladamente. - Está certo, é obvio. Saúde!]

Segurei o copo com todo o entusiasmo que teria demonstrado se ela me tivesse dado um copo de serpente de cascavel processada. O aroma fez que meu cabeça flutuasse, e não de maneira agradável. Jess ficou olhando, com os olhos bem abertos, enquanto tomava um gole. Foi como beber de uma bateria morta, como as folhas caídas ou uma vela consumida. Era disso que tinha sabor: de nada. E isso é o que também estava me fazendo. Estava tão sedenta como quando despertei há dez minutos.

Devolvi-lhe o copo, negando com a cabeça.

- Não. Tem que estar vivo.

Seu ânimo decaiu

- Puxa! Assim lá se vai este plano. De fato não pode... bem... tirar nutrientes disso, ou algo assim? Metabolizá - lo?

- É como tomar uma vitamina e dizer que é o jantar. Morreria de fome bastante rápido. Mas obrigado por tentar resolver meu problema - Acrescentei, porque a vi muito abatida. Tive que admitir que eu também estava bastante decepcionada. Agora teria que caçar. Lembrei-me de Nick. Por que não o chamar?

Estaria aqui em um batimento do coração. Logo deixei esse pensamento, rapidamente.

O telefone soou outra vez, mas levantei uma mão para deter Jess, que encaminhava-se já ao outro quarto.

- Eu atenderei. De qualquer maneira, provavelmente seja meu pai. Precisou todo um dia para conseguir repor-se do susto. - Caminhei por minha sala de estar, e vi que Jessica tinha desempacotado as caixas e tinha posto minhas coisas em seu lugar. Era uma amiga muito trabalhadora, e eu era condenadamente afortunada por tê-la a meu lado. Faria bem em lembrar isso.

- Sim?

- Elizabeth Taylor?

- Sim. E não me faça piadinhas a respeito de meu nome. Ouvi todas.

- Elizabeth Taylor do 1215 de Ramsey Street?

Bocejei, e disimuladamente me toquei os dentes. Não. As presas.

- Sim, e estou perfeitamente satisfeita com meu serviço telefônico. Obrigado de qualquer maneira. - por que a voz do homem — que aparentava como ter menos de vinte anos — falou: - está ao telefone?

- Porque - soou, áspero - Estou realmente muito ocupada, assim é que se...

- Mas está morta!

Fiz uma pausa. Que podia lhe responder? Quem era este tipo? O que tinha visto? A companhia de serviços públicos?

- Não acredite em tudo o que dizem - falei finalmente. - Além disso, os cheques estão no correio, mas se tiver alguma dívida eu gostaria de arrumar uma forma de pagamento...

- É um vampiro e está em sua casa respondendo a seu telefone? Saia daí!

Quase deixei cair o telefone.

-A) Como fez para saber isso, e b) Nem em sonhos! Além disso, esta hipoteca foi paga. Não vou a lugar algum. Boa noite.

Pendurei o telefone, mas quase imediatamente o telefone tocou outra vez. Se um telefone podia timbrar coléricamente, esse era o meu. Ou talvez somente fosse bom em adivinhar as emoções da pessoa que estava do outro lado da linha. De qualquer maneira, o telefone virtualmente saltou para minhas mãos.

- Alô?

- Por que está atendendo seu telefone?

- Porque continua tocando! - Por que, por que, por que, não perguntei quem era e por que chamava quando tive a oportunidade? - Agora chega de me chatear.

- Um momento! Não desligue!

Era o que ia fazer Podia ser outro vampiro? Até se não era, sabia que eu era. Talvez pudesse dizer o que estava me acontecendo, me dar alguns conselhos. Era melhor que passar os dez anos seguintes averiguando coisas da maneira mais difícil. - Bom, - falei timidamente, - estou muito ocupada.

- Olhe: Viria a Nobre & Barnes no centro da cidade... sabe onde é?

- É claro - Difícil seria não sabê-lo. Ocupava uma quadra inteira da cidade.

- Depois que se alimentar, me encontre na seção de livros de cozinha.

- Isso é ridículo! - Protestei.

- Ok, na seção de humor.

- Isso está um pouco melhor - murmurei. - E não tenho que me alimentar. Posso ir agora mesmo.

Fez-se uma longa pausa, tão longa que pensei que tinha desligado, até que virtualmente sussurrou,

- Não precisa se alimentar? Já fez isso esta tarde?

- Não é grande coisa. Posso agüentar alguns dias. Como é? Diremos alguma palavra chave? Ou podemos usar um super-secreto apertão de mãos não-morto para nos reconhecer?

- Não tome a droga, - disse ele, e soou incrivelmente desconcertado. -

Sei como é, Taylor. Nos veremos em uma hora. - Clique.

- Ooooh, isso soou sinistro. - Pendurei o telefone. Convencer Jessica de que precisava me encontrar com um desconhecido que sabia que estava morta — a sós — não ia ser fácil. Melhor resolver isso rapidamente.

CAPÍTULO DEZ

Amo a minha gata. É uma dor em meu traseiro, mas é de confiar e nunca, nenhuma só vez, havia-me dito que trocasse de roupa por me parecer com uma puta de primeira. Caramba, um dos principais motivos pelos quais estou neste problema é, em parte, por Giselle, mas não a tinha jogado, nem sequer a havia lanchado. Era definitivamente uma pessoa amante dos gatos.

Mas o incrivelmente ruim é descobrir que os cães me achavam irresistível. Antes de despertar na funerária, tinha ignorado os cães, e eles me tinham ignorado e tínhamos feito nossos negócios em separado. Agora não.

Quando saí de meu carro e caminhei pela rua, quase uma dúzia de cães me seguiram. Eram implacáveis em sua adoração. Quando comecei a afastá-los a chutes, aproximaram-se mais rapidamente e lamberam meus tornozelos, mostrando grandes e caninos sorrisos. Não sei por que isto não me ocorreu a outra

noite, quando estava rondando Lake Street tratando de me matar. Talvez meus feromônios vampíricos demorassem um pouco em despertar.

Como se a matilha babenta não tivesse sido suficientemente má, meus ouvidos ainda estavam zumbindo pela reprimenda que Jessica me tinha dado.

Para recapitular, ela pensava que sair sozinha para ir encontrar com um desconhecido que sabia que eu era uma vampira era: a) louco, b) estúpido, e se eu ia fazer, c) era uma louca, estúpida. Retruquei que seria muito mais louco levar a minha muito frágil e mortal amiga ao encontro. Quando saí de minha casa, ela, intencionalmente, desordenava meus armários. Sabia que me deixava louca não poder encontrar minhas coisas.

Tinha deixado meu carro em um estacionamento caro e me aproximava do Barnes & Nobre, quando uma limusine negra muito suja e salpicada com barro, freou a meu lado. Os cães (Havia oito: três labradores negros, um corgi, um golden retriever, dois poodles enormemente gordos, e um cão cruzado de ascendência desconhecida. Todos tinham coleiras e arrastavam correntes!) se sobressaltaram pelo ruído, e aproveitei para gritar:

- Me larguem!- Todas as portas da limusine se abriram de repente com um pequeno e explosivo ruído...

-Hãh?

... E vários pares de duras mãos me agarraram...

-Ei!

... e me atiraram dentro do carro. A porta se fechou de repente, e arrancou. - Sabia que isto passaria,- comentei a meus captores. -Com certeza, eu sabia. - Meus seqüestradores — havia quatro, e pareciam-se com o Rock anêmico e adoentado — tinham grandes cruces de madeira em suas mãos, para proteger-se de mim. Um deles agitava uma pequena garrafa fechada, que devia ser água sagrada.

Estavam um pouco tensos, mas logo cheiravam a medo.

- Amigos, qual de vocês me chamou?

Fez-se um silêncio sepulcral.

- Bom, está certo, continuem assim, mas não estou assustada. Realmente, isto me faz recodar a noite do baile de formatura. Os maus entendidos, a parte traseira da limusine, o tétrico companheiro daquela entrevista, ah, tudo isso está se repetindo.

O que estava diretamente em frente de mim bufou, mas os outros três permaneceram imóveis como uma esfinge. Todos eles pareciam quase clones entre se: de peito largo, mais de um e oitenta de altura, com uns pés grandes e fedorentos e umas mãos tão grandes como seus pés. Todos precisavam barbear-se,

todos tinham o cabelo loiro sujo com uns olhos cor café, e cheiravam como se houvessem misturado Old Spice com xarope para a tosse com sabor cereja.

- Meninos, são irmãos?- Perguntei. Silêncio. - Bom, então, têm todos cães cockers? Porque já conhecem esse ditado que diz, que as pessoas com o tempo acabam parecendo-se com seus mascotes. É que vocês, meninos, se parecem com cães cocker spaniels; se os cocker spaniels pudessem andar em pé, raspar os pelos de seus corpos e falar. Admitindo-se que vocês, meninos, falem. O que não me parece muito certo, porque nenhum disse uma só palavra. Sou a única que está falando. Está bem, não me importa monologar, embora isso deixe louca a minha madrastra. Ela...

- Cale-se, - Disse por fim um deles.

Cruzei os braços.

- Me faça calar,- arremeti, atrevidamente, quase imprudentemente.

O spaniel se voltou e de um empurrão me aproximou sua cruz. Joguei com a idéia de agarrá-la, rompê-la em mil palitos de dentes, e usar um para limpar as presas, mas: a) não havia nada em minhas presas, b) parecia vagamente desrespeitoso para a cruz, e c) não queria mostrar minhas cartas. Acreditavam nas cruzes e na água benta, e com elas se sentiam seguros. Não tinha nenhuma pressa em desenganá-los sobre seus conhecimentos arcaicos sobre os vampiros.

Quando decidi isto, dava-me conta de que o spaniel ainda blandia sua cruz quase me tocando o nariz.

- Não, ah, não, por favor, arde, - disse apropriadamente. E a conversação terminou, que era o que pareciam preferir. Bom, não importa.

Decidi desfrutar de da paisagem.

* * * *

(Mwah-hah-hah! Quem sabe... qual é o mal... que espreita... nos corações... de os homens. Oh, era para vomitar.)

- Vamos, garotos, - queixei-me quando me arrastaram fora da limusine. - Devemos experimentar cada estereótipo? Se me levarem para ver um tipo com uma capa, vou me zangar muito.

Fomos tropeçando através do horripilante cemitério, cheio de lápides sepulcrais iluminadas pela lua, com o estranho ulular de um mocho (em Minneapolis?), e mausoléus grandes e fantasmagóricos, completamente silenciosos.

Detivemo-nos diante do maior e atemorizante mausoléu. Segundo as letras de uns quarenta centímetros de altura, este era o mausoléu da família CARLSON, um nome bastante típico para uma região povoada por noruegueses.

- Ooooh, o mausoléu CARLSON, - fingi, quando o menino Cocker lutou para abrir a pesada porta. - Que sinistro! E agora o que é, um prato de Lutefisk? E nos dançamos um Square ??? Precisa de ajuda com isso?

- Não preciso.

A porta finalmente se abriu.

- O que há, nenhum ruído horripilante de dobradiças enferrujadas? Melhor que arrumem isso..., não me empurre, já vou.

Descemos pesadamente sete degraus, passamos uns grandes ataúdes de pedra, através de uma passagem rochosa abobadada, e descemos outros doze degraus.

Obviamente clandestinamente, este quarto estava bem iluminado — é obvio — por tochas. Havia várias pessoas nele, mas meu olhar se fixo em um imediatamente.

Era incrível. Facilmente o homem mais assombrosamente bonito que alguma vez tinha visto fora da revista Playgirl. Alto, muito alto — ao menos vinte e cinco centímetros mais alto que eu, e não sou de baixa estatura. Tinha um espesso e negro cabelo, afastado descuidadamente da cara, que lhe caía em exuberantes ondas. Não muitos homens podiam brilhar com um topete como o do Elvis e este era um deles. Seus traços eram classicamente de aparência agradável: Nariz robusto, um bom queixo e uma fronte larga e bonita. Seus olhos eram belos e atemorizantes: do negro mais profundo, com uma luz neles, como a das brilhantes estrelas no escuro céu invernal. E sua boca se salvava de ser branda pela careta cruel de seu lábio superior.

E seu corpo! Era tão largo de ombros que me perguntei como tinha passado pela porta, e seus braços eram musculosos e poderosos. Vestia um traje negro, de corte excelente, que o fazia parecer mais alto ainda. Seus dedos eram fortes e retos, hábeis. As mãos de um pianista ou de um cirurgião. Seus sapatos eram — uau! Eram Ferragamos? E por que estava parado em um atoleiro? Comecei a me aproximar dele para olhá-lo melhor, quando olhei-o no rosto outra vez.

Embora fosse muito interessante e incrivelmente elegante, parecia tão furioso por estar ali como eu.

Havia também outras pessoas no quarto. Acho. Mas que importava?

- Ah, cavalheiros, tragam nosso mais novo coroinha!

Disse uma voz ressonante — não estou triste de dizer que não era a do homem que admirava — que me trouxe rapidamente de retorno para mim mesma.

Sim, havia outras pessoas no cômodo. Outras pessoas pálidas, de fato. Pálidas, com olhos brilhantes e dente brancos, afiados. Mas pareciam doentes. Muito pálidos, até para serem vampiros; magros, frios, e esfarrapados. Apinharam-se e cravaram os olhos no orador. Teriam dado medo se não os visse tão patéticos.

- Agora, Miss Taylor, como nosso suplicante mais recente, terá permissão para se alimentar em um momento. De fato todos outros também. - Com isto, a horda se viu ridiculamente agradecida.

O orador estava aproximando-se de mim, do lado mais longínquo do frio quarto de pedra. Não era tão impressionante como o outro tipo: Sua altura média, ligeiramente gordinho, com um queixo partido (que Jessica chamaria, com um infalível tato, “uma cara de bunda”) e uns aquosos olhos azuis. E — (gemi) — Vestia um smoking negro! Não era uma capa, mas quase tão mau.

- Primeiro e exijo isto de todos os Garotos Não-mortos novos - Assim é como disse ele, também. Podiam-se ouvir as letras maiúsculas. - Deve se ajoelhar e me deve jurar lealdade. Logo celebraremos, e você descansará a meu lado, nossa Garota Não-morta mais nova, e minha favorita atual.

Não quis dizer nada. Não quis. Mas comecei a rir e simplesmente não podia parar. Todos os outros no quarto deixaram de murmurar e queixar-se, e voltaram seus olhares horrorizados em minha direção. Exceto o Mr. Muito Belo do rincão. Ele arqueou as sobrancelhas e fez uma careta com seus lábios, mas não sorriu. Simplesmente me estudou com esse olhar fixo, gélido.

- Pare!

- Não posso, - ri bobamente.

- Ordeno-lhe que deixe de rir ! Ou não lhe será permitido beber na Sagrada Garganta de nosso...

- Pare, pare, me vai me matar! - Continuei rindo, bufando e me apoiei contra um busto de pedra de um Carlson, assim não cairia ao chão. - Agora vai me dizer que haverá consequências horrendas por me atrever a debochar de seu pomposo ego.

Ele me apontou com o dedo. Não houve nada. Isto o assombrou, e também o desgostou muito.

- Cavalheiros! Castiguem-na!

Isto me fez rir outra vez. Os Cocker Boys se aproximaram, empunhando cruzes, e um deles me arrojou água benta no rosto. Devo ter engolido um pouco ao rir, porque comecei a tossir. E a rir. E a tossir. E a rir. Quando finalmente pude me controlar, os Cocker Boys tinham retrocedido ao lado mais longínquo, detrás do tipo do smoking, e os outros vampiros — exceto um — se apertaram tão longe de mim como puderam.

- Oh, querido, - gemi. Enxuguei as lágrimas. Realmente não tinha chorado, é obvio, mas minha cara estava molhada com água sagrada. - Oh, isto foi realmente genial. Bem que vale o preço do estacionamento no centro. E não é algo, sabe? Exceto talvez um show no Guthrie.

-Você é um vampiro, - disse o Menino Smoking, mas desta vez não gritou majestosamente. Sussurrou.

- Obrigado pelas notícias de última hora, mas sabia disso quando despertei morta há alguns dias.

- Mas...mas você...

- Bom! Isto foi engraçado, mas agora vou embora.

- Mas...mas você...

- Mas... mas tinha curiosidade, por isso é que aceitei o passeio. Entretanto, se para estar com outros vampiros tenho que cumprir todos os clichês dos filmes, esqueça. Cemitérios? Os coroinhas? Festejos em frios mausoléus? Ora... Além disso, ninguém usa um smoking hoje em dia a menos que vá a um casamento. Parece um fugitivo do set do filme *Dracula Does Doris*.

Saí caminhando do quarto, subi as escadas, e estava fora em um segundo. A tarde tinha sido educativa, mas ao final decepcionante. Não podia acreditar que os vampiros fossem tão aborrecidos e antiquados. Tinha estabelecido tendências quando estava viva... aparentemente também dependia de mim levar a tocha modernista quando estava morta. Não havia descanso para o mundo da moda.

- Espera. - Não foi um grito. Não foi uma fria ordem. E, estranhamente, meus pés deixaram de mover-se como se tivessem sido cravados no chão. Olhei-os com irritação. Traidores!

Fiquei tonta. O Alto, Escuro, e Sinistro chegou rapidamente. Tinha sido o único que não se encolhera de medo de mim no mausoléu. Nesse momento, eu tinha gostado disso. Agora não estava tão certa.

- O que? Tenho que ir. Já perdi bastante tempo neste buraco.

Ignorou-me e agarrou meu rosto com ambas as mãos, me aproximando dele até que nossas bocas estiveram a milímetros. Suspirei coléricamente e tratei de me apartar, mas foi como querer empurrar uma parede. Pensava que minha força não-morta era espetacular, mas este tipo tinha, facilmente, duas vezes a minha força.

Estava tocando meu rosto, me examinando como se eu fosse um espécime realmente fascinante, me separando os lábios e olhando meus dentes. Lancei-lhe uma dentada em sua mão, o que fez com que a comissura de sua boca se crispasse.

- Deixe-me ir! Sabia que não deveria ter me levantado esta manhã. Esta tarde, digo. - Chutei-o na tíbia, o que me doeu como o diabo. Foi como chutar um

saco de pedras. E sua reação foi quase tão animada. - Nunca consegue uma segunda entrevista, não é verdade, amigo?

- É uma vampira - disse. Não foi uma pergunta. Soltou-me, e retrocedeu tão rápido que quase tropecei com uma lápide.

- O que quer...? Um prêmio por saber disso? Confie em mim, estou morta —
- Não-morta — e é a única explicação para eu ter me reunido com um montão de pálidos e mal vestidos insetos estranhos. Mas esse não é meu filme e vou sair daqui.

Sua mão disparou e me agarrou por cima do cotovelo. - Certo, mas acredito que vai me acompanhar. - A pedra que parecia sua cara se enrugou e quase sorriu.

- Insisto no prazer de sua companhia. Temos muito que falar.

- De meu traseiro!

- Se o desejar, embora eu precise vê-lo primeiro para poder fazer comentários. Se for como o resto de você, estou certo que é realmente bonito. Além disso... - Aproximou-me bruscamente de seu peito, com tanto esforço como se houvesse atingido um climax. Seu frio e escuro olhar se fixo em mim. Senti por dentro um medo gelado. - ...não se alimentou esta noite, mas tem energia. Não parece para nada faminta. De fato, vejo-a realmente bem. De qualquer maneira, como o fez?

Preparei-me para cuspir-lhe (é difícil, quando não se tem fluídos corporais) e falei:

- Primeiro, se ocupe de seus próprios assuntos, e segundo, não é nada de seu maldito interesse! Agora...- Minha voz voltou a ser dura e fria. Nunca soara assim antes, nem sequer quando disse a Ant que não podia me enviar para uma academia militar - ...tire a mão, enquanto ainda pode contar até cinco com ela.

Cravou os olhos em mim durante outro segundo, depois riu. Era como se Satanás se risse de mim. Nunca tinha ouvido uma risada soar tão sem humor.

- Sim, - disse, quase ronronando e meu braço inchava pela força de suas garras - Virá a minha casa. E falaremos. A respeito de toda espécie de coisas. Realmente, garota, é para sua própria segurança.

- Sinto muito, mas já prometi ao Lobisomem que seria sua garota. Agora me solte! - Remexi-me, furiosa porquê minha força não foi suficiente, foi inútil, e isso é uma das poucas coisas boas a respeito de ser um vampiro.

Sua outra mão estava em minha face outra vez. Seus dedos separaram à força meus dentes e ele acariciou uma de minhas presas com um polegar. Logo o empurrou, duramente e senti que uma gota de sangue caía em minha língua. Era chocante, por várias razões: Era deliciosa, de um estupendo sabor, e não pensei que os vampiros sangrassem.

- Duvido - disse em voz baixa, mais fôlego que palavras, e seu polegar continuou empurrando, metendo-se à força em minha boca, em uma estranha classe de violação, e foi tão enfurecedor como excitante. - Pergunto-me que sabor você terá?

- Deixe isso. Pela ultima vez, me solte! - Separei-me dele com um empurrão tão forte quanto pude dar. E não pude acreditar no que aconteceu depois. Embora tenha acontecido em pouco mais de um segundo, vi-o em câmera lenta. O Alto, Escuro e Psicótico empreendeu um vôo para longe de mim, como se tivesse sido cuspidor por um canhão. Chocou-se contra um monumento — uma cruz grande — e a atravessou. A pedra voou por todas direções, porque logo que a cruz o pegou, esta explodiu e a parte detrás de seu traje começou a arder em fogo. Mas ele continuou, até que se estatelou contra um lado do mausoléu e caiu ao chão como um monte de sujeira.

Não fiquei para me inteirar se ele estava morto (outra vez) ou não. Corri.

CAPÍTULO ONZE

Quando deixei de correr e olhei ao redor, vi com assombro que tinha passado por umas dezesseis ruas em quase três minutos. Jogos Olimpicos de Verão, lá vou eu.

Assumindo que as corridas se efetuassem durante a noite. Estava em uma das ruas laterais do Hospital Geral do Minneapolis, e pensei em entrar e chamar um táxi. Sem dúvida não voltaria para o cemitério — não queria me encontrar com nenhum desses perdedores de novo. E se alguma vez voltasse a ver esse rato bastardo e anti-social imitador do Elvis, usaria seus olhos para algo repugnante.

Cada vez que pensava em suas mãos sobre mim, seu polegar em minha boca, me excitava. Não, maldição, isso não era o que eu queria dizer... mas que me irritava.

Realmente ficava irritada. Deveria colocar meus dedos em sua boca, veríamos se ele ia gostar. Deveria apertar meus dedos em sua traquéia! Em seu traseiro! Ao redor de seu ...

A estas alturas já ia pisando forte rua abaixo, quando me senti aliviada ao escutar uma voz longínqua que fez desaparecer para mim o ruído da noite e do escasso tráfego:

- Olhe para mim, mundo - Sim!

Algo para me distrair dos acontecimentos inquietantes da última hora, louvado seja Deus.

Olhei para cima. Seis pisos acima, um homem, alguns anos mais jovem que eu, estava de pé sobre a cornija. Olhava para baixo, diretamente a mim. Soube

então que ele esperava que eu me movesse, assim poderia saltar sem me salpicar de sangue quando se chocasse contra o chão. Parei de caminhar.

O edifício era velho, construído de tijolo, pus as mãos na parede, provando a textura, e me ocorreu uma idéia — uma idéia realmente brilhante. Aparecem como tempestades para mim — é assim, ocorre algo e logo me surge uma idéia nova saída de um nada. De qualquer maneira, saltei para cima e comecei a subir.

Em um momento estava me movendo rapidamente pelo lado do edifício como um inseto grande e loiro. Estava zangada pelo que tinha se passado no cemitério, e preocupada com o tipo do telhado, mas não podia evitar estar também eufórica pelo que podia fazer. Estava escalando seis pisos... eu! Nem sequer podia escalar a maldita corda na aula de ginástica. E era fácil. Era maravilhoso! Requeria-me tanto esforço como abrir uma lata de Pringles. Sou rápida, sou forte, eu sou... Spider Vamp!

Cheguei à cúpula e dei um pequeno salto, que me enviou alguns metros pelo ar, o suficientes para aterrissar no telhado e fazer uma profunda reverência. - Lá-la! Era realmente bonito. Vestido com o uniforme do hospital que — uh-hu — cheirava a sangue seco, este era outro tipo com o cabelo intensamente negro. Exceto, que enquanto o Menino do Dedo exalava um ar de ameaça, este amigo emitia vibrações de fatigado desespero. Tinha o cabelo extremamente curto, seus olhos eram verde-escuros, e tinha uma barba desmazelada, que o fazia parecer-se com um diabo cansado. Estava ligeiramente bronzeado e era magro, muito magro. Cravou os olhos em mim, abrindo-os como pratos.

- O que você tomou? - Disse depois de um momento.

- Não começemos com isso.

- Realmente devo estar cansado, - disse, mais para si mesmo que para mim.

- Uma boa desculpa, mas não sou uma ilusão. Apesar de que com estes tênis de segunda categoria, devo parecê-lo. Por que quer pular? O que aconteceu?

Olhou-me piscando e mudou seu peso de um pé ao outro. Não estava, de nenhum modo, nervoso por falar comigo. Provavelmente pensava que podia saltar, muito antes que eu me aproximasse dele. E estava triste e infeliz. Nada o assustaria essa noite.

- Estou doente de ver crianças morrerem, estou até as sobrancelhas de dívidas com a Escola de Medicina, meu pai tem câncer, não tive relações sexuais em dois meses, e estou sendo expulso de meu apartamento porque o dono vendeu sua casa e precisa dele.

- É bastante mau - admiti. - Salvo pela parte sexual... uma vez passei dois anos...

Considerou cuidadosamente isso por um minuto, negando com a cabeça.

- E com você? O que houve?

- Bom, “morri” no princípio desta semana, averigüei que não podia morrer outra vez, minha madrastra me roubou todos os sapatos bons, não posso comer nenhum tipo de comida, violentei um cara muito legal ontem à noite, encontrei um grupo de vampiros que se pareciam como os típicos malvados dos filmes de vampiros, e joguei um deles, realmente mau, contra uma cruz de pedra. Depois vi você.

- Assim é que é ser um vampiro?

- Sim. Mas não se assuste. Sou ainda uma boa pessoa.

- Quando não violenta os homens.

- Correto. Por que não tomamos uma xícara de café, e falamos sobre as motivações de nossas vidas?

Ele vacilou. O vento moveu seu uniforme hospitalar, mas seu cabelo era muito curto e não se moveu absolutamente. Olhou para baixo, à rua e logo para mim.

- Vamos, - tratei de persuadi-lo com rogos. - Os vampiros existem e nunca teve a menor idéia, não é? Sei que eu não. Diga, vamos! Os vampiros? Em que século vivemos? Mas se existirmos, pensa em todas as coisas assombrosas que há aí fora, das quais não sabe nada. Não é um pouco cedo para fechar o livro da sua vida? Não crê nisso? Quantos anos tem, vinte e cinco?

- Vinte e sete. Está tentando me seduzir para que eu desça e assim você possa se alimentar de mim e aplacar sua maldita sede?

Por que estavam as pessoas sempre me perguntando esse tipo de coisa?

- Não, simplesmente não quero que você pule. Ainda posso esperar um tempo até minha próxima refeição.

- Descerei - disse lentamente, - se me tornar sua próxima refeição.

Quase me entristeci pela excitação que essa simples declaração me provocou.

- Que foi que você esteve fumando? Acabamos de nos conhecer!

- Sim, e os últimos quinze segundos foram os mais interessantes que passei nos últimos três anos. Então?

- Amigo, não tem idéia do que me pede. - Tratei de parecer amuada e distante, mas falei a frase inteira com voz entrecortada e parecendo uma prostituta excitada.

- Claro que sei. Em parte é a razão pela qual estou aqui em cima — tem razão, acreditei que não havia nada novo no mundo exceto a morte e as pessoas tratando-se como lixo. Eu nunca deveria ter sido médico. Nunca quis sê-lo. Mas meu pai — de qualquer maneira, é simplesmente morte, trabalho de escritório e

mais morte. - Ele se retraiu e vi como seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. Piscou para afugentá-las. - De qualquer maneira é o que sinto... Assim quero que me mostre que é mentira. Mostre-me outras coisas. Quero saber o que sente. Quero sentir algo, além disso — além do nada.

Mordi meus lábios. Pobre homem!

- Nem pense nisso... -Mas fui me aproximando dele. Tinha sede, e aqui havia um espécime perfeitamente cordato (tão cordato como um homem clinicamente deprimido, com tendências suicidas, podia chegar a ser) oferecendo-se para meu jantar. Teria que estar louca para rechaçá-lo.

A outra alternativa seria tomar à força algum pobre tolo. Por que feriria ou assustaria a alguém, quando havia um tipo diante de mim que se oferecia? Ao menos ele não me olhava todo abobado e murmurava a respeito de minha beleza, como os outros. Estava perfeitamente lúcido, e curioso, e que mal podia haver nisto? E por que estava tentando me convencer a mim mesma? Tinha que comer, não? Por que estava ainda falando comigo mesma?

- Ok... se fizesse isto - fiz uma imitação bastante boa de Um Caçador Noturno pouco disposto. - ... Promete não pular?

- Sim.

- Nem pular diante de um caminhão ou tomar um banho com sua torradeira ou cortar seu cabelo com uma motosserra?

Ele riu. Parecia alguns anos mais jovem quando o fez. Não tinha medo em absoluto. E por isso tomou a decisão.

- Prometo. Agora faça isso, gracinha, antes que me volte a prudência.

Tirei-o da cornija, amavelmente. Aproxime-o de mim como a um amante. Sua camisa tinha uma gola em v, assim bastou atraí-lo para mim e mordê-lo. Ele ficou sem fôlego e rígido em meus braços, mas logo seus braços me rodearam com a força de um estrangulador. Ficou nas pontas dos pés e pressionou seus quadris contra as coxas. Seu sangue lentamente se derramou em minha boca; tinha um sabor exuberante, como o vinho mais potente que alguma vez já tomei. Minha insuportável sede ficou — se for possível — até mais insuportável em um abrir e fechar de olhos, e de repente diminuiu. Os sons se fizeram mais definidos, a luz — como se isso fora possível — ficou mais clara. Seu batimento cardíaco martelava em meus ouvidos e ele respirava em dilaceradoras inalações. Podia cheirar seu sexo, duro e imperioso, pressionado contra mim, o aroma do almíscar, o aroma da vida.

Afastei-me. Outra coisa na qual os filmes se enganavam. Os vampiros não precisam esgotar todo o sangue de uma pessoa... puxa, provavelmente havia tomado a metade de uma taça, se muito. E facilmente me satisfaria pelo resto da

noite. Podia beber mais, é obvio, mas isso seria por puro prazer, não por necessidade. Apostava como o miserável do cemitério bebia dez vezes mais em uma noite.

- Não - meu jantar ficou sem fôlego.

- Sim, isso é tudo o que preciso.

- Faça outra vez.

- Não — uh — O que está fazendo?

Tirou com força o cinto de suas calças, fazendo que estas caíssem ao redor de seus tornozelos e tirou o pênis inchado pela abertura da cueca (azul marinho, com listras vermelhas, minha mente informou). A ereção encheu-lhe a mão. Seu membro não era terrivelmente grande, mas estava certamente grosso, e com o líquido lubrificante brilhado na ponta. Agarrou-se a si mesmo tão fortemente que os nódulos das mãos ficaram brancos e, enquanto eu olhava estupefata, bombeou uma vez, duas vezes, três vezes, e logo gozou, fazendo com que eu saltasse longe.

Olhamo-nos nos olhos durante um longo momento, mas logo ele guardou seu membro e subiu as calças.

Pisquei.

- Deus é testemunha, não tenho idéia do que lhe dizer.

- A mim? Que diabos fez comigo? - perguntou em um tom de total admiração. - Em um minuto eu estava miserável como no inferno, e no seguinte tudo em que podia pensar era em — oh! — exatamente oposto disso. -

Ruborizou-se, o sangue subindo para suas bochechas. Quase o podia ouvir. - Nunca tinha feito isso antes, diante de ... Sinto muito. Não tem idéia de como é estranho para mim.

- Ei, não me queixo. Agora que me recuperei que susto, digo. Não é pior do que fiz a você. Obrigado por tomar a coisa em suas mãos e resistir a plantar seu membro em mim.

- Não, você não violentou aquele homem, - disse de repente. Seu olhar era firme e inflexível. - Se mordeu alguém e teve relações sexuais com o... não foi violação. Ele quis. De fato, provavelmente necessitou ...

Não quis falar. Ser atacado por um chupador de sangue e precisar, não significava que o chupador de sangue não fosse um tipo mau.

- Não importa. Vamos descer? O que diz... hã...?

- Marc.

- Sou Betsy.

- Betsy?

- Não comece. Não tenho a culpa de ter poderes malvados e um nome estúpido.

Ele riu outra vez. Essa risada nos fez amigos, o que me pareceu estupendo.

CAPÍTULO DOZE

- Precisa de um amigo - anunciou Marc. Estava terminando seu segundo bife com ovos. Eu permanecia fiel a meu liche com mel.

- Tenho uma. - tornei melancolicamente. - Minha amiga Jessica.

- Quero dizer alguém tolo e mau, não alguém do clube das secretárias.

Apontei-lhe um dedo no rosto. - Acima de tudo, não deboche das secretárias, nem de seus clubes — fui secretária até a semana passada.

- E depois morreu?

- Não, fui despedida do trabalho. Logo depois morri. De fato, deveria dar uma volta pelo lugar... o mais provável é que agora esteja em chamas. - Ri com maligna satisfação. - Quando despediram do setor administrativo, perderam a capacidade de chamar seus clientes, fazer funcionar seus computadores e a máquina fotocopadora, realizar a compra de utilidades de escritório, atualizar a base de dados, entender o funcionamento da máquina de franquias... Oh, a humanidade. - Sorri abertamente ante essa imagem mental, logo retornei ao nosso mundo. - Segundo Jessica é, ao menos, o dobro da lista que qualquer dos sentados nesta mesa. Terceiro — cáspita, quando você vai comer? - Durante minha reprimenda ele tinha chamado a garçonete.

— Estou muito deprimido para ter fome, - disse na defensiva. - Além disso, simplesmente está ciumenta.

- Tem razão sobre isso. Minha mãe preparou minha comida favorita numa outra noite e a vomitei por todo o banheiro.

- Mas pode beber? - Inclinou a cabeça para meu chá.

- Aparentemente. Não me faz nada... e sobretudo não me faz menos sedenta. Mas é familiar, entende?

- Claro. Por isso mesmo permaneço no ER. Deprime como o inferno e não se sabe como terminam as coisas, mas pelo menos você sabe onde está.

- Isso é ridículo. Se for tão infeliz nesse trabalho, deixe-o. Trabalhe em uma agradável clínica particular em alguma parte. Encolheu os ombros, olhando para o prato.

- Se, bem...

- Imagino que deve ser duro. Trabalhar em um hospital com crianças.

- É terrível - disse com tom pessimista. - Não imagina o que aquela gente maldita faz com as crianças.

- Não quero ouvir - falei rapidamente.

- Não quero falar disso, mas esse é meu trabalho. Realmente, quero falar com você sobre isso. Conseguiu se alimentar, corretamente? Pois bem, eu poderia dar-lhe uma lista de pais que abusam dos filhos, que gostam de usar seus bebês como cinzeiros, ou os que decidem marcar com ferro quente um menino, porque fechou a porta com força. E poderia — arrumar as coisas.

- Uma guardiã chupadora de sangue? - Estava horrorizada. E intrigada. Não, estava horrorizada - Não me ouviu antes? Que até a última semana era uma simples secretária?

- Não, - Disse Marc com ar satisfeito. Agora que acreditava que havia encontrado um objetivo, toda sua conduta — até seu cheiro! — era diferente. Tinha ido embora o garoto de olhos tristes, com uma grande depressão à costas. Em seu lugar estava o garoto das idéias. - Não me disse que pensava em lutar contra o crime para expiar seus hábitos alimentícios? Pois bem, por quê melhor para começar?

Simplesmente neguei com a cabeça e removi o chá.

- Bom, então qual é a alternativa? Não parece o tipo de pessoa que anda às escondidas pelas sombras para atrair algum incauto a seu diabólico abraço. - A imagem mental me fez rir.

- E outra coisa — os vampiros não riem à toa.

- Esta aqui ri... E antes que me esqueça... - Minha mão saiu disparada. O atraí para mim e olhei-o intensamente nos olhos. - Fico feliz que se sinta melhor, mas se recair, não voltará a me procurar. Para tentar suicídio.

Olhou-me fixamente também. Suas pupilas eram meros pontos; as luzes deste café noturno eram muito fortes.

- Farei... O que quiser. Demônios. O que desejar. Mas obrigado. De todas maneiras.

Olhei-o ainda mais intensamente. Vamos, energia vampírica. Faça seu trabalho.

-Você... Não.. Vai... Matar.

- Por que... está... falando... assim?

Deixei cair as mãos zangada.

- Maldição! Pude fazer com que os homens cumprissem minhas ordens desde que acordei morta. O que tem de especial?

- Obrigado por ficar tão indignada. E não tenho nem idéia. Eu... ah... - Sua mandíbula cerrou-se e virtualmente pude ouvir como seu Q I? também caía. Ficou com o olhar fixo, sonhador, sobre meu ombro. Olhei — e quase gritei. O psicopata do cemitério estava na porta do café, me olhando diretamente. Arre! Estava

contente de ver que seu cabelo parecia uma calamidade. Não podia ver suas costas, mas cheirava a algodão queimado. Bem feito!

- Oh meu Deus, - disse Marc extasiado. - Quem é ele?

- Um idiota - murmurei, me voltando para olhar, levantando minha xícara de chá.

- Aproxime-se! - Gritou Marc agudamente. - Oh meu Deus, oh meu Deus, oh, Deus meu!

- Não pode se conter? - Vaiei. - Parece uma garota excitada. Ah-há! - A compreensão me chegou, um pouco mais lentamente que de costume. - É gay! - Dei-me conta que tinha gritado e todo mundo no café cravava os olhos em nós.

- Não me diga!

- O que, não me diga? Como fiquei sabendo? Pensei que fosse heterossexual.

- Porque você é. - Ainda permanecia com o olhar fixo sobre meu ombro, tentando arrumar o cabelo, que estava tão incrivelmente curto, que nunca poderia estar desarrumado. - Eu sempre digo que todo mundo é gay.

- Pois bem, estatisticamente isso é uma bela tolice.

- Não tenho por que escutar uma crítica de uma não-morta... Holaaaa, - Terminou em tom carinhoso. Senti como caía um peso sobre meu ombro: A mão do estúpido. Desentendi-me do assunto.

- Boa noite - Disse o estúpido.

- Veja só, o corno - sussurrou calidamente. Deslizou no assento, ao lado de Marc. Ouvi um suspiro amortecido e acreditei que Marc ia deprimir se. - Não acredito que tenhamos sido formalmente apresentados.

- Estava a ponto de fazê-lo quando inseriu seu dedo em minha boca. - Pensei em lhe atirar o chá à cara, mas o imbecil provavelmente usaria Marc como um escudo vivo.

- Ah. Sim. Pois bem, meu nome é Sinclair. E você é?

- Realmente irritada com você.

- É um nome de família?

Marc estalou em risadas. Sinclair o favoreceu com um sorriso acolhedor.

- É seu amigo?

- Ninguém de seu maldito interesse.

- Dissuadiu-me de saltar para uma morte grotesca, - Informou Marc a meu archienemigo. - Então viemos aqui para conspirar sobre como vamos castigar todos os pais malvados.

- Nós, não.

- Sim, você também!

As fossas nasais de Sinclair flamejaram e se inclinou mais para jogar uma boa olhada ao pescoço do Marc (tinha um machucado, mas não havia sinais de marca de dentes), então me olhou.

- Alimentou-se deste homem?

Ruborizei. Ou ao menos, senti como se ruborizasse.

- Quem sabe? Repito: Não é nada de seu maldito interesse.

Tamborilou com os dedos na mesa. Tentei não ficar com o olhar fixo. Eram tão largos e magros, e tinha uma vaga idéia do poder neles.

Interessante. E aqui estão os dois agora. Hmm.

- Quer se unir a nós? - Disse Marc. Gemi, mas ambos me ignoraram.

- Quer uma xícara de café ou algo parecido?

- Não bebo... café.

- Oh, muito cômico, - respondi bruscamente. - O que está fazendo aqui, ⁷Sink Lair?? Se me quer cobrar o seu casaco, é mal — você mesmo procurou aquilo.

- De fato. - Seu olhar foi frio. - Essa é uma coisa da qual falaremos depois, mas no que se refere à sua pergunta, estou aqui por você, meu amor.

- Não me chame disso.

-Você pode me chamar de Isso, - disse com tom sensual.

- Nostro a quer morta por suas ações desta noite. O vampiro que leve sua cabeça para ele será ricamente premiado.

- Quem diabos é Nostro?

- Nostro. É... suponho que você o chamaria de chefe tribal. Algumas vezes amiúde — os vampiros se unem em grupos e o mais forte é o que manda.

- Por que, por todos os infernos, fazem isso?- Queixei-me. - Porque simplesmente não fazem seus próprios negócios como os faziam antes de morrer?

- Porque não lhes é permitido. Os vampiros se vêem forçados a tomar uma decisão.

- Ninguém me obrigou.

- Ocuparemos disso mais tarde.

- Que?

— Para responder a sua pergunta, os não-mortos se juntam para ter amparo. Para ter uma sensação de segurança.

- Então este tipo, Nostro, está chateado porque não participei do jogo?

- Por isso, e pelos estrondos de risada histérica que explodiram de seu peito.

Marc tinha seguido a conversação muito atentamente, e agora cravou seus olhos em mim.

⁷ Um jogo de palavras com o nome, mesclando a palavra “esgoto” com “guarida de feras”.

- O chefe dos vampiros quis que fizesse algo, e você riu dele?
- Durante um momento. - Adicionou Sink Lair.
- Betsy, por Deus! Ele não lhe deu uma bofetada ou algo parecido?
- Deu-lhe o pior castigo que um vampiro pode dar... e também riu disso
- Então, Betsy?
- Sim, Betsy, vai fazer algo sobre isso?
- Certamente, não. - Estava o estúpido, realmente, escondendo um sorriso malicioso? Olhei, e me devolveu um olhar inexpressivo. Devia ter sido minha imaginação.
- Então você está aqui para tentar levar minha cabeça para Nostro?
- Nostro. E não, não estou aqui para isso. Você é muito bonita para lhe cortar a cabeça.
- Que nojo. Nostro é abreviatura de ⁸Nostradamus?? O imbecil é tão sem imaginação?
- Sink Lair pareceu magoado.
- Sim, e sim.
- Ufa.
- Concordo.
- Então por que está aqui, Sink Lair?
- É Sinclair, e pensei que isso fosse óbvio, até para você. Você está recentemente morta e parece que é uma ameaça para si mesma. Você não conhece nenhuma das regras, e agora há um preço por sua cabeça, pelo que aconteceu setenta e duas horas desde sua transformação... um truque bonito, a propósito. Eu a tomarei sob minha proteção.
- E em troca...?- Não tinha a intenção de zumbir como se tivesse um inseto na boca, mas não pude evitá-lo. Não confiava em Sink Lair, desde o momento em que o atirei longe. Hmm... ao melhor eu era um novo estereótipo.
- Em troca, descobriremos por que é tão diferente do resto de nós. Você deveria ter sentido uma certa agonia quando lhe jogaram água benta. Em lugar disso apenas tossiu. É o que deduzo.
- Não obrigado.
- Insisto.
- Importa-me uma merda! Não é meu pai, embora seja provavelmente bastante velho para sê-lo, e...
- Que idade você tem? - Perguntou Marc ofegando.

⁸ Médico e astrólogo francês que viveu entre 1503 e 1566. Escreveu um livro sobre profecias futuras que ainda hoje tem seus caluniadores e partidários.

- Cale a boca! E eu não gosto de ser perseguida e eu não gosto que faça dormir os meus amigos.

- Ele não é seu amigo. Você o conheceu esta tarde.

- É um amigo recente, está bem? Agora vá embora. Posso me cuidar, não necessito sua ajuda, não quero saber de você.

- Tudo isso são mentiras.

- E tampouco quero saber de suas estúpidas tribos vampíricas. O simples fato de que eu estou morta não quer dizer que não possa ter uma vida. - Sinclair piscou quando disse isso, e continuei antes que ele me interrompesse outra vez.

- Sim - eu disse - a minha família que não estava morta... por que infernos não ia fazê-lo? Não vão me enfiar uma estaca no meio da noite... meus verdadeiros pais não o fariam. Faço o melhor que posso, obrigado por nada, e não tenho em meus planos me envolver com algum de vocês, perdedores não-mortos.

- Terminou?

- Uh - Me deixe ver, posso me encarregar de mim mesma... é problema meu a quem me dirijo, com que falo... perdedores não mortos... Sim.

- Falaremos outra vez. Chegará o momento, Miss Rogue, no qual você precisará da minha ajuda. Não sou rancoroso, e farei isso com prazer.- Sorriu-me abertamente. Era aterrador... todos os dentes brancos e os olhos resplandecentes. - Sempre e quando precisar, é só você me deixar colocar algo na sua boca de novo. Boa noite.

Poof! desvaneceu-se. Ou se moveu tão rapidamente que não o pude seguir com os olhos. De qualquer maneira, foi, enquanto eu tremia de fúria e - OH, não! - de luxúria, e Marc estava bababando em cima da mesa.

CAPÍTULO TREZE

Os dias transcorreram sem incidentes para minha antiga dor no traseiro, Jessica, e minha nova dor, Marc. O entusiasmo de minha volta da ultratumba tinha morrido, nenhum malvado vampiro tinha vindo gritar na minha porta, a relação com minha madrastra e meu pai continuava sendo a mesma (ela me ignorava, ele me enviava cheques), e isto era muito normal para meus amigos.

Apresentei-os e, depois de travarem uma discussão durante uma hora, decidiram me envolver na conversa. Permaneci fora do inferno. Enquanto não chegassem às minhas mãos, não me importava como arrumassem as coisas.

Jessica era de vontade forte, mas também era extranhamente protetora comigo. Sempre sentia ameaçada quando eu fazia um novo amigo. Tinha-lhe explicado muitas vezes que não, não amava a todos meus amigos de igual

maneira, que ela era minha favorita absoluta e seria sempre, amém; mas normalmente estas explicações caíam em ouvidos surdos. E era estritamente uma rua de mão única, em minha insistência: Jessica tinha montões de amigos de sociedade que não me reconheceriam nem que os esbofeteasse.

Marc, por outro lado, renovado por ter um novo propósito (a proposta de conspiração contra os maltratadores infantis), era ainda frágil e não queria que nada do que lhe dissessem ou fizessem o pudesse enviar de novo ao telhado. Se ficava comigo enquanto procurava um novo lar, houve um acerto que nos agradou bastante: Eu necessitava de um companheiro de apartamento que pudesse mover-se durante o dia, e ele precisava de uma cama.

Antes de morrer nunca tinha feito uma coisa assim. Não porque não me importasse, mas porque não me atrevia. Realmente nunca se conhece uma pessoa, ou o que há em seus corações ou o que se esconde atrás de um sorriso. Mas junto com uma sede interminável pelo sangue, agora eu tinha um radar bastante bom.

Simplesmente soube que Marc era um bom homem. E francamente, nunca eu havia gostado de viver sozinha – por isso tinha resgatado Giselle do refúgio de animais.

Via muitos filmes de terror e então passava as noites sem dormir pelo medo, me sobressaltando diante cada barulhinho. O que mais me aterrorizava eram os filmes de zumbis. Depois de ver Resident Evil tive pesadelos durante uma semana. Era irônico, porque agora era um dos monstros não-matáveis. Mesmo assim, continuava sem gostar de viver sozinha.

Nós três nos adaptamos, mas tinha que manter um estranho jogo de equilíbrio entre Jess e Marc. E por querer manter os dois neuróticos felizes, a meia-noite me encontrou em um apartamento no Hospital Minneapolis Geral, preparada para um checkup, em lugar de inspecionar a Loucura da Venda de Sapatos na Neiman Marcus.

- Só por você - havia- dito a Jessica. - E também por você suponho, - tinha dito a Marc.

Havia uma coisa em que ambos estavam de acordo: Eu não era um vampiro típico, e quanto mais soubéssemos de minhas habilidades, melhor. Marc quis alcançar uma ⁹“baseline”, - ou o que diabos significasse isso, e Jessica estava francamente interessada, por isso Marc conseguiu um quarto no hospital para nós e começou o exame.

- Não vou tirar a roupa, - adverti.

Marc revirou os olhos.

⁹ Betsy não sabe, mas nós sim, é a linha que representa a base no beisebol.

- Ah, que pena, não vou ter muita emoção esta noite.

- Nenhum de nós, - disse Jessica secamente. - A garota é da cor da barriga de um sapo e precisa tingir as raízes do cabelo.

- Não preciso! - Gritei, sensível. - Tinha retocado o cabelo duas semanas antes de morrer. Minhas raízes estão bem.

- Pergunto-me o que aconteceria se você cortasse o cabelo? - Disse Marc pensativamente, enquanto escorregava um termômetro sob minha língua. - Permaneceria curto para sempre? Cresceria de novo? Poderia crescer? Reapareceria magicamente na noite seguinte? - Ficou com o olhar fixo em meu cabelo, tão pensativamente, que fiquei o mais longe possível dele.

- Então este Sinclair quer... te levar sob sua asa? - Perguntou Jessica.

Percorria com o olhar vertiginosamente o quarto, em um tamborete de doutor.

La zumbindo até uma parede, chutava-a, e saía disparada para o outro lado. Marc estava obviamente acostumado às estranhas travessuras durante um exame, mas deixava-me claustrofóbica como o inferno. Ela oficialmente tinha deixado de levar as cores do luto por mim, e esta noite vestia malhas esportivas verdes, junto com uma camiseta com botões dourados e um impermeável cor salmão.

- Meu Deus, aquele Sinclair é tão ardente, - resmungou Marc. Em troca, ele era um montão de farrapos caminantes com as calças jeans velhas e uma camisa branca com o logotipo "Vêm silenciosamente" — uma frase alarmante para um médico.

Olhou o termômetro, sacudiu-o, e de novo o meteu em minha boca.

- A propósito, provei todo o equipamento em mim mesmo antes que viessem, assim sabemos que funciona... agora, do que estávamos falando? Oh, sim, Sinclair. Deveria ver o tipo, Jessica. Parece o anjo das trevas e se move como um assassino. Suava simplesmente de olhá-lo.

- Hã! - disse Jessica, impressionada.

- Não se esqueça, ele tem cem anos - brinquei.

- Bem, sessenta e três é toda uma vida de sabedoria e de conhecimento das ruas, sem mencionar os anos de experiência "trepanando" em qualquer posição que se possa imaginar, e com um belo corpo, duro, poderoso, eternamente jovem. Jesus, vou ter que deixar de falar sobre isto antes de que precise me sentar.

- Por favor - sussurrei. Não tinha pensado sobre o fator experiência, só pensara em um corpo enrugado, decrépito. Que provavelmente se escondia embaixo desses trajes excelentes feitos sob medida! - Além disso, não me importa porcarias nenhuma o que Sinclair quer. Não jogo o jogo dos vampiros. Ocupo-me de meus próprios assuntos, e estou certa de que é melhor do que o que ele faz .

- Ou o atirará a uma cruz do cemitério de novo - adicionou Jessica. - Quem me dera ter visto!

- Não, você não iria gostar de ver. Tudo foi muito estúpido. Se isso for o que posso esperar por pertencer a uma tribo de vampiros, que não contem comigo.

Vinte minutos mais tarde, Marc acabou. Olhou-me um pouco sentido, mas pretendi não notá-lo. Tinha-me visto subir a um edifício com muita naturalidade, tentou ser transformado meu jantar bastante bem, e se meteu em minha casa sem alvoroço, mas o cientista nele estava finalmente enfrentando os fatos em preto e branco.

- Bom. - limpou a garganta. - Sua pressão sangüínea é dez sobre cinco, seu reflexo Babinski é inexistente, sua temperatura é de oitenta — pelo seu aperto de mãos, que é frio e úmido — suas respirações são quatro, e seu pulso é seis. Tudo incompatível com a vida. O que quer dizer que tem que cuidar você mesma do seu traseiro, Betsy — se alguém a encontra durante o dia, vai se assustar e chamará a ambulância, um doutor vai diagnosticar sua morte, e logo, olá necrotério.

Jessica ficou com o olhar fixo.

- Só respira quatro vezes por minuto?

- Suponho que sim - disse eu na defensiva. - Não estou acostumada a pensar a respeito disso. Quer dizer... Quando pensa em sua respiração? Nunca, a menos que esteja resfriada ou algo assim.

- E não está fria e úmida, - disse Jess lealmente. -Tocá-la é... é como estar estendida numa sombra fresquinha.

- Fria e úmida - reclamei deprimida. - Foi agradável isso da sombra, sem dúvida.

- Mas... Embora seus órgãos vitais sejam incompatíveis com a vida, é super forte, cruelmente ágil, e com uma dieta líquida. Há muito pouca atividade a nível celular — por isso deixou de envelhecer. Sem mencionar o aparelho excretor. Não tem feito pipi desde que morreu... o que não faz sentido, porque bebe líquidos todo o dia — não sua, e não chora. Jessica disse que não pode beber sangue conservado. Deve haver algo no sangue recente — vivo — que a mantém funcionando. Serão os eletrólitos? A energia pura armazenada nas células vivas...? Me pergunto se está equipada...

- Não pode usar a ciência para explicar tudo, - cortou Jessica. - Também pode haver alguma merda mística atuando.

Ri.

- *Merda mística?* É um termo técnico?

Encolhemos os ombros em nossos casacos, apagamos as luzes, e nos dirigimos para a rua por uma porta lateral, tão silenciosos como foi possível.

Marc não tinha programado trabalhar esta noite, e não se sentia capaz de responder perguntas embaraçosas a respeito da tagarela garota morta da mesa de exames.

- Não sei. Nunca acreditei nessas coisas. Droga, nunca, nem sequer tenho lido ficção científica. Mas vi de tudo no hospital... como espécie, somos incrivelmente reguláveis. Podemos sobreviver a um montão de coisas que deveriam nos matar. Talvez seja uma mutação. Talvez um vampiro seja simplesmente outra palavra para...

- Um inseto estranho mutante. Muito reconfortante.

- Homem, oh homem, o artigo que poderia escrever a respeito disso - disse Marc. - Seria famoso... antes que me metessem em um hospital psiquiátrico durante um agradável ano.

Isso nos fez rir. A porta se fechou ruidosamente atrás de nós e começamos a andar através do beco para a rua, quando todo o inferno se desatou. Senti o perigo antes que Jessica e Marc o fizessem — nenhum dos dois teve uma pista até que a cadela esteve sobre nós — mas não fui suficientemente rápida. Houve um borrão e então uma pequena mulher de cabelo escuro, com os olhos mais azuis que alguma vez tinha visto, agarrou Marc. Ela tinha passado o antebraço através do seu pescoço e o dobrava para trás, desta maneira sua garganta estava no mesmo nível de sua boca. Jessica estava de barriga para baixo na neve — ao agarrar Marc, a puta a tinha afastado de um empurrão contra a parede, pondo-a fora de combate.

- A infame Betsy - ronronou a Pulga. Era de curta estatura, provavelmente perto de metro e meio. De uns quarenta quilos de peso. E claramente forte como um boi abarrotado de esteroides. Sua cara era pouco interessante, sem adornos — nariz como a média, com uma fenda no queixo, de frente estreita — mas seus olhos eram assombrosos e preciosos. Grandes, do cor de um céu primaveril, estavam bordeados de cílios escuros, que pareciam pintados. Suas presas cresciam enquanto a observava.

- Finalmente nos encontramos.

Embora me chateasse tinha que reconhecer que ela não sussurrava.

- Amiga sua? - Marc remexeu-se para poder falar. A metade de seu ar estava sendo cortado e estava tão inclinado para trás de que tinha os olhos cravados nas estrelas. Claro que estava assustado como os diabos, mas seu tom era apropriado: Casual, despreocupado. Estava muito, muito orgulhosa dele. Francamente, não imaginava que fosse tão valente até agora.

- Talvez uma antiga companheira de colégio? — Glkk! — Uma cupincha?

- Nunca a vi antes. Escuta, ¹⁰Tootsie Roll, quer soltar meu amigo antes que lhe coloque uma cruz no rabo?

Ela riu e apertou ainda mais. Marc ficou sem fôlego, mas não disse nada. Ela lambeu o lado de sua garganta e ele estremeceu ao mesmo tempo que se apoiava contra ela.

- Oh ouça, este cara tem bom sabor, sim. Não é estranho que o mantenha por perto.

- Ele é meu almoço. Vá agarrar o seu. - Dava um passo cauteloso para diante, e o mordeu. Grosseiramente — não houve nada de amável. Arrancou-lhe com um puxão um pedaço largo, quase três centímetros de pele, cuspiu-a, e então tragou o sangue como um cão tomando água em um dia quente. Marc gritou.

Eu também gritei.

- Basta!- Tremia pela brutalidade da confrontação.

Um minuto antes dávamos um passeio, por Deus. Nem sequer o encontro no cemitério tinha sido tão alarmante.

- O que quer?

Ela deixou de beber.

- Você, é claro. Sua presença é solicitada por meu amo.

- *Nosehair*¹¹??

Suas fossas nasais flamejaram. O sangue brilhou em seu queixo. Na realidade eu quis lambê-lo, isso não é doente e repugnante? Pude sentir como cresciam meus dentes, parecendo encher minha boca. Estava tão envergonhada que não podia olhar para Marc.

- Suponho que é uma piada?

- Não! Zizou realmente ruim com estezz nomezz.

- O que há com sua boca?

- Não importa. De que ezztaamozz falado?

- Nostro deseja sua companhia. Disse-me que usasse qualquer método para te persuadir. Agora, quero...

- Ok.

Ela vacilou um pouco.

- O que?

- Ok, irei com você. Podemozz ir agora mezzmo.

- Oh. - Pensou durante um longo momento. Obviamente tinha esperado mais resistência. Soltou Marc, que quase se rasgou um pouco ao engatinhar longe

¹⁰ *Pastelzinho de chocolate. N.T.*

¹¹ *Nariz peludo. N.T*

dela. Dirigiu-se imediatamente para Jessica, ajoelhou-se, e procuro ver a pulsação em seu pescoço.

- Muito bem. Venha comigo agora.

- Marc. - Minhas presas se recolhiam... graças a Deus. – Ela está bem?

Contemplou-me, tremendo pela ação da adrenalina.

- Sim, acredito que está bem. Apenas contundida.

Felicidades vadia, talvez possa viver a seguinte hora.

- Ok. Leve-a ao ER. Que alguém a examine e de uma olhada em seu pescoço. Sinto muito.

- Não é tua culpa. Inventarei algo bom. Direi que fomos assaltados por um criminoso, ou algo assim.

- Sinto muito. - Comecei a caminhar fora do beco. A Pulga observou, com um olhar de divertido desprezo em sua pequena e suja cara.

- Voltarei mais tarde.

- Não necessariamente, - a pequena coisa riu disimuladamente.

- Vá se foder. - Nunca tinha usado a palavra f... antes desta noite, mas me pareceu uma expressão ideal para me dirigir a ela. E a aparência horrorizada em sua cara — como se a tivesse esbofeteado, que é o que tinha feito, só que com palavras em lugar de com minha mão — era bem merecida pelo horrível mal que fez com meus amigos. E Oh, pastelzinho, tenha cuidado porque se te pegar com a guarda baixa...

Mas era simplesmente uma mensageira, um soldado. Nostro a havia enviado, havia-lhe dito que fizesse o que fosse necessário para que eu acudisse. Era a ele que tinha que fazer picadinho primeiro.

CAPÍTULO QUATORZE

- Meu amo deseja...

- Cale a boca, vadia.

- Você não pode me falar assim...

- Vá se foder.

Ela se inclinou para frente e seus olhos se tornaram da cor do firmamento pouco antes do pôr-do-sol.

- Não deseja brigar comigo... Betsy.

Ooooh, seus olhos trocavam de cor quando estava zangada... agora, verdadeiramente me assustei.

- Quer apostar? Se que quiser, Tootsie Roll. Venha. Aqui idiota! Vejamos o que faz quando não se esconde atrás de um de meus amigos. – Devo ter soar quase tão zangada como me sentia, porque ela vacilou. Logo cruzou os braços, fazendo

uma representação admirável de alguém que não havia estado momentaneamente assustada, recostou-se, e olhou fixamente pela janela da limusine.

Sim, estava de volta em uma das limusines de Nostro. Tinha estado esperando na entrada do beco como um grande e negro bebedor de gasolina que pressagia a morte. Arranquei a antena, simplesmente por diversão, e a atirei para Tootsie Roll à cabeça. Ela se esquivou — apenas. O condutor não disse nada, simplesmente segurou a porta para mim.

- Sou Shanara.

- Cale sua maldita boca. - Apalpei os bolsos — as estúpidas calças de linho, enrugaram-se como o inferno — e lhe lancei uma nota de dez dólares. - Vê se compra um nome de verdade.

Ela deixou que o bilhete ricocheteasse em seu inexistente peito e começou a golpear ligeiramente suas largas unhas vermelhas no braço. Começava a ficar lindamente zangada mas, que coisa, não estava fazendo nada. O decreto do Nostro lhe dava permissão para ferir meus amigos, mas não a mim? Era momento de averiguá-lo.

- As largas unhas vermelhas de prostituta saíram de moda faz cinco minutos - informei-lhe. - Ou melhor, faz mais de cinco anos. Que esteja morta não quer dizer que tenha que ofender nossos sentidos.

- Não-morta - respondeu bruscamente.

- Morta - continuei implacavelmente. - Quando foi a última vez que comeu um belo bife? Ou uma salada? Droga, um pedaço de torrada? As pessoas mortas não comem. Não comemos. Então, nós estamos mortas.

- Temos mais poder do que os meros mortais podem...

- Bla, bla, bla. Então, quando morreu? Não parece ter mais de sessenta.

Seu peito plano se elevou com indignação.

- Eu me Transformei Gloriosamente em 1972 .

- Isso explica as unhas e as calças boca de sino.

- Estão na moda outra vez! - Quase gritou, apontando a suas imitações de Gap¹².

- Não, sinto muito. Foram muito modernas, mas de novo estão antiquadas.

Da frente da limusine pude ouvir um som curiosamente amortecido, algo assim como alguém tratando de ocultar sua risada.

Perdedoras han se voltou e, rápida como o pensamento, golpeou sua palma

¹² *Gap Knockoffs, reconhecido estilista. N. T.*

contra o guichê que nos separava do chofer . O vidro se trincou mas não se quebrou.

- Limite-se a dirigir, toco!

- Suscetível - comentei. Não é muito divertido seqüestrar alguém que pensa que caminha e falas, com umas horrorosas roupas que parecem um disfarce, não é? E a propósito, Shamu, se alguma vez tocar em um de meus amigos outra vez, arrancarei de uma dentada todos os seus dedos e os enfiarei pelo nariz. - Sorri agradavelmente. - E isso também vale para o velho Nostril - somente conversava, suponho... droga, era uma secretária, não uma vingadora. Uma secretária que tinha sido despedida, poderia adicionar. Podia datilografar como uma filha da puta, mas nunca tinha dado um murro.

Mas podia falar. Poderia tagarelar até o dia do Julgamento Final, se tivesse que fazê-lo.

- Pagará por isso - disse ela duramente. - Amanhã a estas horas não terá este comportamento.

- Aborrecida e verdadeiramente zangada? Meu Deus, espero que não.

Ela se sobressaltou como se lhe tivesse enfiado um garfo em um de seus olhos. Curioso, muito curioso. Rapidamente pensei a respeito do que havia dito: Aborrecida? Zangada? Meu Deus?

- Meu Deus, - retruquei. Outra careta de desgosto. - Jesus Cristo. Senhor. "Pai Nosso, que estais no céu..."

- Pare, pare! - Virtualmente estava subindo pela porta, tratando de afastar-se de mim. - Não diga, não diga Essas Palavras!

- Deixe de falar com maiúsculas e não direi.

- O quê? Não te entendo.

- Ninguém com seu calçado - disse com um olhar significativo a suas imitações de Prada¹³ - Poderia me entender.

* * * *

- Já chegamos?

- Não.

- Já chegamos?

- Não.

- Já chegamos?

- Não.

- Já chegamos?

¹³ Outro famoso estilista. N. T.

- Fecha a boca! Tenho que te levar para ele mas não tenho porque escutar cada palavra que saia de sua boca! Basta basta basta!

- Ok, ok. Não precisa chorar. - Esperei alguns segundos, logo depois perguntei brilhantemente: - Já chegamos?

- Misericórdia - disse através de suas apertadas presas - Estamos chegando.

- Hei, bonito truque, está toda cheia de presas. Por que? Faminta? - Provavelmente estava. Estava pálida. Muito branca, muito magra. Claro, também podiam ser os efeitos secundários de ficar presa comigo em um espaço fechado durante trinta minutos. - Nem sequer pense em me lanchar .

- Já quis. - A limusine parou brandamente, a porta se abriu de repente com um pequeno som explosivo, Shanara agarrou meu cotovelo e me tirou a empurrões do carro. - Venha.

-O que acontece, nenhum cemitério? - Estávamos de pé no exterior de uma gigantesca casa no Lago Minnetonka. Era de três andares, verde escura, com quatro pilares brancos. Parecia-se com Tara, um pouco menor. Todas as luzes estavam apagadas, é obvio. - Acreditei que seu chefe queria manter os estereótipos.

Nenhuma resposta. Limitou-se a me agarrar pelo cotovelo outra vez e a me sacudir com força. poderia-se dizer que na verdade, realmente quis me fazer mal. Uma pessoa sensata e inteligente utilizaria esta oportunidade para calar-se e procurar como escapar.

- Então, Shanpalurda, é a cobradora deste sujeito ou o que? 'Quero a Betsy, me traga Betsy... veja e traga-a!' É assim? Ou simplesmente é tão perdedora que não tem vida própria, por isso se pendura nas abas disso cara? Cuidado com minha roupa! - Levava uma calça de linho, Anne Klein, cor de café claro e umas sandálias de Helene Arpel do ano passado. Alegrei-me de não ir melhor vestida, ou usando meus Arpels bons. Odiaria que esses sonsos pensassem que eu tinha me arrumado para eles.

Conduziu-me através da casa, que, embora estivesse às escuras, pareceu-me bem iluminada.

Levou-me (ou melhor, arrastou-me) através de um conjunto de portas francesas que se abriam a um salão de baile. Olhei para cima esperando ver uma bola de discoteca e fiquei aliviada ao não vê-la. O quarto estava ocupado por, aproximadamente, umas vinte pessoas, todas vestidas de negro (é obvio).

Todas as mulheres usavam batom em diversos matizes de vermelho, e os homens foram com smokings. Ufa! Trajes alugados! Há outra coisa mais... cafona?

- Ahhhhhh, Elizabeth.- Nostro se levanto de um (gemi!) trono. Um de verdade, situado na parede mais longínqua do salão de baile. Realmente feio,

também, tudo chapeado em ouro e brilhantes, e falto de tato. Ao menos não usava uma coroa.

- Obrigado por trazê-la, Shanara.

- Seu desejo mais leve é minha ordem mais urgente, Amo.

Bufei. Sha-na-na me lançou um olhar do mais puro veneno. O que ignorei significativamente.

- Escute, por que estou aqui? Por que mandou seu cão atrás de mim?

- Foi embora muito rápido da última vez, - Disse Nostro agradavelmente.

Quando se aproximou mais, vi que era muito mais baixo que eu, e calvo. parecia-se com um monge dos maus, da classe que torturava os ratos quando os outros monges estavam orando.

- Estou muito contente que tenha preferido retornar. Agora podemos completar a cerimônia, e pode se unir à minha família. - Ele moveu o braço ao redor, indicando os outros indivíduos da sala. - Estão mais que ansiosos por te saudar.

- Sim, parece que vão sorrir em um minuto. Escuta, Nostro, não gosto nada disso. Não queria retornar e você sabe. Sua puta, vestida com imitações, feriu meu amigo para me trazer. E não vou participar de nenhuma cerimônia. E quero que me deixe em paz.

Ouviu-se um par de suspiros afogados quando eu disse. Nostro olhou ao redor lentamente, como uma cobra revisando se havia ratos descuidados, mas ninguém fez contato visual. Todos cravavam os olhos no chão.

Nostro voltou-se para mim e forçou um sorriso. Suas pupilas, precavi-me pela primeira vez, estavam circundadas em vermelho. Foi muito mais horripilante que a grande casa horripilante, o smoking estúpido, o trono e os falsos manerismos cortesões. Esses detalhes unicamente me fizeram querer rir. O que não pude evitar foi que seus horripilantes, horrendos olhos me dessem medo.

- Devo insistir. Preciso sua participação na cerimônia e eu não ... - gritou. - Saltei. Continuou com uma voz perfeitamente suave. -...tolerarei que fique do lado de Sinclair.

(Nota para mim mesma: ou a tribo dos não mortos voltou para este tipo louco, ou estava louco antes.)

- Sinclair? Está preocupado se vou ficar do seu lado? Não por isso, chefe. Não aproximaria dele nem por uma aposta.

Nostro piscou lentamente como uma rã.

- Não deseja dar sua lealdade a meu clã ou a Sinclair?

- Por Júpiter! Afinal se deu conta! Não, não quero saber de nenhum de vocês. Não quero cerimônias ou política de vampiros, ou que meus amigos sejam

emboscados porque alguém que tem ardentes desejos de falar comigo... não quero nada disso. Sem intenção de ofender - adicionei, vendo como se obscurecia sua expressão.

- Não estou ofendido - disse com uma sinceridade completamente falsa. Esforcei-me em manter meu tom sarcástico afastado do comentário quando continuei. - Somente quero viver minha morte da mesma forma em que vivi minha vida. - Olhei ao redor do quarto, tratando de fazer contato visual com alguém... qualquer. - Oh, vamos! - Gemi alto. - Não posso ser a única que se sente assim... vocês não gostariam, nenhum de vocês, voltar a ver os amigos? Talvez encontrar um antigo chefe e lhe dar um bom susto? Mostrar a seus pais que não dormem na terra? Por que temos que nos apinhar em pequenas assembléias de não mortos?

- Por proteção, por...

- Por bobagens. As histórias não são todas verdadeiras... Pudemos conservar nossas almas. Por que não podemos conservar nossas individualidades? Por que não acendemos as luzes malditas, por Deus? Por que andam todos de negro? Por que parecem extras de um set de filmagem de vampiros classe B?

Nostro se sobressaltou em "Deus," algo assim como aconteceu com Shanara, mas além disso, estava completamente imperturbável ante meu grito proselitista.

- Basta, - disse, porque alguns me olhavam com surpresa e com não pouca curiosidade. - Odeio tocar no assunto de novo...

- Assunto...?

- ... mas está conosco, ou com o Sinclair. Com qual?

- Com nenhum! Acredito que ambos são uns arrastados. - logo que saiu de minha boca me dei conta que tinha ido muito longe. Equilibrou-se sobre mim, cruzando os seis ou sete pés que havia entre nós, em uma piscada, suas mãos indo a minha garganta, me tirando o ar. O que teria sido um enorme problema se eu precisasse respirar mais que umas poucas vezes por minuto.

Nesse preciso instante, a horda caiu sobre nós. Havia muitos deles me fazendo bastante mal; Tudo o que em realidade vi (e senti) foi uma quebradeira de murros. Nostro soltou-me e lhe ouvi dizer

- O fosso para ela!

A horda me levou. Não tratei de brigar — para que me incomodar? As probabilidades eram trinta por um. Em lugar disso me enfoquei em conservar meus pés sobre a terra, o que foi difícil, porque me varriam tão rápida e furiosamente, que os dedos dos pés logo roçavam o chão.

Abaixo, abaixo, os degraus desciam cada vez mais, e antes que pudesse conseguir dar um olhar ao fosso, estava voando através do ar, para a mais profunda escuridão. E alguém entrou na escuridão comigo.

CAPÍTULO QUINZE

Esse alguém era uma moça. Bem, poderia ter cem anos pelo que sabia, mas dava a impressão de que poderia ser multada se inventasse de comprar cigarros.

Embora o fosso estivesse bastante escuro, meus olhos não mortos funcionavam realmente bem, e pude distinguir seus delicados e pálidos rasgos: queixo afilado, maçãs do rosto altas, e grandes e escuros olhos. Acredito que poderiam ser chamados de... olhos pensativos... grandes e bonitos e orlados por umas pestanas maravilhosamente escuras. Estávamos de pé no fosso, juntas e nos olhando a uma à outra. Ela parecia tão jovem, tão fresca; se de repente tivesse tirado um par de pompons e tivesse começado saltar como uma animadora de torcida não me haveria de surpreender.

Em lugar disso, ajoelhou-se e inclinou-se de modo tão respeitoso que sua frente tocou o fundo do buraco.

- Majestade, imploro-lhe seu perdão... não a pude ajudar lá em cima, havia muitos deles.

- Levante, não me chame assim, e não se preocupe. Vamos! Levante-se! Este nome é asqueroso, mas já me acostumei a ele. - Tentei mexer-me. Meus sapatos, definitivamente grudavam. Era como estar em um cinema depois da meia-noite saindo da função do The Rocky Horror Picture Show - Sério: Levante-se.

Agachei-me, agarrei seu braço e a coloquei em posição vertical.

- Majestade...

- Betsy.

- Rainha Betsy...

- Bet.

Ela olhou para o outro lado, então timidamente voltou a olhar-me.

- Não posso. Posso chamá-la Elizabeth em lugar de Betsy'?

- Pois não, - admiti, - embora algumas pessoas efetivamente o fizessem. E não sou a rainha.

- Ainda não - disse ela misteriosamente.

Deixei passar isso.

- Onde estamos? E por que estou aqui embaixo? Isto é uma masmorra?

- Quem dera, Majestade. O Amo aloja a seus Demônios aqui embaixo. Neste momento corre para a alavanca. A porta da jaula subirá, e os Demônios estarão sobre nós.

- Bem, esse é um fato extraordinário. - Estava um pouco nervosa, mas não totalmente aterrada. Ainda não. Achei a animadora de torcida extremamente interessante.

Por que saltou comigo? E por que tinha metido na cabeça que eu era uma rainha? Nem sequer era de Leão. - As paredes são bastante abruptas aqui dentro... é assim para que não tenhamos tempo para subir. Alguma sugestão?

- Sim. - A animadora procurou no bolso de sua calça jeans e saco um pacote pequeno, densamente acolchoado, do tipo que se usa para enviar discos pelo correio. Atirou-me isso, de tão ansiosa que estava por desfazer-se dele. -

Para você. Só você pode esgrimir isso.

- ... obrigado Uh. Puxa, não tenho nada para você. - Abri o pacote e olhei dentro. E sorri. Coloquei o conteúdo sobre a mão e senti uma fresca corrente de ouro em minha palma. Era uma bela cruz de ouro com uma correntinha tão fina, que eu, com meus súper olhos, tive problemas para vê-la. Olhei de novo, apalpando o pequeno broche de pressão com meus grandes dedos e colocando-a ao redor de meu pescoço depois de alguns segundos. - Muito obrigado. Deixei a minha em casa.

- Isto é por ser a rainha. Ou vai ser. Você foi profetizada, sabe?

- Não, não sei... e de todas formas, quem é você?

- Eu sou Tina.

- Graças a Deus! Gritou, tão alto, que deu um passo atrás. - Não tem nenhum nome ridiculamente exagerado, garota.

- É o diminutivo da Christina Caresse Chavelle.

- Bem, fez o melhor que podia.

Nesse mesmo momento escutei um chiado, um realmente insuportável; era como se dobradiças cheias de imundície se movessem com uma tortuosa lentidão. O som me deu vontade de tampar os ouvidos com ambas as mãos. Entretanto, não o fiz. Não tinha nenhuma necessidade de começar a perder a compostura diante Tina, que depois de tudo, colocou-se comigo em um buraco escuro e me havia dado um presente. - Que diabos é isso?

- O portão está subindo. Os Demônios estão para fora. - Disse Tina em um tom perfeitamente tranqüilo, mas mordiscando o lábio inferior. - Não tenha medo.

- Estas falando isso para mim , ou a si mesma?

- A ambas, - admitiu. Olhou-me de baixo — céus, era baixinha. Apenas chegava-me ao ombro, e era tão linda como um inseto. - Pularão em você, mas antes terão que passar por cima de mim, Majestade.

Tentei não rir.

- Obrigado, Tina, mas essa não é a atitude de uma Rainha, é? Acovardar-se atrás de alguém menor?

Escutei uma agitação no ar, como o vento quando se move através de capas, e vi seus olhos na escuridão, como tétlicas brasas. Contei dez brasas. Obviamente o

fosso tinha uma outra entrada, além da superior. Mas o outro extremo estaria bloqueado, ou os Demônios saltariam por todos lados sob a luz da lua, como uns cachorros grandes e maus.

- Se negociássemos com eles (um grande e hipotético “se”), teríamos tempo para subir para fora, mas depois o que?

Tina deu um passo diante de mim quando o primeiro demônio nos alcançou. Por uma vez senti pesar de poder ver tão bem na escuridão. Eram vagamente humanos — como o diabo é vagamente humano. Embora tivessem duas pernas, moviam-se quase a quatro patas. Seu cabelo era, para um homem (ou uma mulher... seu sexo era indistinguível), comprido e murcho, lhes tampando os olhos. Suas bocas eram todas cheias de presas:

Dentuços e afiados, era assustador olhá-los. Suas faces estavam tão cavas que seriam a inveja de qualquer supermodelo. Vestiam-se de farrapos, incrivelmente sujos e em um estado lamentável, e todos estavam ali para me fazer mal, mas apesar disso não pude deixar de sentir uma pontada de simpatia por eles. Estes seres eram os mascotes do Nostro, e ele não os tratava muito bem.

- Se afastem, meninos, - falei, fazendo com que minha voz ressoasse em torno das pequenas paredes. - Não queiram se meter com uma secretária desempregada. Somos realmente irritáveis.

Os Demônios se encolheram de medo afastando-se de mim, mas duvidei que fosse por minha ameaça. E repentinamente me dei conta de que podia ver bem melhor do que há alguns segundos.

A cruz. A cruz ao redor de meu pescoço resplandecia. Não muito. Não resplandecia com uma luz branca e pura como nos filmes. O resplendor era débil e amarelado e a cruz não me queimava, nem sequer estava quente, mas os Demônios não a podiam suportar. Tampouco Tina. Ela havia colocado os braços diante do rosto.

- Espere um minuto! - O cabelo... a maneira de mover-se... seu físico, mais animal que humano... conhecia estas coisas. - Vocês me atacaram! São os sujeitos que atacaram-me quando saí do Kahn no outono passado! - Fiquei irada. Quis chutá-los nas costelas. Era uma idéia chocante e incrível, mas repentinamente soube como tinha chegado a ser uma vampira. Estas... coisas... me tinham infectado. Depois de alguns meses veio o Aztek, e o que for que os Demônios tivessem metido em minha corrente sanguínea pelos arranhões e beliscões, ativou-se.

Seria essa a causa pela qual a maioria das coisas antivampiros não funcionavam em mim? Porque não morri pela mão de um vampiro e simplesmente havia sido infectada por um? Ou cinco?

Sacudi-me como um cão para clarear a cabeça — estava ali parada como uma idiota com a boca aberta, mas não era o momento. Os Demônios ainda se encolhiam de medo longe de mim, da cruz. Soube agora por que Nostro me tinha metido aqui — estes pequenos e irascíveis sócios, fariam em pedaços um vampiro normal recém-nascido. Se não fosse pela valentia de Tina teria sido despedaçada pelos demônios.

- Fora daqui, - disse brandamente, e dei um passo para frente. Eles correram afastando-se, logo viraram e fugiram.

- Vamos, benzinho - falei. - Saíamos deste maldito buraco. Tenho algumas opções para seu chefe.

- Nostro não é meu chefe, - disse Tina. Coloquei a cruz dentro de minha camisa e ela lentamente baixou seus braços. - Você é.

- Falaremos disso mais tarde. Vamos.

Foi um trabalho fácil escalar para sair do fosso. As paredes eram de tijolo, e abundavam as gretas para que os vampiros se agarrassem. Não havia ninguém de guarda — Nostro tinha certeza de que acabaríamos devoradas. Tina conhecia a saída de trás, e a segui. Entretanto, tive um grande problema com sua sugestão seguinte.

- De jeito nenhum!

- Por favor, Majestade —

- Betsy, maldição!

— É por sua segurança. Sinclair deve conhecer o que Nostro tentou fazer. E o que não conseguiu obter. Esta é a oportunidade para unir-se a ele e derrotar Nostro de uma vez por todas.

- Odeio esse miserável.

- Qual?

- Ambos, francamente, mas especialmente esse estúpido esnobe do Sink Lair.

- Bem. - Tive a sensação de que Tina escolhia suas palavras cuidadosamente.

- Se nos ajudar a derrotar Nostro, você será a rainha. E poderia ordenar que o estúpido deixasse a cidade.

- Isso esta um pouco melhor. Embora não tenha aptidões de rainha.

- Falso, - disse ela. - Eu sei. Você foi profetizada.

Fomos para o sul. Algum tolo tinha deixado as chaves postas em um Lexus, assim entramos e fomos embora. Não me senti tão mal por isso — de qualquer maneira, merecia isso por viver em um bairro de vampiros. Provavelmente era um vampiro. Além disso, depois eu deixaria o carro em um lugar seguro, e faria com

que Marc ou Jessica chamasse o dono. Depois do que tinha passado esta semana, era difícil estar nervosa por um grandioso roubo de automóvel.

- Profetizado, - tornei, me agarrando firmemente ao apoio quando Tina fez uma curva quase em duas rodas. - Disse isso antes.

- Há um livro. Nós — os vampiros — o chamamos Tabela dos Mortos. O livro dos mortos. Uns mil anos atrás, os vampiros sabiam que você viria. 'Uma rainha surgirá, que terá poder sobre todos os vampiros. A água benta não a consumirá, e a cruz nunca lhe fará mal, e as bestas farão amizade com ela, e ela regerá os não-muertos.' - Disse inclinando a cabeça com satisfação.

- Meu Deus!- Tossi. Essa referência às bestas, esclareceu... o episódio dos cães.

Durante a curta caminhada para o carro, cada cão dos arredores se havia libertado e tinha se aproximado. Tina esteve todo o momento com os olhos muito abertos enquanto eu amaldiçoava, arreganhava e amavelmente tratava de jogá-los para longe. Quando partimos latiam com entusiasmo às nossas luzes traseiras. Uma fuga realmente sutil.

- Que história maravilhosa.

Tina não sorriu.

- Essa é você, Majestade. É o primeiro vampiro em uns mil anos que poderia segurar uma cruz sem gritar ou ser lançada ou queimada. Nostro atirou água sagrada em sua cara e você riu. Riu! - Disse isso com um tom de completa admiração. - Os cães fazem sua vontade...

- Uma droga que o fazem. Nunca vão embora quando mando. Simplesmente lambem meus tornozelos e babam em meus sapatos. Meus sapatos!

Sorriu-me um pouco.

- Não se vão porque sabem que você não está verdadeiramente furiosa com eles. Simplesmente querem estar junto de você. O melhor é que se acostume a isso.

- Magnífico. - E me dava conta de que tinha muito para pensar do ocorrido no fosso! Esta noite estalariam todos os meus circuitos. - Se isso for certo, se for a SuperVamp predita, por que você é a única que sabe? Por que foi a única que entrou no fosso comigo? E mil obrigados, por certo. Isso foi realmente corajoso. Não sabia no que me metia, mas você sim, e desceu apesar de tudo.

Toquei seu ombro. - Muito obrigado. Se precisar de qualquer coisa, me procure.

Ela me deu o sorriso maior que já vi.

- Oh, Majestade, não foi nada! Era o mínimo que podia fazer por você! Se pudesse entrar sozinha ao fosso, o teria feito. - O sorriso desapareceu tão rapidamente como tinha aparecido. - No que se refere a sua pergunta, a razão pela

qual fui a única em vir com você é porque os seguidores do Nostro são um grupo de covardes filhos da puta.

- Tina! - Não era a primeira vez que escutava essa palavra que começava por “p”, mas soava especialmente mal saindo dessa linda boca, dessa cara doce.

Além disso mudar sua linguagem formal para o jargão do século XXI produziu um efeito desagradável, para não dizer algo pior.

- Não vão deixá-lo - disse. - Fazem só o que ele diz. Embora signifique machucar inocentes. Além disso, você é mais um mito que realidade. Como a segunda vinda de... *você sabe quem*.

- Cristo?

Ela se sobressaltou, mas inclinou a cabeça.

- Sim. Ele. Todo mundo sabe disso, mas quantas pessoas na atualidade, acreditam verdadeiramente nisso? Ou reconheceriam a Essa Pessoa se ele retornasse? Falam de milagres, a respeito de caminhar sobre a água, mas se alguma vez vissem alguém fazendo-o, ficariam muito assustados. Acredito que o mesmo ocorreria a muitas pessoas. Bem, o mesmo acontece com você, Majestade. Cada vampiro sabe de você... mas quase ninguém acredita.

- E Sinclair?

- Ele foi o primeiro em suspeitar quem poderia ser você. Um de seus homens a chamou, pediu que fora à livraria... se lembra, a noite que foi seqüestrada?

- Que noite? - Queixei-me. - Assim é difícil seguir a pista. - Mas recordei. Então o homem de confiança de Sinclair me tinha chamado, não de Nostro. Mas obviamente havia um espião no acampamento de Sinclair, porque os homens de Nostro se aproximaram de mim primeiro. Sinclair deve tê-los destripado para chegar ao mausoléu antes que eu o fizesse. Lembrei-me de seus sapatos e como tinha tentado vê-los mais de perto. Tinha-os enlameados, como se tivesse chegado só alguns segundos antes de mim. - Então trabalha para Sinclair?

- Ele me salvou de Nostro, - disse simplesmente. - Não quis ficar com Nostro, ou seria uma dessas criaturas sem espírito.

- Tenho que te dizer, Tina, que você está me arrastando para o estúpido. O que você é ... Sua mensageira ou algo parecido?

- Sou sua serva, sim.

- Então é como Nostro.

- Não. Estou com ele porque prefiro estar com ele. Se eu quisesse ir embora amanhã, viver na França e não voltar a fazer outra coisa para ele, não objetaria. Eu o fiz.

O carro pareceu encolher-se, repentinamente. Contemplei-a, e ela olhou

fixamente pelo pára-brisa.

- Transformou Sinclair em vampiro?

- Sim. Estava desesperada. Nostro quase nunca nos deixa nos alimentarmos, é sua forma de nos controlar, assegurando-se de que ninguém se faça mais forte que ele.

- O estúpido, - comentei.

- De fato. Encontrei Sinclair em um cemitério durante a noite. Seus pais tinham morrido nessa mesma semana. Tinham sido assassinados. Estava sozinho no mundo. Ele me viu... estava muito faminta para ser cuidadosa e ele me viu.

A voz de Tina se tornou mais suave; custava-lhe dizer as palavras. Era como se estivesse desesperadamente envergonhada por suas ações daquela noite, há tanto tempo.

- Ele abriu seus braços. Convidou-me. Sabia que eu era um monstro e não se importou. E eu... tomei-o. Matei-o.

- Bem... uh... é o que vocês fazem, não?

Ela negou com a cabeça.

- Essa é outra coisa proibida... não podemos fazer mais vampiros sem a permissão do Nostro, mas morria de fome e não me importei. Estava esperando Sinclair quando ele apareceu.

Digerei aquilo durante um momento.

- Uau. - Eu não gostei da história por várias razões, e a primeira e mais importante era que me fez sentir pena de Sinclair.

Podia imaginar a cena — ele com um traje negro, pálido, sem que o preocupasse nada. E Tina chegando até ele, magra como um pau, de um branco cadavérico e tremendo de fome. E como ele a olhava e abria os braços para ela, lhe dando boas-vindas. - Uau. Isso é... isso é fenomenal. E se separou de Nostro.

- Sinclair mostrou ser forte desde o momento em que despertou. Alguns...uns poucos — são assim, Sabe? Sua vontade... é incrível. Nostro não quis meter-se com ele, ninguém o fez. Por isso deixou Sinclair de fora, e este me levou com ele. E tem sido assim, durante anos e anos.

- Que idade tem?

- Nasci - disse ela, tomando uma curva fechada e conduzindo por um caminho de terra — quando deixamos a cidade?— No mesmo mês e ano que começou a Guerra Civil.

- Hum... Okay, minha mãe e eu certamente teremos umas mil perguntas a lhe fazer sobre a Guerra Civil, porém tarde, enquanto isso... Quantos anos tem Nosehair??

Ela riu tolamente disso, mas abruptamente parou, como se fosse perigoso rir dele, até a uma distância de muitas milhas de seu esconderijo à beira do lago. - Ninguém sabe. Por sua força, adivinharia que ao menos quatrocentos anos. Talvez mais.

- Sua força?

- Disse-lhe que Sinclair nasceu forte, mas para a maioria dos vampiros, a força é adquirida. Quanto mais tempo se alimenta, mais aprende e mais forte fica. Um homem de oitenta anos tem mais experiência da vida que você, não é? Eles ficam... bem... vadiado mais? Agora: imagine um ancião em um corpo jovem que nunca está cansado, com velocidade e força ilimitada.

- Entendi. - Pelo que me acontecia ultimamente, isso fazia sentido.

- Então um vampiro de trezentos anos é muito, muito mais forte que um vampiro que morreu ontem. Suspeito que Sinclair deve ter sido um homem extraordinário quando estava vivo, porque foi rapidamente forte depois da morte.

- Oooooooh, Tina! Fala como se sentisse atraída pelo chefe.

Ela me sorriu.

- Não, Majestade. Admiro-o muito, mas pelo resto... parei com esse tipo de coisas há cem anos.

- Pode ser a coisa mais deprimente que ouvi esta semana, meu bem. Uh... sinto muito. - A mulher era suficientemente velha para ser minha bisa, tatara, tataratataravó, embora parecesse pertencer a um grupo de animadoras de torcida.

- Majestade, pode me chamar Mistress Putz? Se quiser. É um prazer apenas estar na sua presença.

- Basta disso. - Se pudesse ruborizar, o teria feito. - E ainda não aceitei ir à casa de Sinclair.

- Já estamos aqui - disse com ar de desculpa, quando os portões se abriram. Nós passamos por eles, rápido o bastante para me pressionar de volta a meu assento, mas quando ouvi os portões fecharem-se com força soube o por quê.

- Droga! O sujeito não deixa a porta principal aberta durante muito tempo? -

- É um homem cuidadoso - foi tudo o que disse.

Resmunguei algo em resposta, e estou bastante certa de que Tina apanhou a palavra 'asno', mas era muito educada para fazer comentários.

Detivemo-nos diretamente no caminho de diante da casa — era vitoriana de um formoso vermelho, mas depois do palácio do Nostro e, claro está, tendo crescido com uma amiga super milionária, aborrecia-me bastante destas magníficas e belas casas. Por que não ninguém vivia em uma singela casa rural?

Tina desligou o carro, rodeou-o e logo segurou a porta aberta para mim, até antes que eu percebesse que paramos.

- Deixa disso - falei, saindo.

- Igual os cães - disse com um sorriso - sei que na realidade não quer dizer isso. Ajudo-a a subir as escadas, Majestade?

- Só se quiser sentir meu pé em seu traseiro - avise-lhe, e ela sorriu abertamente.

Alegrei-me de vê-lo. Tina intimidava um pouco. E era tão velha! Certo, Nostro também era velho, idem Sinclair, mas a diferença era que eu gostava um pouco de Tina. Era uma lástima... ela não pensaria que sou muito elegante se soubesse que sussurro quando tenho fome. A porta se abriu quando ela se aproximou, e fomos conduzidas para dentro por um homem que era talvez uma polegada mais alto que Tina. Tinha uma cabeça pequena, lustrosa e um bigode fino que parecia desenhado.

Seus olhos eram pequenos e muito juntos, e seus rasgos eram quase delicados... parecia um pequeno e inteligente galgo. Usava uma camisa branca ondulante, calças negras feitas sob medida, e botas pequenas de couro. Super elegante.

- Olá, - disse-lhe para a parte superior de sua cabeça, porque quando me viu, fez uma profunda reverência. - Sou Betsy.

Este se endireitou apressadamente.

- Betsy?

- Donald - Advertiu-lhe Tina.

- Quer dizer que a futura rainha dos não-mortos — minha futura rainha — chama-se Betsy?

- Ouça, é um nome de família - disse eu na defensiva. - E não vou ser a rainha de ninguém; tenho muitos problemas próprios sem tomar a responsabilidade de um monte de parasitas de duas patas. E alguém pode afastar estes cães de mim? - Para acrescentar as qualidades odiosas de Sinclair, ele, aparentemente, tinha cem cães. Em uma inspeção mais próxima, pareciam seis; todos labradores negros, grandes e gordos. Todos babentos. Graças a Deus tinha calçado os sapatos do ano passado!

- É simplesmente uma surpresa, isso é tudo - disse Donald, me olhando de acima abaixo. - É... diferente do que esperava. Então... Acaba de me chamar de "parasita de duas patas?"

- Donald, me ajude com os cães - Ordenou Tina. Estava séria, mas tão logo empurrou aos cães à outra sala ouvi sua risada. De mim, de Donald, ou dos cães grandes e estúpidos, não tinha nem idéia. Provavelmente dos três.

Olhei ao redor na entrada. Era uma sala, com um alto teto e uma escada gloriosa que parecia ter sido tirada de uma das casas de "...E O Vento Levou". Meu

Deus, amava esse livro. Como não poderia fazê-lo? A heroína era uma idiota muito moderna e orgulhosa. Li EOVL¹⁴ aproximadamente dez vezes por ano até que cheguei à escola secundária, e duas vezes por ano após isso.

A escada de Sinclair parecia com a de Doze Carvalhos. Tina veio correndo, sem os cães.

- Se ficar aqui, Soque Taylor, fari Sinclair saber que está aqui. Donald lhe dará o que você precisar.

- Sim, sem dúvida o farei. - Donald finalmente recordou suas maneiras. - Chá? Café? Vinho?

- Eu gostaria de tomar um copo de vinho de ameixa, - confessei.

Ele piscou, depois sorriu.

- É obvio. O chefe gosta também dessas coisas. Não eu, entretanto. É como xarope de açúcar servido em uma taça.

Segui-o ao balcão das bebidas situado na esquina.

- É do que eu gosto. Para mim a maioria dos vinhos sabem como o suco de uvas azedo. A ameixa é a única suficientemente doce. - Lancei uma olhada ao teto e vi o espelho sobre o balcão.

- Ora! Esse espelho é maior que meu dormitório inteiro.

Donald seguiu meu olhar e baixou sua voz.

- Vou lhe dizer, Senhorita Betsy, que me escandalizei quando me elevei a primeira vez e percebi que ainda emitia um reflexo. Levei alguns dias a me recuperar disso. Senti como todos esses filmes tinham me enganado.

- Por que não íamos poder nos refletir?- Ele abriu uma garrafa nova para mim, serviu-me, e me deu o copo. Seu aroma era — que beleza! De açúcar e ameixas pretas estalando de maturidade.

- Bem. Por não ter alma.

- Temos almas. Claro que temos. De outra maneira faríamos coisas más todo o tempo. Já sabe, como os políticos.

Ele deixou cair a atitude de moderno mordomo e me olhou com algo muito parecido com esperança. Fê-lo parecer muito mais jovem. - Realmente acredita que sim?

- Sei que sim. - falei com completa convicção, e adicionei - Além disso, um padre me disse isso. Isso dos vampiros não emitem reflexos porque 'não têm alma' não tem sentido. Por exemplo, olhe para cima. - Ele obedeceu. - Vê o balcão? E as garrafas? O chão? E a cadeira na esquina? Segundo a teoria dos filmes, não deveríamos poder ver essas coisas no espelho.

¹⁴ “...E O Vento Levou” – N. T.

- É verdade. Mas isso não justifica o que você diz a respeito de os vampiros conservarem suas almas.

- Você me demonstra isso. E também eu. Olhe, provavelmente você odiava jeans antes de morrer, não é?

Ele estremeceu.

- Correto, se acalme, não vomite por toda a sala. Pois bem, agora não veste nenhum, não é mesmo? Não tem uma montanha de Levis escondidos na parte de trás de seu armário, não é? As coisas que fez... ainda estão ali. Só que agora está à base de dieta líquida. - Tomei um gole a meu vinho. - Como eu!

- Sabe, algo de correto há nisso - disse pensativamente, mas não contemplava o espelho, olhava-me. Apontou para minha taça. - Tem um estranho carisma. Mesmo sendo como uma pílula amarga, eu gosto de escutá-la.

- Uh... Obrigado!

- Francamente, Sinclair e Tina são os únicos vampiros que posso agüentar.

- Eu não sou muito velha. Talvez seja por isso.

- Não, não é por isso - disse seriamente - os jovens vampiros são os piores. A única coisa que podem pensar é no quão famintos estão. Não se pode ter uma conversação civilizada com eles até pelo menos cinco anos depois.

- Ora, que decepção! - Como eu tinha conseguido evitar aquele destino? OH, sim... era a super-rainha. - Ouça, por que Tina demora tanto? Onde está Sinclair?

- Acha que está se alimentando de suas *ladyfriends*¹⁵? - Disse-o tudo tudo em uma só palavra.

- Verei se posso dar uma mão para Tina. - Guardou a garrafa e logo apressou-se em subir as escadas. - Com sua permissão, voltarei em seguida, - disse sobre seu ombro, então alcançou o alto da escada e desapareceu por uma esquina.

Deixei passar um minuto e logo chamei.

- Bom, chega de perder tempo.

Terminei de beber o que ficara no copo, coloquei-o sobre o balcão... e então ouvi o grito.

Corri para cima, atrás de Donald.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Não foi um grito de dor. Foi um grito de prazer. De fato, era um grito de êxtase.

- “As ladyfriends” do Sinclair? Vamos ver o harém.

Não demorei para encontrar o aposento, até em um palácio como este.

¹⁵ Senhoritas amigas. N. T.

Simplesmente segui os ofegos e os gemidos. Estava absolutamente certa de que quem quer que tivesse gritado não estava com problemas, mas sou curiosa. E estava irritada — sim, era maior porcaria vampírica, por que Sinclair, o Fink¹⁶ estava me esperando...

Abri a porta ao final do vestibulo e vi Tina parada diante de uma grande janela. Deu a volta, viu-me, e estendeu suas mãos em sinal desculpa.

- Estão muito ocupados - disse. - Não tive muita sorte quando tentei conseguir sua atenção. Só demorarão uns minutos mais.

Curiosa, aproximei-me dela e parei a seu lado. A janela era transparente — como um desses quartos dentro de outro quarto que se vêem nas delegacias de polícia. E através da janela pude ver Sinclair e dois — hum... havia outro par de seios — três mulheres. Se contorciam, gemiam e ronronavam no centro de uma cama, que era, se fosse possível, maior que uma *king-size*.

Era uma cama imperial, e cada coluna era tão grande como um tronco de árvore.

Estava coberta com cortinas finas cor chocolate (bom, ao menos não eram vermelhas... tão caipiras), mas os travesseiros — os nove — estavam atirados pelo chão.

Sinclair parecia feliz. Estava quase sorrindo! E deveria está-lo, em meio de um moreno ninho como se encontrava. As três mulheres tinham o cabelo comprido e escuro, com umas extremidades robustas... nada de modelos anoréxicas para este cara. Uma delas até tinha um ventre delicadamente arredondado. Duas delas eram de pele clara, e a terceira de cor chocolate com leite, com as maçãs do rosto altas como uma rainha egípcia.

Eram humanas. Estava um pouco surpresa da facilidade com que o podia dizer. Tinham um resplendor, uma vitalidade da que Sinclair, Tina e eu carecíamos.

Talvez era porque seus corações tinham que pulsar um pouco mais rápido e respiravam tantas vezes.

Tossi.

- Humm... deveríamos estar, assim, espiando?

Tina pareceu surpreendida.

- Não nos podem ouvir. Esse quarto é a prova de som, e este vidro é de três polegadas de grossura. Além disso, Sinclair não se importa. Usualmente tem um observador.

- Isso é doentio!

¹⁶ Desprezível. N. T.

- Não, é cauteloso. Sabe quantos homens poderosos foram assassinados em suas camas?

- Posso dizer sem perigo de mentir que não tenho nem idéia.

- Pois bem, muitos. Disse-lhe que era um homem cuidadoso. Bom, nunca baixa a guarda. Nem sequer em momentos como este.

Fiquei em silêncio. Era uma das piores coisas que tinha ouvido alguma vez. Se não puder relaxar durante o sexo — em particular durante uma fantasia inspirada na Penthouse¹⁷, como esta — bem, isso não parecia que se desfrutasse muito da vida. Tomar cuidado era uma coisa. Ser enterrado vivo era algo distinto.

Uma das mulheres gemeu, e dei uma olhada a tempo de ver Sinclair derrubá-la e empurrar. Suas nádegas se flexionaram quando empurrou-se dentro dela; fazendo com que ela erguesse as pernas e lhe rodeasse a cintura. Podia ver os músculos de seu traseiro movendo-se enquanto a penetrava e, embora me custasse admiti-lo, o homem tinha o melhor traseiro que já vi. Tenso, musculoso, e docemente arredondado exatamente nos lugares corretos. Yum.

- Por que os podemos ouvir?- Disse com a voz rouca, e me dava conta de que tinha a boca muito seca.

Tina apontou com um gesto a nossa esquerda; olhei e vi o alto-falante na parede.

- Isso é doentio, - gemi outra vez, e olhei para a cena para me assegurar de que a depravação continuava. Ora, por quê que alguém tinha que dar atenção a estas coisas? Ser consciente do porco que era Sinclair?

- São tão bonitas - disse Tina brandamente. Apoiou sua mão sobre o vidro. - Tão vivas, frescas e jovens.

Jovens? Tina tinha razão, nenhuma só das mulheres daquele quarto era difícil de olhar, mas estavam para o final dos trinta, ou início dos quarenta, pelo menos. Eram belas, mas se pareciam com autênticas mulheres: ventres suaves, coxas pesadas, linhas faciais. Nenhuma de dezenove anos para Sinclair.

Eu gostei dele um pouco mais por isso.

Enquanto Sinclair estava ocupado com uma, as outras duas não tinham perdido tempo esperar sua vez. Uma delas — a que tinha uma marca de nascimento em forma de morango em seu ombro — beijava Sinclair fortemente na boca. A outra — a que se parecia com uma rainha egípcia — estava chupando os mamilos de Morango, passando rapidamente de um a outro, chupando e lambendo, sua língua brilhando intermitentemente sobre os picos firmes, de cor rosada.

¹⁷ Revista masculina. N. T.

A Rainha gemeu ao redor de um bocado de carne; a mão de Sinclair se havia movido e manuseava a doce abertura entre suas pernas. Acariciava e brincava... então dois de seus dedos se afundaram até os nódulos nela e a Rainha sacudiu –se contra sua mão. Enquanto isso, a que ele penetrava gritou como um alarme de incêndios; suas pernas se apertaram ao redor de sua cintura com muita força, me sobressaltando, e logo relaxou.

Sinclair se afastou, inclinou-se, e lhe disse algo muito baixo para que eu o pudesse escutar. Deu um sorriso saciado e seus olhos meio que se fecharam. Ele deu a volta, aproximou-se mais da Rainha, e mordeu seu lábio inferior. Ela gritou e logo a volteou; acariciando seu traseiro, empurrou nela atrás. A Rainha gemeu outra vez, muito mais forte, e se balançou para trás para se lhe encontrar.

Enquanto isso, Morango tinha avançado lentamente ao redor do casal e se tinha recostado ao lado da primeira mulher, apoiando sua cabeça no peito da mulher sonolenta. Obviamente Fresa tinha sido a primeira – o grito que havia escutado.

Era realmente digno de observar. Uma parte de mim me ordenava deixar o quarto, lhes dar alguma privacidade (como se Sinclair quisesse privacidade). O que quero dizer é que quando estava viva nem sequer me tinha gostado de filmes pornô, pessoas muito menos reais fazendo um suarento mambo.

Mas era difícil afastar o olhar. Em primeiro lugar, era realmente ardente – incrivelmente ardente. Parte disso era devido à força vital de Sinclair, mas outra parte eram suas três companheiras. Não havia ciúmes, nenhuma malícia; Eles bastava estando ali, tomando turnos. Brincando uma com a outra à espera da atenção de Sinclair. Era diferente de algo que alguma vez houvesse imaginado. Acreditei que em um *ménage à merda*, qual é a palavra francesa para quatro? Bem, de qualquer maneira, acreditei que em qualquer tipo de *ménage* seria quase obrigatório terminar com alguns sentimentos feridos. Mas não neste harém, obviamente.

Morango acariciava lentamente os seios da outra mulher, lhe dando ocasionalmente um golpezinho com as unhas nos mamilos, ocasionalmente beliscando, logo voltando para as carícias lânguidas. Ambas observavam Sinclair transando com a Rainha. Que estava, podia adicionar, desfrutando imensamente, se os ofegos e os gemidos fossem uma indicação disso. Seu grande traseiro redondo se sacudiu e rebolou quando encontrou os impulsos de Sinclair, e ele então podia lhe afastar as mãos e se mantinha amassando a carne quase incessantemente.

- Tem o melhor traseiro que vi em cem anos - disse Sinclair. Não estava sem fôlego. De fato, parecia divertido; Seu tom, instantaneamente, fez-me arrepiar os

cabelos do pescoço. Não era como se estivesse alheio a tudo; era mais como se qualquer das três mulheres pudesse estar ali com ele. Em verdade, qualquer mulher.

- É obvio, queridinho - grunhiu a Rainha

- Ou em uns mil anos! - disse Morango, e as três mulheres riram em unísono.

Sinclair suspirou e gozou. Vi seu pênis pela primeira vez, estava brilhante pelo sêmen, e fiquei boquiaberta. Não sei por que estava tão surpreendida. Sinclair era enorme — com grandes e largos ombros, pernas e braços poderosos — de aproximadamente um metro oitenta e dois, facilmente noventa quilos, e sem um pinga de gordura. Deveria ter esperado que fosse gigantesco. De todos os modos, não podia evitar me escandalizar. ‘Gigantesco’ apenas lhe fazia justiça. Seu pênis era quase tão largo como meu braço, do pulso ao cotovelo, e tão grosso como a base de um copo.

Brotava de um ninho exuberante de uma púbis negra. Não estava vermelho escuro — evidentemente, posto que estava morto — mas era de um rosado vivo, e a ponta, em forma de ameixa, brilhava.

- Céus - gemi. - Não é estranho que não queira uma de dezenove anos! - Se alguma pequena coelhinha de discoteca visse isto, sairia correndo. Meus dias de discoteca tinham passado, e não estava segura de que pudesse me conter diante dele...

- Sinclair prefere companheiras de cama mais velhas - disse Tina, inclinando a cabeça. - Se não tiverem experiência... poderia machucá-las. Não quereria fazê-lo, e se arrependeria mais tarde.

Enquanto isso, lá em Sodoma, a Rainha tinha se recuperado e engolia o pênis de Sinclair como se fosse um sorvete e ela tivesse estado no deserto durante um ano. Morango avançou lentamente detrás dela e começou a brincar com os lábios de seu sexo, descansando uma mão ligeiramente no traseiro da Rainha acariciando-a e massageando-a. A Rainha começou a gemer com o pênis de Sinclair em sua boca, então Sinclair agarrou a primeira mulher — vi como a luz se refletia em seu anel do mamilo — e a atraiu para ele. Foi bastante suave, mas firme; Anel em um minuto estava ali, quase adormecida, e no seguinte Sinclair a sujeitava em seus braços, abraçando-a facilmente, e enquanto a Rainha chupava seu pênis, mordeu-a no pescoço.

A mulher estremeceu contra ele, gritando.

-Ah, céus, outra vez, outra vez!

Enquanto bebia de sua garganta, empurrava os quadris para a boca da Rainha. A boca de Morango tinha substituído seus dedos, e enquanto sua língua se

introduzia na Rainha, seus dedos — três deles — entravam dentro do traseiro da mulher mais escura. Rainha gritou ao redor do pênis do Sinclair e caiu para trás. Sinclair deixou de beber. Um pequeno riacho de sangue desceu por seu queixo, e ele o lambeu. Seu pênis vibrou no ar, momentaneamente sem amigos.

- Não pare - disse. Depois, quando viu que Rainha tinha que parar, disse, - Alguém mais.

Morango instantaneamente se ajoelhou diante dele, mas a agarrou pelo cabelo e a aproximou de si, enquanto Anel engatinhou ao redor. Ele empurrou a Morango de costas, abriu suas coxas com suas grandes mãos, e a mordeu em sua artéria femoral. Enquanto isso — não estou certa de como o fizeram, e se tivesse estado lendo sobre isto em um livro nunca o teria acreditado — Anel se colocou de tal maneira, que enquanto Sinclair bebia na coxa de Morango, também era capaz de empurrar seu membro na impaciente boca de Anel.

- Estes sujeitos - comente secamente - estão em boa forma. - Tratei de soar tranqüila e isolada porque, de fato, nunca tinha estado tão acesa em minha vida, nem mesmo enquanto Nick me penetrava enquanto eu bebia dele. Poderia ficar observando-os todo o dia. O que explicava por que Tina tinha estado tão pouco disposta a separá-los e dizer a Sinclair que tinha uma convidada.

Morango gemia enquanto a boca de Sinclair estava ocupada em sua coxa gordinha. Ela acariciava seus próprios seios, apertando-os suficientemente para deixar marcas brancas em sua carne; beliscava e apertava seus mamilos, gritando - Mais, mais, mais, mais! - ao teto.

Reina girou sobre si mesma, ofegando. Devagar deslizou ao chão, andou ao redor da cama, e se ajoelhou entre as coxas de Anel. Lambeu a fatia torcida e polpuda, logo a separou e começou a beijar e chupar.

- Eu disse - acredito que deveríamos ir. - falei com uma carência completa de convicção. - Quero dizer, acho que terminarão logo.

- Sim, Majestade.

- E logo poderemos contar a Sinclair o que houve essa noite.

- Sim.

- E decidir que fazer a partir de agora.

- De acordo. - Tina disse isto com toda a animação de um manequim de loja.

- Está bem?

- É só que tenho que beijá-la agora. Empurrou-me para ela. Suas pupilas estavam enormes. Pareceu-me mais bonita, com uma cara mais linda e tratei de me sentir um pouco mais escandalizada. Nunca tinha beijado uma mulher em minha vida. Nunca tinha tido curiosidade. Minha postura para a homossexualidade era

exatamente igual, da mesma maneira que minha postura para a heterossexualidade: Se alguém queria ter relações sexuais com outro adulto que consentia, não era meu assunto. Simplesmente tinha que manter afastada de minha vida.

Não me importou minha total carência de lesbianismo, ou o fato de que um vampiro, um pouco menor que eu, amavelmente me forçasse a um abraço, ou o fato que quatro desconhecidos transassem, e se chupassem a dois metros de distância. Tive vontade de ser beijada, e era a verdade. E não falava precisamente de minha boca.

- Devo implorar sua indulgência, - disse Tina. Ergueu-se — Acima, vamos! — Sobre as pontas de seus pés. Sua boca era vermelha escura, com um batom (confirmei; o delineador chocava completamente — ora!), e seu lábio superior se parecia com um pequeno arco. A boca de uma feiticeira... logicamente uma boa. - Somente... um... beijo. - Então seus lábios pressionaram os meus, tranqüila mas firme. Sua pequena língua deu um golpezinho através de meus dentes. Pude sentir sua mão deslizando-se acima, seus dedos através de minha camisa, beliscando meu mamilo, duro...

- Ai!

... e logo sua língua entrou em minha boca, e seu dedo amavelmente, lentamente, esfregou meu mamilo agora rígido; choraminguei e me apoiei nela. Poderia sentir como chupava minha língua e tive medo que meus joelhos se dobrassem.

Pensei, ouça, por que estamos de pé? Estaríamos bastante mais cômodas no chão. De fato, estaríamos bastante mais cômodas no quarto do Sinclair...

Retirei-a e empurrei-a longe. Deixou-me ir no segundo que resisti, assim é que meu empurrão a enviou cambaleando ao outro lado do quarto. Tinha-a afastado à força, mas até agora, quis abrir meus braços e lhe dar a bem-vinda.

- Pensei... - disse entumecidamente, tocando meus lábios, - não me disse que terminou com esse tipo de coisas há cem anos.

- Com os homens - disse, me observando tristemente. - Terminei com os homens. Estou de causar pena. Não o pude evitar. Não me alimentei esta noite e você é tão bela. Mas estou de causar pena.

- Estar morta é uma coisa, mas ter que olhar ao Finklair? Pular com suas garotas em sua cama... e que logo você resolve trazer minhas tendências latentes de lésbica a a superfície — eu — com “latentes”, entre parêntese, porque quando estava viva o pensamento de beijar outra mulher nunca cruzou por minha mente, e eu... ah, esqueça.. Estou fora.

- Por favor não se vá. É por minha culpa. Tudo por minha culpa. Estou tão arrependida.- Para meu horror, ela se ajoelhou, e — estava? Estava! Me beijando as

pontas de meus sapatos. - Por favor, Majestade, perdoe minha rabugice. Por favor!

- Pára de fazer isso! - Gritei, saltando para trás, fazendo que seus lábios não tocassem meus sapatos, então a obriguei a levantar do chão. Ela não me olhava, encolhia-se de medo por minha cólera. O que me fez me sentir mal. O que me zangou até mais. - Não beije meus sapatos nunca mais! Jesus Cristo — Ela gemeu e se sobressaltou. — por que os vampiros têm que ser tão estranhos a respeito de tudo? E não é culpa sua que me beijasse... é minha culpa, porque não me recusei. Chega, já tive o bastante desta estranha porcaria. Dá-te conta de que não passou ainda uma semana desde que morri? - Deixei seu braço e saí violentamente.

Virtualmente atirei Donald das escadas quando corri para a sala principal. Ele saltou fora de meu caminho apressadamente, o que era inteligente, porque teria caminhado diretamente por cima de sua cabeça, no estado de ânimo em que me encontrava.

- O que a ofendeu, Senhorita Betsy?

- Nada. Tudo. Vou embora.

- Por favor não o faça! - Choramingou Tina do alto das escadas. - Por favor fique! Necessitamos de você...

- Pois bem, eu não preciso de vocês - disse eu, abrindo bruscamente a porta principal. - Adeus obrigado. - Tina estalou em lágrimas, e bati a porta diante seus secos soluços. E não me senti mal. Nem um poquinho. Não. Não. Não.

CAPÍTULO DEZESSETE

Cheguei em casa e vi que minha porta tinha uma grande greta no centro, atravessando-a de lado a lado, como se alguém a tivesse chutado durante mais de uma hora.

Detive-me cansada, com a fronte inclinada. Admito-o — não estava muito interessada em me inteirar de quem tinha entrado à força. Não, esquece-o, tinha tido o bastante. Quem quer que fosse, era bem-vindo a ficar com meus lençóis de algodão, os pratos sujos, e o horrorosamente alaranjado tapete do salão.

Ia saindo, possivelmente para procurar a minha mãe e chorar em seu ombro durante três ou quatro horas, quando...

- Bets! É você? - A voz era de Jessica.

- Entra rápido! - Disse Marc.

Que infernos se passava aqui? Empurrei a porta e entrei. Ao menos Jess estava bem — a ouvi bem. Shanara não podia havê-la ferido muito. Vamos, tínhamos emboscado nesse beco há apenas três horas? Pareciam três anos.

Meus amigos estavam ajoelhados ao lado de um grande montão de farrapos no centro de meu quarto. Marc tinha um curativo branco em seu pescoço e ainda

levava o bracelete que lhe tinham dado no hospital. Jessica parecia perfeitamente bem.

- Estão bem, crianças?

- Sim. E você, benzinho? Parece um pouco branca ao redor dos olhos. Mais que o usual - Jessica riu com satisfação. Logo ficou séria e apontou para o montão de farrapos. - Tem um problema, Betsy. Quero dizer, além dos que já falamos.

Marc deu um suave empurrão no monte... e era Nick! Tinha um incrível mal aspecto — como se não tivesse comido há três dias, dormido há cinco, ou tomado um banho há dez. Seu cabelo era uma desordem de gordurentos nós. Seus olhos se viraram para mim. Estavam tão profundamente injetados de sangue que eram mais vermelhos que brancos. - Mais - disse-me com voz rouca. - Mais mais mais.

- Não, oh não! - Corri para ele. - Jesus, Nick, o que eu lhe fiz? O que lhe fiz?

- Exatamente o contrário - disse Sinclair cuidadosamente - o que eu faço.

Virei. Sinclair, Tina e Donald estavam de pé dentro do quarto. Em nenhum momento os tinha ouvido entrar. Nem havia sentido sua presença. Tampouco Jessica e Marc, porque ambos deixaram escapar pequenos gritos. Nick estava abstraído. Tinha começado a balançar-se de um lado a outro no chão, em um esforço por acalmar-se, e não tinha afastado o olhar de minha cara.

- Você deve ser Sink Lair - Disse Jessica.

- Olá, Mr. Sinclair! - cantou Marc. Até fez gestos com as mãos. -

- Vocês três fora daqui! - Berrei. - Já tenho muitos problemas agora, obrigado.

Sinclair apontou para Nick.

- Esse é de sua própria criação, acredito... posso sentir seu cheiro nele. Quer dizer, sob as seis camadas de sujeira. - Disse-o tão descuidadamente que eu quis matá-lo.

Minha mão foi até a cruz que Tina me tinha dado. Pareceria tão tranquilo e desligado se lhe colocasse à força este pequeno bibelô no olho? Mas Sinclair já caminhava para nós.

- Tina - disse calmadamente, ajoelhando-se ao lado do Nick - me ajude. - Suas ações eram tão opostas a suas palavras que me deixo confundida (surpresa!). O tipo, obviamente, escondia muito detrás dessa fachada ofensivamente fria... o problema era, importava-me?

- O que se passa? - choraminguei. - está se tornando vampiro?

- Não. Deseja você ardentemente. Agora é como um cocainômano. Simplesmente você não pode se limitar a tê-los e depois soltá-los, Elizabeth. Fugiu

de minha casa depois de ver um ... certo aspecto do estilo de vida do vampiro. Mas nunca faria às minhas o que você fez ao seu.

Estava ofendida. Bastante.

- Ele não é meu. Apenas o conheço.

- Bom. - Donald esclareceu a voz. Estava curvado sobre nós, apoiando suas mãos sobre as coxas. Parecia um árbitro não morto.

-Isso é pior, sabe.

- Mas eu não sabia!

- Adverti-a - disse Sinclair. Estava tirando o casaco e pondo-o sobre a trêmula forma de Nick. - Não conhece as regras. A maioria dos vampiros aprenderiam ou morreriam. Mas você nasceu forte, e tem poucas de nossas debilidades. Assim é que enquanto aprende, faz mal aos inocentes. É minha oferta de ajuda ainda tão completamente inaceitável?

- Certo, certo... me diga o que tenho que fazer. Como posso ajudar Nick. E tomarei — tomarei suas 101 classes sobre vampiros, Sinclair. Mas só depois que Nick estiver melhor.

- Prometa-me isso, Elizabeth.

- Ela já lhe disse que lhe vai colaborar - disse Jessica, e sua voz foi como o gelo. Podia pensar que Sinclair era mais delicioso que um sorvete triplo, mas ninguém ia questionar sua melhor amiga em sua própria casa. - Se isso não for suficiente, Sink Lair, não deixe que a porta lhe pegue em seu grande traseiro branco quando sair.

- Por favor não pronuncie meu nome assim, - suspirou. Levantou Nick facilmente em seus braços. Então, "grande traseiro branco?"

- Simplesmente o traga para o banheiro - disse Tina. - Donald e eu podemos nos encarregar dele.

- Mas — fechei minha boca com um gemido. Nick era quase tão alto como Sinclair, o qual o fez mais de duas cabeças mais alto que Tina e Donald. Não importa.

Provavelmente poderiam colocar à força até um Volkswagen em meu banheiro, se quisessem.

Sinclair levou Nick em meu banheiro e o pôs no chão. Donald o despiu enquanto Tina abria a ducha. Enquanto isso, Sinclair pôs uma mão em cada um de meus ombros, virou-me, e me tirou dali. De meu próprio banheiro!

- Mantén as mãos em ti mesmo. - Avisei-lhe.

- Você... hã... quer algo de beber? - Jessica estava na porta. Se ruborizou, o que não é fácil acontecer com ela. - Digo, que se gostaria de tomar chá ou algo assim, Senhor Sinclair?

- Por favor me chame Eric. Qualquer amigo de Elizabeth pode me chamar assim.

- Ele gosta do vinho de ameixa, lhe traga um copo disso - resmunguei irritada.

- Trarei! - disse Marc . Tinha ido jogar os farrapos de Nick dentro de minha máquina de lavar roupa, mas apareceu na porta no mesmo momento em que Jessica o fez. Entupiram-se pelo ombro através da porta, ao estilo dos Três Patetas.

- Não, eu trarei!

Lutaram e logo ambos pularam da porta. Ouvi o ruído de seus sapatos quando competiram o um contra o outro para chegar primeiro à cozinha, e pus uma mão sobre meus olhos. Os amigos... o cúmulo bênçãos.

- Lamento que não seja tão carinhosa comigo como o são seus companheiros, - brincou Sinclair.

- Não sabem como você é vil - disse áspera. Incomodou-me ver Giselle ronronar em seus braços quando ele distraidamente a acariciou debaixo do queixo. Felino vagabundo e infiel! Puxei-a e a lancei por sua portinhola para que fosse embora. Com um olhar presunçoso, ela se foi. - Se tivessem a mais leve pista de quão miserável, sujo e desprezível você é...

- Mas, Elizabeth, como pode me dizer isso? Sabe que tratei de te ajudar no mausoléu, e enviei Tina para te ajudar na casa de Nostro esta noite. Se não tivesse lhe dado meu presente, os Demônios lhe teriam feito pedaços.

- Seu presente?

- A cruz pertenceu à minha irmã.

Meus dedos foram instantaneamente à cruz, tentei tirá-la, mas ele deteve-me com uma sacudida de cabeça. - Conserva-a. Não a posso usar, e lhe poderia ajudar outra vez.

Comovida, retruquei: - Era de sua irmã.

- E agora é sua.

- Bem... obrigado. Mas... e não é que eu não esteja agradecida...

- Isso não, nunca - disse ele brincalhão.

- Mas se estava tão preocupado, por que não veio na mesma noite?

- Eu vim, - disse inocentemente. - mais de uma vez, de fato. Pensei que estava olhando.

Senti como meu rosto ficava vermelho — um bom truque, já que eu estava morta.

- Muito gracioso! Sabe o que quero dizer.

- Ai, muito bem. Infelizmente, uma das condições da libertação de Tina era que eu nunca pusesse um pé em seu território. Posso enviar minha comissão, mas

eu mesmo devo permanecer longe. O mausoléu onde lhe encontrei pela primeira vez com o Nostro era neutro.

- Oh. - Maldição! Ouvir mais detalhe a respeito de como ele afastou Tina do Nostro fez-me começar a lhe odiar um pouco menos. O que não era uma boa maneira de sentir, sobre um caráter tão escorregadio como o deste cara. Minha mão foi instintivamente para a cruz outra vez. - Bem, obrigado...

- Meu coração! Poderá agüentar a tensão?

- Exceto que sei que tem algum motivo misterioso para me ajudar.

- Minha postura anti-Nostro, pró-Elizabeth foi clara há alguns dias, não há nada de misterioso nela. Senti muito ouvir que me tinha necessitado esta tarde.

- Não falemos disso.

- Uma puritana americana nascida em finais do século vinte? Não havia pensado que tais criaturas existissem.

- Somente porque não acredito que deveria estar alegremente transando com múltiplos companheiros — ao mesmo tempo! — Não quer dizer que seja uma puritana.

Ele gesticulou por volta do banheiro, onde o pobre Nick estava sendo atendido por Tina e Donald.

- Não acredito que esteja em situação de questionar meu julgamento. Minhas ladys sabem no que se metem.

- Ainda é um porco - resmuguei ferozmente. -Vi tudo. Não tinha importância que três mulheres estavam ali... não lhe importava. Elas são algo que você usa. Assim não é como trata um amigo.

- Bom. - disse arqueando as sobrancelhas.- Possivelmente é porquê simplesmente não encontrei a mulher apropriada.

- Ou possivelmente porquê não passa de um porco!- Lancei minhas mãos no ar. - Precisa mesmo de três delas? Vamos. De uma maneira realista. Três?

- Bom. - Sorriu lentamente, e senti como me contorcia o estômago. - Precisa alguém um banana split? Quando se saciaria com uma só bola de sorvete?

- Elas... São... Seres. Humanos.- Tirava as palavras de entre meus dentes apertados; estava tão zangada que meus olhos se cruzaram. - Não. Bolas. De sorvete. Porco.

- Então tenho a proposta do século para você, Elizabeth. Prescindirei da amizade delas imediatamente, e de todas as demais. Esta noite. Se você tomar seu lugar em minha cama.

Minha boca se abriu involuntariamente e o olhei boquiaberta como uma truta fora da água. Um numero astronômico de emoções — a irritação, a curiosidade, o medo, a luxúria, o susto — gritaram em minha cabeça em meio

segundo, e antes que soubesse que ia fazer, minha mão bateu em sua cara e o esbofeteou com força para fazê-lo retroceder um passo.

Ele tocou a mandíbula e me olhou. Seus olhos negros brilharam intensamente e talvez quisesse gritar:

- Retratar-se agora!

- Agradável - foi tudo o que disse. - Não vi como chegou. Embora deveria haver imaginado.

Tratei de dizer algo apropriado, arrogante e mordaz, mas não podia pensar em nada.

- Obrigado, - disse, tão educado, e agarrou o copo que Jessica lhe oferecia.

Marc estava justamente atrás dela com uma bandeja de acessórios de coquetel: As cerejas ao maraschino, as fatias de limão, as azeitonas. Não tinham visto a bofetada. Droga, apenas eu vi — tinha sido como se minha mão se houvesse movido mais rápido que o pensamento.

- Todas essas coisas para o vinho?

Suspirei, revirando os olhos e esfregando a palma de minha mão... Dar uma bofetada em Sinclair tinha sido como golpear uma parede de granito.

- Fiquem sérios, crianças. Por despeito (claro!) Sinclair selecionou cuidadosamente uma fatia de limão e a deixou cair em seu vinho.

Jessica olhou às escondidas no banheiro, então voltou rapidamente para me informar. - deixaram o cara nu como veio ao mundo e esfregam-no com sua nova esponja de banho.

Estremeci. Trinta e sete e noventa dólares no Body Shop, bolas.

- É justo. É culpa minha que ele esteja nesta confusão. O que vai ocorrer depois que ele estiver limpo, Sinclair?

- Eric.

- Errrrrrric - Jessica e Marc repetiram em um coro de sonho.

- Não têm vocês duas nenhuma outra coisa para fazer? - Eu berrei.

- Esta é a semana mais interessante de toda minha vida - Disse Marc. - Vampiros! O nascimento de uma rainha! Alianças! Sujeitos bons e belos. Sujeitos maus e mentirosos. Brigando pelo bem de todos! Por que ia encontrar neste mundo outra coisa melhor para fazer? O que vou fazer? Lutar contra a papelada burocrática no hospital, implorar que os médicos façam o certo enquanto uma criança morre? O que Jess vai fazer... contar seu dinheiro?

- Além disso, somos seus cupinchas. Uma parte da equipe. Algo que envolva Liz, envolve todos nós - adicionou Jessica.

- Procurarei lembrar disso. Para responder a sua pergunta, Liz... Não se atreva.

- Então não mais Sink Lair, certo?

Maldição!

- Sim.

- Muito bem. Como dizia, uma vez que o Detetive Berry tenha sido desencardido, Tina ou Donald aliviará sua necessidade imediata alimentando-se dele.

Logo o faremos esquecer que ele alguma vez a conheceu como um vampiro. Despertará em sua cama, com uma incipiente barba de uma semana, e sentindo que esteve doente. Assim ele... só pensará que foi uma gripe.

- Mas não quero que algo assim aconteça com alguém de novo - reclamei - Digo, seu plano parece bom, e Deus sabe que você teve um montão de anos para aperfeiçoá-lo, mas estou olhando a enfermidade, não os sintomas.

Sinclair tinha se sobressaltado com ' Deus ', mas respondeu com calma.

- Então escolha um — ou dois — ou três amantes aos quais não seja problema a partilha de sangue, e use-os sempre que precisar. Ou que eles desejarem.

- Não olhe para mim - ordenou Jessica.

- Nem para mim - adicionou Marc. - A menos que lhe tenha crescido um pênis nos últimos dias.

Sinclair os ignorou.

- Verá que é uma solução satisfatória.

- Bem, essa é uma das grandes diferenças entre você e eu, Sinclair, porque discordo!

- É uma romântica - informou Marc - e não sabíamos.

Olhei-os furiosamente, mas sorriram e não se moveram. Virei para Sinclair.

- É como... é como fazer de um ser humano seu... seu mascote ou algo parecido. - Nunca esqueceria o olhar serenamente divertido que se refletia em seu rosto enquanto tomava uma de suas namoradas, depois outra, e outra. Podiam ter sido qualquer delas... não lhe importava quem estava em sua cama. Nunca eu faria isso com uma pessoa, fazê-los sentirem-se como se fossem peças intercambiáveis de uma máquina de alguém. Nunca.

- Não comia carne antes de seu acidente? - perguntou. - Você foi forte e para se manter forte, usou os mais fracos. Isso é o que fazem os predadores. Isso é o que fazem os vampiros. De outra maneira você seria como esses idiotas do P.E.T.A¹⁸, que acham que deveríamos comer grama e beber néctar.

¹⁸ Organização internacional não lucrativa que luta pelos direitos dos animais.

- Oh, Senhor, aqui vamos, - resmungou Jessica. . - te salve, Eric.

- Sou um membro do P.E.T.A. - reclamei. - Comia carne, é claro, mas não acho que devêssemos jogar creme de barbear na garganta de um coelho, ou esfregar maquiagem de olhos em cima do globo ocular de um cão para que as mulheres americanas possam ter cílios grandes e bonitos. Uma coisa é necessitar de proteínas, mas outra é querer pendurar uma grande cabeça morta na parede, ou desdenhar um desodorante que deixa sua axila como um campo de flores.

- Um membro vampírico do P.E.T.A. - Sinclair realmente não pode evitar um sorriso - Isso é algo novo.

- Você é um deles? - disse Marc, horrorizado. - Oh, cáspita! Não tinha nem idéia. Jesus, sinto-me sujo! Por que não me disse isso?

Pisquei.

- Que eu seja um vampiro não o incomoda, mas que eu dê dinheiro ao P.E.T.A. o deixa preocupado?

- Ouça, uma coisa era ser um seguidor sem espírito de Satã, poderia agüentar isso, mas pertencer ao P.E.T.A, ugh! Tenho meu orgulho, garota.

Jessica começou com suas risadas tolas e depois de manter a mandíbula aberta por muito tempo, rindo, começou a ter dor de estomago e se agarrou na parede para evitar cair.

Sinclair sorria abertamente, me olhando.

- Deveria ir ver os outros - disse por fim.

Passei por eles em meu caminho ao banheiro e ignorei o olhar malévolo que Marc me enderçou.

Marc ainda delirava.

- P.E.T.A.! Homem, vou ter que me sentar e meditar sobre isto. Não me importa ser cupincha de uma noiva de Satã, mas de uma pessoa abraça árvores...

- Acho que deveria se sentar, - sugeriu Sinclair solícitamente.

Passei por Donald na porta.

- Precisamos de algumas roupas para seu Nick - Disse sobre os ombros. - Algo que possa ter vestido em casa e que não possa rastrear mais tarde...

- Tenho alguns chandals velhos que nunca visto... estão ao fundo da gaveta esquerda. Não tem nem meu nome, nem nada que possa me identificar. São um pouco pequenos, mas servirão. - Logo entrei no banheiro. Vi Nick um pouco mais contente, e deveria, já que sua cabeça repousava sobre os seios de Tina, que lentamente, luxuriosamente, fazia espuma de sabão sobre os músculos de suas costas. Ele estava, de fato, muito feliz de vê-la.

Isto foi um grande alívio para mim. Quando vi a ruína em que se tornara o antes Detetive Nick Berry, no chão do meu quarto, tive medo de que nunca mais voltasse a ser o que era.

- Como vão aqui dentro? - Perguntei. Sussurrei, realmente... estava um pouco nervosa por ter que falar com Tina. Ainda podia sentir o beijo.

- Ele ficará bem. Acha que me poderia ajudar? Perguntaria a Sinclair ou Donald, mas...

- Esta é minha desordem. Claro que ajudo. - Tire a roupa, depois abri a porta da ducha e entrei.

- Que... ah... o que fazemos agora?

- Agora caio sobre você com uma fome voraz e sugo seus miolos.

Pus-se a rir. Me acomodei tão longe dela como pude, e esse foi um feito. Também me senti um pouco estranha por estar nua diante de uma lésbica. Provavelmente poderia estar em outra ocasião... em uma sauna, ou esse tipo de coisa... não se pode saber com segurança, não é? Você acha que todos os demais são heterossexuais, e se alguém crava os olhos em suas tetas acha que simplesmente está se perguntando quem foi seu cirurgião plástico.

- Muito cômica. Sinto muito.

- Eu que devo me desculpar. Traí sua confiança e pus tudo em perigo. - Sua voz estava tão amargurada que me comoveu. -Tudo porque não pude me controlar.

- Ouça, se acalme, Sunshine. Foi simplesmente um beijo, não é como se tivesse me esfaqueado. Além disso, devia-lhe um favor, não é? Pelo que fez por mim...

Ela trocou a posição de Nick tão facilmente como um homem crescido mexendo com um gatinho.

-Então - disse, com cara séria - apostei a vida e confrontei a perspectiva de uma morte horrível para salvá-la, em troca me permitiu beijá-la, e agora estamos em paz.

- Correto. - Sorri brincalhona.

Ela revirou olhos.

- Que o diabo nos ajude se você realmente é a rainha.- Mas o disse com um sorriso, e soube que ela brincava para me fazer sentir melhor. Provavelmente teria preferido beijar meus pés um pouco mais, mas era bem consciente de minha política anti-beijoca de garotas.

- Muito bem, então. Aos negócios.

- Se você beber dele, ele transará comigo. Ele se aliviará e logo seremos capazes de plantar as sugestões que precisamos.

- Você vai... oh-oh! Mas você não... quero dizer... você não gosta, oh, de... transas.

Ela riu.

- Isso é certo, mas há exceções.

- Sim, mas...

- Sim, mas não quer fazê-lo. Não quis a primeira vez, e não quer agora, em particular com várias pessoas esperando do outro lado da porta, e isso agrava ainda mais. - Vendo a expressão de meu rosto, suavizou seu tom. - Está bem, Betsy. Realmente não me oponho. Ele não é nada para mim, e você é tudo para ele. Além disso, não tem sede?

Se tinha. Não me tinha alimentado ainda esta noite. Ou ontem à noite, na verdade. Mas...

- Por que tem que ser ambas as coisas? Por que temos que beber e transar?

- Nós não - disse - mas eles sim. Se tirarmos deles, necessitam-nos de uma maneira como nunca necessitaram de alguém antes. Acho que é como... como se masturbar mas não se deixar a si mesmo chegar ao orgasmo. Qual é o resultado? É frustrante para ele e deixa todo mundo infeliz. Poderíamos tomar e não lhes dar nada em troca, mas é uma coisa egoísta...

- Isto é muito estranho e perturbador, e o tempo passa e meu aquecedor de água não é muito grande, então é que melhor comecemos com a mordida, tenho sede, mas se fizer isto por mim fico a lhe dever outro favor. Está bem?

Ela me olhou, e sua pequena língua rosada saiu e golpeou ligeiramente uma de suas presas pensativamente.

- Um favor em forma de beijo - disse finalmente.

- Ouuh, Tina - gemi, - não me refiro a isso.

- Então por que a idéia a emociona até a raiz dos cabelos, mentirosa?

- Não em vida, certamente. Mas os vampiros têm que ajustar-se a muitas coisas... e muitos de nós encontram que depois da morte "somos... flexíveis".

Isso explicou muito. Se uma estranha tivesse chocado seus lábios com meus duas semanas antes, eu a teria derrubado com minha bolsa. Mas aqui estava, totalmente nua, com uma formosa mulher e um cara que não era exatamente feio, ambos teriam estado encantados de transar comigo, e eu estava mais que tentada de ser a carne em seu sanduíche. Era tudo muito estranho.

- Bem - disse com uma demonstração convincente de relutância. - Um favor em forma de beijo. Mas depois.

- OH, não quereria fazê-lo hoje, - reconfortou-me. - Queria esperar a que tivéssemos... tempo livre.

- Sabe, essas pausas que você e Sinclair fazem antes de terminar uma frase, realmente assustam.

- Por que pensa que as fazemos? E quem pensa que ensino a ele? -

Perguntou alegremente. Ela enxaguou o último sabão do corpo de ick, então me chamou por gestos para mais perto. Saí de meu canto, movi minhas mãos para a parte alta de suas costas, pus as mãos em seus ombros, apoiei-me nele, e o mordi. A vida salgada e quente gotejou em minha boca e Nick se endireitou apressadamente, perdendo a apatia que o tinha vestido como uma capa por toda a noite. Ele tratou de mudar de lado para olhar-me.

- Aqui, em mim - disse Tina com sua doce voz, quase musical. Nick se equilibrou, a agarrou, e se introduziu nela. Suas costas batiam ruidosamente contra os azulejos e a fez erguer as pernas e lhe rodear a cintura. Tina deixou escapar um gemido de dor, e Nick começou a empurrar contra ela tão fortemente que fiquei assustada.

-Oh meu Deus, você está maluca?- Eu estava horrorizada. Estava pronta para tirá-lo fora dela e fazê-lo atravessar a porta para fora do banheiro, e não importava que ele fosse a vítima.

- ... nada. Não é nada.

Meditei que uma mulher que preferia não meter-se com homens e tomava esta surra por mim, e nem sequer tinha o prazer de beber para aliviar seu sofrimento... era simplesmente porque ela queria que eu bebesse. O que eu tinha feito, como a egoísta que sou?

É que... não tinha pensado que seria tão rude! Assim... tão brutal e irrefletido. É obvio, tinha sido assim comigo, mas eu havia devolvido e além disso, eu gostava dos homens. Mas Tina... Nick a agarrou pelas coxas e com força as separou mais... Ela gritou antes que pudesse detê-lo.

- Solte-a - gemi.

Comecei a tirá-lo dela, mas parei quando gritou

- Não faça isso! Não é nada!

Em vez disso segurei sua mão. Apertou-me dolorosamente quando Nick acelerou próximo do clímax. Então terminou e caiu de joelhos, já meio inconsciente, e agarrou Tina quando ela começou a deslizar.

- Isso, benzinho - sussurrei, tirando as mechas úmidas de cabelo fora de seus olhos. - Esse é o último empurrão que aceita em minha honra.

- Certo, certo - disse ela, e cambaleamos ao sair da banheira juntas. Lembrei-me de fechar a água antes que Nick se afogasse. Mas ainda tinha vontade de fazê-lo atravessar a parede... algo maluco.

CAPÍTULO DEZOITO

Quando despertei ao lado de Sinclair, fiquei como a pessoa mais emocionada da terra. E, para aumentar ainda mais meu desassossego, ele estava de lado, sustentando a cabeça e me observando. Seu peito tinha um encrespado tapete de pêlo negro, e seu...

Jesus! - Sentei-me de repente e me apalpei. Graças a todos os deuses que alguma vez existiram, estava completamente vestida.

- Não faça isso! O que faço aqui no pedaço de cetim do inferno? - Então comecei a andar para a beira da cama.

Estávamos em metade de sua gigantesca cama e, alegrei-me de ver que haviam trocado os lençóis. Estes eram da cor do céu em um dia de verão.

- E boa noite também para você. - Observou-me sair engatinhando de sua cama com toda a graça de um laborioso hipopótamo e não se moveu. - Como é que ontem à noite não se tostou como uma batata frita?

- O que? Pergunta-me isso você? Como diabos poderia sabê-lo?

Ontem à noite, depois da ducha, vestimos Nick e o levamos à sua casa. Sinclair tinha acionado seu poder vampirico 'durma', e deixamos Nick dormindo. Cumprindo com minha palavra, fomos ao refúgio de Sinclair. Marc e Jessica protestaram, mas não muito... tinham ficado acordados toda a noite, e o amanhecer estava muito próximo. Sinclair lhes tinha prometido que nada me faria mal em sua casa, e isso foi suficiente para meus queridos amigos. Podia tê-los deixado em companhia de leões africanos famintos e eles teriam ficado bem, se Sinclair dissesse que estava bem.

O sol nos alcançou enquanto acelerávamos ao máximo para a casa de Sinclair. Não pensei sobre isso... não tinha passado as noites em minha cama durante toda a semana? E meu quarto não era voltado para o este? Mas outros enlouqueceram quando abri a porta de meu lado no carro.

- Acaso supõe que tenha uma rota subterrânea que leva à sua casa? - Queixei-me, entrecerrando os olhos diante do espelho e me penteando com os dedos. Será que meu cabelo estaria crescendo? Teria que ter uma entrevista com Chantelle no salão de cabeleireiros O Kindest Kut? - Acreditei que a luz do sol não te incomodaria mais que a mim. Quando Donald parou o carro, achei que era hora de sair, não o momento de esperar a que a entrada da bat-caverna¹⁹ se abrisse.

Sinclair ergueu seu braço. Estava de um vermelho irritado, quase da cor de uma lagosta cozida. Quando estendeu a mão, e me agarrou para me empurrar de

¹⁹ Bat caverna ou caverna de Batman.

volta ao carro, estava em um inferno de queimadura. - Obviamente, estava equivocada.

Inquietei-me ao recordar. Era muito embaraçoso. Fique parada, piscando à luz do sol, e me voltando lentamente pelo gemido de consternação de Tina. Logo Sinclair tratou de me alcançar, seu braço saiu do escuro carro como um peludo salva-vidas.

- Oh, bem, - havia dito lentamente, estupidamente... teria estado alguma vez tão cansada? - O sol, arde, Oh, que agonia... Que abafado! - Bem, - gemi, cravando os olhos na queimadura do Sinclair.

- Lamento. Não quis que se machucasse. Teria saltado de volta ao carro por mim mesma, mas me pareceu muito difícil pensar. Estava tão cansada.

- E assim quase me fritou vivo. Não sabia que isso podia ocorrer?- Seu tom estava dividido entre a impaciência e a admiração.

- Não sabia porque me deprimi antes do amanhecer. Normalmente estou deitada antes do nascer do sol. E o seguinte é, poof... estou completamente acordada e é de novo de noite.

- Este é um momento excelente para que comecem suas lições.

- Por que?

- Porque prometeu.

- Não, por que se importa? Por que quer me ensinar, Vamp 101?

- Porque, - disse simplesmente, levantando-se com um movimento fluido (fiquei aliviada ao ver o bóxer azul marinho), - se vai ser uma rainha eficiente, deve conhecer as normas da sociedade que regerá.

- Oh, vamos. Realmente não acredita nesse Livro das coisas Mortas, não é?

- Se não o tivesse feito antes de ontem à noite, teria acreditado quando a vi permanecer sob a luz do sol e bocejar, em lugar de fazer o que um vampiro comum teria feito, que é arder em chamas. Mas primeiro... - sorriu, com um sorriso lento e aberto que foi quase felioa em sua insolência. - O pequeno assunto que comentei no restaurante há algumas noites.

Eu tinha uma repugnante suspeita. Ah, começava a entender os truques deste cara. Fui para a cômoda situada perto da janela.

- Do que está falando?

Andou com passo majestoso atrás de mim.

- Disse-lhe que chegaria o momento em que você necessitaria da minha ajuda, e lhe daria isso, sempre e quando pusesse algo meu em sua boca. - Suas mãos alcançaram meus ombros e suavemente me viraram para enfrentá-lo. - Senhora, é sua escolha, claro, mas realmente espero que... o que é isso?

- Um de seus lenços - sussurrei. Meti-o em minha boca, mastiguei, e engoli. - Onde está o banheiro? - Perguntei com voz rouca. - Acho que estou doente.

Cravou os olhos em mim durante um longo momento, então começou a rir. Ria tanto, que demorou a apontar-me o banheiro, e quase não cheguei a tempo.

* * * *

- Não o farei.

- Mas devia.

- Não!

- Não a preocupa que Nostro possa ganhar mais força?

- Por que eu devo me preocupar?

- Você sabe por quê.

- Isso é uma bobagem e você sabe!

- Se soubesse - disse Tina suavemente - trataríamos agora mesmo de obrigá-la a nos ajudar? Arriscamo-nos por você, Majestade, muitas vezes. Foi profetizada.

- Basta disso! - Estava a ponto de me aterrorizar. Pensara que esta seria uma aula sobre coisas vampiricas, mas em lugar disso era sobre 'Porque Betsy Tem Que nos ajudar A Derrotar o Vampiro Mais Chato em Cinco Séculos'. Por isso estavam tão interessados em mim. Não só porque era a Rainha, mas sim porque era a rainha que juntaria todas as tribos, e as regeria. E sobre o livro das tolices mortas, que Tina lera para mim durante toda a noite. Era como ir à escola da Bíblia no inferno.

Sabia que não me alimentar com eles tinha sido um engano. Era tudo muito casual... que várias "amigas" vivessem com Sinclair, mulheres para ele e Tina, homens para Donald. Qualquer deles (incluídos eles três) teria se apressado em aceitar a oportunidade de ser meu jantar, mas a coisa da comida grupal era muito incomum para mim. Mais, ainda, chupar sangue ainda me parecia muito estranho.

Infelizmente, estiveram muito impressionados quando deixei passar a oportunidade de me alimentar. Muito impressionados. Por isso e pelo fato de não me queimar até morrer esta manhã, todo mundo na casa havia ficado convencido de que eu era a rainha. Exceto a rainha, é óbvio.

- Não é que eu não seja A Vampira Escolhida, ou algo assim, é que além disso... eu mal posso acreditar ainda que sou de fato uma vampira.

- Aí você nos pegou - disse Donald com ar de desculpa. - Realmente é uma vampira terrível. Muito estúpida para arder em chamas à luz do sol, e nem perto de ser cruel.

- Estão vendo?

Estávamos em um dos salões de Sinclair — tinha três que eu sabia. Era tarde — perto da meia-noite. Tina, Donald, e Sinclair tinham estado, por turnos, me

explicando como, entre os quatro, íamos fazer cair Nostro. Não me agrdava esse blablabla.

- Olhem. Crianças. Sou uma secretária, certo? Se necessitarem que escreva um montão de memorandos demandando a demissão do Nostro, sou sua garota. Se tiverem uma pilha de documentos para arquivar antes que possamos chutar o idiota, posso fazer. Mas não sou uma criadora de reis... Droga, sou um pouco nova para o jogo de escolher lados e deburrar tiranos e ditadores. Há uma semana ainda instalava o Netscape Navigator...

- Isto me atormenta tanto quanto a você, Elizabeth - disse Sinclair, recolhendo sua taça e tomando um sorvo distraído. - Uma mulher de seu temperamento errático não teria sido minha primeira escolha. Indiscutivelmente, é jovem, foi jovem quando morreu, e como um vampira é apenas uma menina. Mas, quanto mais terá que ver para acreditar?

Respirei fundo. De maneira nenhuma vai ser tão fácil, camarada.

- Realmente um pouco mais.

Ele apontou para o livro dos mortos, que tinha um pequeno e elegante suporte ao lado da chaminé. Tinha votade de atirá-lo às chamas mais de uma vez esta tarde.

- Nosso livro - nossa Bíblia, se quiser - fala de um vampiro feminino que não será queimado pelo sol, que pode controlar sua sede, que exerce domínio sobre as bestas, que é ainda querido por Deus... ou seja, que pode levar uma cruz ao redor do pescoço.

- Continuo sem engolir isso, eu disse.

- Pode fazer todas estas coisas, Elizabeth. E o que é mais, é você mesma... não duvido que a mulher diante de mim é mais ou menos fútil como há um mês. É vaidosa, pensa constantemente em seu prazer, gosta de suas coisas bonitas, é uma criatura que busca seu próprio conforto.

- Oh, olhe quem me joga na cara, o Menino de Ouro.

Ele permaneceu sereno, embora Donald tivesse que dissimular sua risada com uma tosse.

- Permaneceste sendo você mesma. A prova mais definitiva é que pode pensar a respeito dos outros... amigos e desconhecidos... antes de suas próprias necessidades. A maioria dos vampiros beberiam de sua própria avó se estivessem suficientemente sedentos. Além disso, as pessoas reagem a seu carisma. Realmente pensa que se o Dr. Marc se encontrasse com qualquer outro vampiro, este teria lhe permitido alimentar-se dele, teria ido almoçar com ele, e depois mudaria para sua casa e teria feito todo o possível para ajudar? Instantaneamente quis estar com você. Sua amiga Jessica alguma vez teve medo de você... de verdade? Não só o

livro prediz suas habilidades únicas, não só nós, os vampiros, conhecemos quem verdadeiramente é, como também a gente comum o pode sentir.

- Marc é um tipo agradável que quis relacionar-se comigo, isso é tudo, - disse defensivamente. - E Jessica é como uma irmã para mim... por isso não se assustaria. - Mas quando falei, não soou como algo verdadeiro. A meu pai eu causava medo... mas não a Jessica. Marc estava preparado para atirar-se à morte — e agora conspirava com Jessica para me fazer ajudar todo mundo. No espaço de uma semana. Ou menos de uma semana.

- Elizabeth, suponha que nos ajude a destruir Nostro. A trazer paz. Isso beneficiará a todos do mesmo modo, os vampiros e os humanos. Seus amigos e seus pais. Se for a rainha, - adicionou astutamente, - pode estar certa de que ninguém transformará a sua mãe em um sanduíche de meia-noite.

Saltei do susto.

- Isso não é engraçado, Sinclair!

- Inclusive agora, Nostro poderia enviar os demônios à casa de sua mãe. Está muito, mas muito zangado com você. É claro - acrescentou, sem dúvida adivinhando que eu estava louca para escapar do quarto e colocar a mamãe em segurança - há algumas horas fiz os preparativos para que ela deixasse o Estado.

- Você... como?

- Fui muito persuasivo - disse, e sorriu. Não era um de seus sorrisos sujos e enganosos, mas tampouco era o sorriso aberto e límpido que o fazia parecer muitos anos mais jovem. - Não há problema, ela está a salvo. E realmente é uma mulher fascinante, poderia adicionar... que de imediato adivinhou que sou um vampiro e, como uma novidade refrescante, não atirou a casa a baixo com seus gritos. Entretanto, ameaçou me bater na cabeça com um candelabro se tentasse algo engraçado'. - Voltou-se para Tina. - A propósito, prometi-lhe que você iria tomar chá alguma noite... tem várias perguntas a respeito da guerra.

- Oh, a guerra - disse Tina, revirando os olhos. - É só disso que querem falar os acadêmicos. 'Como foi realmente a Guerra Civil? O que pensava do General Grant? Os escravos quiseram realmente ser liberados?' Ufa.

Relaxei ligeiramente. Acreditei em Sinclair. Não me pergunte como soube, mas parecia evidente que dizia a verdade. (Também, quis ir a esse chá... eu mesma tinha umas poucas perguntas a lhe fazer.) Mamãe estava a salvo. Mas, por quanto tempo?

Sinclair estava certo; Nostro estava furioso. Eu o havia rechaçado duas vezes, e na certa ele já sabia em casa de quem eu me encontrava. Inclusive puf! - onde tinha dormido. Ele faria o pior, e tomaria medidas.

- Nostro acredita que sou a rainha?

- Não. Pensa que é um vampiro estranho, do tipo que nasce forte, mas não quer dar atenção às coisas que se dizem no Livro dos Mortos... deveria, teria lido a respeito de sua própria queda. E um ego tão monstruoso não poderia confrontar tal coisa.

Oh, bravo, o ego de Nostro é enorme.

- Olhe, nós sozinhos não podemos assaltar o castelo, ok? Ele tem milhões de seguidores.

- Corte a cabeça, - disse Tina com tranqüilidade, - e o corpo morrerá. Melhor ainda, o corpo lhe prestará sua lealdade.

- Excelente.

- Veja... Betsy, eu sei que isto deve ser difícil. Como já disse, você experimenta a sensação de ser vampira há apenas uma semana. Deveria estar ajustando-se à sua nova vida, não conspirando para derrocar déspotas.

- Bravo, é isso mesmo! Obrigado!

- Mas o tempo se acaba, - continuou ela implacavelmente. - Necessitamos de sua ajuda nisto logo que seja possível.

- Por quê? Por quê a pressa? Nostro esteve aqui durante várias centenas de anos, por quê querem tirá-lo às pressas do formigueiro nesta semana?

- Achamos que ele se prepara para ir à guerra, - disse simplesmente Sinclair. - É, para usar um término técnico, um completo excêntrico, e foi ficando mais instável durante os séculos. Tolerei até agora porque tinha muita gente a seu serviço e cada um se mantinha fora do caminho do outro. Mas sua presença, Betsy, muda as coisas.

- Não sei disso, mas lhe confesso... nunca teria pensado que me poderia assustar com um tipo calvo com um traje horroroso - falei - mas sinceramente, ele é louco. Quer controlar tudo. Não confiaria nele por nada no mundo.

Sinclair inclinou a cabeça.

- Ele sempre lamentou ter que deixar os outros viverem suas vidas. Saber que os meus e eu mesmo não estamos sob seu controle, desequilibra-o. Um dia desceremos a escada e encontraremos duzentos vampiros nos esperando. Preferiria - acrescentou com secura - estar ativo. Donald?

Instantaneamente Donald parou, saiu correndo, e um momento mais tarde voltou trazendo quatro caixas brancas de sapatos empilhadas em seus braços, como uma pequena coluna. Colocou as caixas no chão, logo saiu outra vez, e retornou com mais seis. Estendeu-as diante de mim e começou a lançar fora as tampas.

Gritei. Com alegria. Flip! Um par de Manolo Blahniks cor lavanda — com o

mais procurado dos saltos, o de três quartos de polegada — transparente. Flip! Um par de sandálias Beverly Feldman em amarelo dourado. Flip! Um par de slingbacks de L'Autre Chose, azul gelo. Flip, flip! Dois pares de Manolo Blahniks, um de salto negro, o outro de couro vermelho. Umas sandálias douradas do Salvatore Ferragamo.

Gemi e saltei sobre eles. Eram todos de meu tamanho! Tirei aos puxões as sapatilhas, com tanta força que minhas meias três-quartos sobrevoaram meus ombros, e escorreguei nas sandálias amarelas. Que felicidade!

- O espelho!

- Não posso acreditar que subornamos a nossa futura rainha com sapatos de grife - resmungou Tina.

- O espelho!

- Aí - disse Sinclair, e me apontou. Havia um espelho em cima da chaminé.

Arrastei uma cadeira, arranquei o espelho da parede, saltei abaixo, e o apoiei contra uma longínqua parede. Olhei fixamente o reflexo de meus pés. Senti-me como Dorothy²⁰ com suas sapatilhas de cor de rubi.

- Maravilhoso! Como o fez?

- Vi sua coleção de sapatos quando estávamos em sua casa ontem à noite, e mandei amigas fazerem algumas compras enquanto dormíamos. O que me magoa é que não possa mantê-los conservar. - Suspirou Sinclair teatralmente e fez sinais a Donald, que começou a pôr as tampas de volta nas caixas.

Quase chorei.

- O que? Por quê?

- Pois bem...é tão inflexível a respeito de não nos ajudar. Não é uma kingmaker, como você diz. Muito sábia e prática, mas é obviamente inútil para nossos propósitos. Talvez Nostro aceite estes sapatos como uma amostra de paz.

Nostro? Nostro pondo seus sujos dedos úmidos e pegajosos na suave pele de delicado bordado? Dando-os a Shanara? Usando-os para que os Demônios brinquem de “joga-e-pegar”? Nunca, nunca, nunca!

- Não toque neles! - pedi, e Donald congelou na metade de caminho. - Ajudarei. Mas fico com os sapatos.

- Feito - disse Sinclair, seus lábios crispando-se como se tentasse não sorrir brincalhão.

Na certa pensava que eu era vaidosa e fraca de caráter e uma completa idiota. Que me importa? Era idiota, débil e vaidosa com os sapatos mais estupendos da temporada. E não me haviam custado nem um centavo!

²⁰ Personagem do filme “O Mágico de Oz”. N. da T.

Desci de um salto da cadeira, atirei meus braços ao redor de Sinclair, e o beijei em plena boca. Ele estava tão surpreso que quase perdeu o equilíbrio.

- Consigo alguma bonificação se fizermos picadinho de Nostro esta noite?- Perguntei ofegante, lançando uma olhada em seus escuros, muito escuros olhos.

- Beije-me assim outra vez, e lhe comprarei uma dúzia mais.

Soltei-o como se queimasse, e não sem esforço. Abraçar Sinclair era como abraçar uma rocha genial. Podia apostar que até os lóbulos de suas orelhas eram perfeitos.

- Melhor não me tentar. Certo, então, vamos ver o tipinho.

- Assim, de qualquer jeito? - Perguntou Tina. Sacudiu a cabeça, sorrindo abertamente quando Sinclair tocou sua boca com uma expressão aturdida.

- Um trato é um trato, - falei, admirando meus bonitos pés. É obvio, sabíamos que isto não era apenas pelos sapatos. Mas Sinclair não era tolo... essa era toda a desculpa que eu precisava para fazer o que, cada vez mais, parecia-me a coisa mais correta.

* * * *

- Vai ajudá-los a derrubar Nostro. - Donald, sem esforço algum, levantou uma caixa cheia de vinho em cima do balcão. Tinha pedido mais vinho de ameixa, enquanto Tina e Sinclair estavam no primeiro andar tramando uma estratégia. Não tinha interesse nos sangrentos detalhes... suspeitava que me queriam pelo poder de meu pseudo-status ("temos a rainha de nosso lado... rendam-se!") Mais do que por qualquer habilidade lutadora ou tática. Pelo menos essa era minha esperança.

- É isso... certo. Olhe: Não é que eu queira que Nostro permaneça no cargo, porque não quero. É um louco, trata mal seus Demônios e outros vampiros estão assustados como o diabo, exceto talvez Sinclair. Acredito que, quando os monstros se assustam com alguém, provavelmente devem desfazer-se dele. Não acha?

- Correto.

- Simplesmente esperava permanecer fora da política vampirica. Mas se podem me usar para tirá-lo de lá... e se posso aumentar minha coleção de sapatos em oitenta por cento... acredito que é o que se deve fazer.

- O que acontece se mudar de idéia?

Caí em mim. Donald estava oitenta por cento receoso. Não queria que me acovardasse quando a coisa ficasse feia e que deixasse sozinhos a seus amigos.

- Não se preocupe. Não o farei. Além disso, devo-lhe uma a esse respeito por enviar Shanara para que atacasse meus amigos. E por me atirar ao fosso com os Demônios. E estou cheia de me preocupar em topar com alguém de sua tribo,

com raiva de ser arrastada a seus... arre, diversos esconderijos! Esta semana teria sido suficientemente dura sem ter que guerrear contra Nostro. -

Recitar seus pecados contra mim começava a me zangar. Vibrei com justa indignação. Começava a parecer uma idéia realmente boa, e não me importavam os sapatos.

- Então em sua mente é um fato definitivo?

- ...Cem... por cento - disse enfaticamente. - Não tem que preocupar-se.

- Realmente, - suspirou, - agora é que tenho de começar a me preocupar.

Tive o tempo mínimo necessário para me perguntar por que balançava uma caixa cheia de garrafas de vinho sobre minha cabeça, quando tudo ficou de um branco brilhante, e depois totalmente negro.

CAPÍTULO DEZENOVE

Quando despertei tinha uma sede horrível. Sabia por que. Esse maldito judas me tinha agarrado com tanta força, que se fosse mortal me teria matado. Mas certamente tinha me quebrado a cabeça. Enquanto estava morta para meu mundo, meu corpo se tinha se curado a si mesmo, e agora eu tinha uma sede incrível. Amaldiçoei-me mesma por me negar à oferta de Sinclair de compartilhar o jantar. Parecia tão moralmente correto nesse momento, e agora isto provavelmente ia matar me.

Abri os olhos. Estava em um quarto sem janelas, parecido com um porão. Com a parede e o chão de cimento. Frio como o inferno.

- Idiota - grasnei. Limpei a garganta e fiz outra tentativa. - Idiota, está aí?

- Sim - disse Donald, com a ousadia de parecer compungido. Endireitou-se deixando o que fazia e deu um puxão nas cadeias que me rodeavam os tornozelos.

- Lamento. Mas é necessário, e realmente é o melhor.

- Oh, concordo, então simplesmente deixarei de me preocupar. Imbecil. Simplesmente me diga por quê, idiota. Sinclair cuida de você. É um bom sujeito. Ouvi que Tina e você estavam com ele pelo menos há cinqüenta ou sessenta anos. Então por que a traição? Sempre foi um canalha, ou é algo recente?

- Nostro é meu criador. - Disse Donald com uma simplicidade que me fez querer esmurrá-lo. - Tudo o que sou devo a ele. Quando me pediu, há anos, que ficasse com seu inimigo, como ia negar-me?

Sacudi minhas mãos. Nada. Não sabia do que eram as cadeias com as quais estava presa...De titânio? Mas não se moviam. Tinha as mãos presas por cima da cabeça, os tornozelos estendidos... e esta laje estava realmente fria. - Esclareçamos

isto, imbecil. Nostro lhe tirou as vísceras e bebeu de você como de uma fonte enquanto ainda estava vivo, e pensa que deve algo a ele?

- Não foi assim. Ele me soltou. Libertou-me.

- Transformou você em um Alimento Feliz?? E você é suficientemente estúpido para pensar que foi um favor.

Donald cravou a faca, que eu não tinha notado, em minha coxa superior. Fez-me um talho. Então a ponta se incrustou na laje de pedra à qual eu estava encadeada. Doeu diabolicamente, mas não lhe daria a satisfação de me queixar.

- Já fui esfaqueada antes - brinquei. - De fato, foi a semana passada. ... não me assusta. - Retorci-me outra vez... nada. Além da indignidade de ser golpeada com uma caixa de vinho de ameixa, arrastada ao esconderijo do sujeitinho, e presa a um altar de pedra (Nostro tinha dado uma lista para o delator palerma, para que subministrasse as torpezas?), minha roupa estava em farrapos. Donald estivera ocupado com a faca antes que me despertasse.

- Terá que fazer algo melhor que isso.

Donald se dobrou perto de mim, tão perto que podia ver a luz da vela brilhando no gel do seu cabelo. Me ocorreu pela primeira vez que ele se parecia com uma garça.

- Lancei todos os seus sapatos novos no fogo - sussurrou em minha orelha. Uivei de agonia e me remexi, ineficazmente.

- Bastardo! - Solucei. - Pagará por isso.

Endireitou-se, seus lábios se apertaram com repugnância.

- Você me faz vomitar.

- Decerto diz isso a todas as garotas, super-boy.

- Você se preocupa mais com suas bonitas breguices que qualquer outra coisa. Você, rainha? Nunca. Não enquanto eu estiver por aqui para servir a meu amo.

- Ouça, alguma vez pedi para ser a rainha, imbecil? Com certeza não era a primeira de minha Lista das Dez Coisas que eu Gostaria de Fazer Depois de Morrer. Renunciarei ao trono, que tal? De todas maneiras nunca o quis.

- Não serviria de nada. Ele nunca te deixaria em paz. - Suspirou. Ambos sabíamos que 'ele' queria dizer Sinclair. - Isso não tem importância agora. Morrerá. Nunca será rainha mesmo.

- Esclareçamos isto. Suponha que eu seja a rainha, embora seu amo não acredite. E se o Livro dos Mortos estiver correto, é isso que você não gosta, não é? - Tratei de ignorar a imagem dos Blahniks de cor lavanda assando no fogo, tornando-se negros, o quarto se enchendo do fedor do couro queimado.

- Exatamente. Tolerei sua presença enquanto não tinha a intenção de ajudar Eric Sinclair. Quando foi uma linda e jovem vampira que ele queria colocar em sua cama. Mas no momento em que mudou de idéia...

- Foi o momento de me quebrar a cabeça. Se, entendi... Ouça, me responda uma pergunta mais... Como diabos se mata um vampiro? De verdade, como vai me matar? Não me pode lançar ao fosso desta vez, porque os Demônios se assustam comigo. E não me pode prender em um quarto que dá para o leste e esperar que o sol faça seu trabalho sujo. Tampouco o fará uma massagem facial com água sagrada.

Donald pareceu preocupado durante um breve momento, logo encolheu os ombros. Gesticulou para sua esquerda, e olhei onde apontava. Havia várias espadas apoiadas na parede.

- É um pouco difícil de matar, mas cortar sua pequena e bonita cabeça deve resolver isso bastante bem.

Fiz uma careta. Bravo, realmente não vi nenhuma maneira de escapar.

- Sabe uma coisa, Dom Dom? De fato estou de certa forma contente que se haja reduzido a isto. Nostro ou eu. Porque estou morrendo de nojo dessa droga... os seqüestros e a traição e de que lado estar... é tão ridículamente infantil. Como podem agüentar?

- Sabemos qual é nosso lugar. - Tirou de um puxão a faca de minha coxa. - É uma pena que você nunca soubesse.

Talvez fosse a rainha! E pelo menos, não tinha me posto de joelhos diante de Nostro ou Sinclair. Bem por mim.

-Provavelmente deveríamos terminar logo com isto, não é?

- Quer que te corte a cabeça?

- É melhor do que ficar aqui, com meu traseiro totalmente congelado e cheirando seu sofisticado gel, que por certo não é o apropriada para seu tipo de cabelo. De todo o modo... Onde está o psicopata de seu chefe? Esperava que ele estivesse aqui com quarenta ou cinqüenta seguidores.

Donald sorriu.

- Está matando Eric e Tina. Mas logo estará aqui.

Deixei de sorrir com satisfação. Uma parte da razão pela qual estivera tão impertinente — além do completo absurdo de minha situação... digamos, meio nua e atada com cadeias em um altar! — Era porque estivera esperando que Sinclair e Tina me resgatassem.

- O dia em que Nostro derrubar Eric Sinclair será o dia em que... - não podia pensar em nada suficientemente absurdo.

-... Ficaré sem cabeça - terminou Donald maldosamente. - Está guiando nosso grupo de vampiros, claro . Logo que a peguei, uns quantos de nós a trouxemos aqui, e o resto ficou para atear fogo à mansão de Sinclair. Rodeariam o lugar, e atirariam água benta a quem tentasse de sair. Como se alguém pudesse fazê-lo. Os vampiros são incrivelmente inflamáveis.

Movi-me agitada e ineficazmente. Essa maravilhosa casa vitoriana, cheia até o teto com antiguidades sem preço. E meus sapatos novos! E Sinclair e Tina, e suas namoradas, e o harém de Donald! E meus sapatos novos!

E tudo era minha culpa. Sinclair e Nostro estiveram em guerra durante anos e anos, mas minha presença tinha agravado a situação. Podiam ter ficado em um impasse durante outros cem anos. A não ser por mim.

- Você é um estúpido, - gritei impotente.

- Tudo é justo no amor e etcétera - Disse tranqüilamente.

- Também... aaagggkkkkkkk!

Fiquei com o olhar fixo. Havia uma larga lâmina de metal em um lado de seu pescoço. Justamente quando meus olhos se ajustaram ao que viam, Tina tirou a espada do pescoço de Donald e a balançou outra vez. Ele pulou longe dela. No instante ela deu a volta e rompeu com a espada as correntes que estavam entre meus tornozelos. E outra vez. E...

- Cuidado!

Ela se virou, esquivou-o, e a espada de Donald passou assobiando sobre sua cabeça. Dei um chute e atirei com tanta força como pude. Ela tinha quase arrebitado as correntes, e se eu só pudesse...

Dava chutes sem as correntes e lancei meus pés sobre minha cabeça, para ganhar impulso. Agora estava de pé atrás de onde tinham estado minha cabeça e meus ombros. As correntes estavam cortando minhas mãos mas ignorei a dor; em lugar disso joguei meu peso contra o altar e tão forte como pude. Havia uma rasgadura — em minha carne e nas cadeias — e logo me libertei.

- Oh você, estúpido - sussurrei ofegante, dando a volta. Senti-me tão perversa como Ant em seu pior dia. Tão grande era minha fúria - Agora você conseguiu... Aggg!

Tina estava ajoelhada diante mim, segurando a cabeça de Donald pelo cabelo e muito explicitamente tratando de me ofertá-lo... algo como: “ Majestade, imploro seu perdão, pela indignidade que sofreu e lhe ofereço a cabeça de nosso inimigo...”

- Solta essa coisa - resmuguei impacientemente. - Não posso falar com você quando sacode sua cabeça como uma maldita maraca.

Ela deixou cair a cabeça e eu a pus bruscamente de pé e lhe dei um sonoro beijo no rosto.

- Isso é por essa 'coisa do momento oportuno', com que você se sai tão bem .- Beije-a outra vez. - E esse é por cortar a cabeça do vilão .- Mwah! -E esse é por ser tão linda.- Mwah! -E esse é por não estar morta.

- Certo - disse, me segurando um cotovelo. - É toda carinho agora, quando não há tempo. Vamos.

- Onde está Sinclair?

- Separamo-nos para encontrá-la. Já que essa foi minha honra, imagino que ele topou com Nostro. Agora tenho que levá-la até seu povo.

- Meu... — Ela me tinha atirado uma espada, em seguida tinha agarrado meu braço e me estava guiando tão rápido que tropecei ao tentar me manter em pé. — Meu povo? - Joguei uma olhada atrás, mais que feliz de deixar aquele pequeno e escuro quarto onde pensei que morreria. O corpo sem cabeça do Donald se movia nervosamente, logo estremeceu e ficou quieto. Não se transformou em pó nem desapareceu em um redemoinho, só ficou ali como um boneco com suas cordas cortadas. E sem cabeça.

- A única razão pela qual cheguei aqui a tempo de ajudá-la é porque disse ao pessoal do Nostro que você é a rainha profetizada.

- Sim, mas como você e Sinclair não viraram churrasco?

- O túnel subterrâneo, é claro, - disse com clara impaciência. Ainda levava-me por todos lados como saco de batatas. - Donald fugiu muito rápido com você — um engano enorme de julgamento que, estou encantada de dizer, custou-lhe a cabeça. Eric e eu saímos e viemos diretamente aqui. Estava preparada para usar a força, mas em lugar disso, disse a todo mundo que estava aqui para salvar a nossa rainha, deles e minha. E, para minha admiração, ninguém tentou me deter. Isso me diz que poderiam estar preparados. Se a mostro para eles, poderiam voltar-se contra ele.

- Pensa isso?

- Não, - disse desagradavelmente, me arrastando por uma escada, - estavam muito assustados. Não só para me deter, mas também para me ajudar. Embora tenhamos notado que quando a metemos na história, ocorrem coisas interessantes. Então vamos tentar. E se ver o Nostro vou ter seus... suas bolas...

- Obrigada pela imagem visual. É tão estranha a forma como fala, tão correta e apropriadamente, e então você fala de bolas, e...

- Ali! — Apontou. Havia uma briga infernal no salão de baile. Ao menos trinta pessoas estavam brigando, chutando, mordendo e dando murros e pontapés uns contra outros. Nostro e Sinclair estavam provavelmente no centro daquilo.

Tina deixou cair minha mão e foi ao trabalho. Dei a volta e corri. Passei o salão de baile, depois a piscina, todo o tempo para fora. Sabia o que queria – mas como encontrá-lo?

Uma vampira pequenina, ruiva, correu perto de mim, obviamente não tinha interesse em unir-se à briga. Quando agarrei seu braço, gemeu e tratou de afastar-se.

- Onde estão os Demônios?

- Por favor... não me... não me machuque...

- Os Demônios, imbecil! Onde os escondem? Sei que estão presos por aqui em alguma parte.

Ela piscou e quando consegui olhá-la bem, senti-me doente. Não podia ter tido mais de quatorze anos quando morreu. Pesava, em uma hipótese aproximada, perto de trinta e seis quilos. Fraca e ossuda como o inferno e com os olhos escuros enormes. Uma eterna adolescente. Perpetuamente nas angústias da adolescência... não podia pensar em um destino pior. Sinclair era um porco, mas não matava as garotas menores de idade. Se eu não me tivesse apegado à idéia de lutar contra Nostro até que sozinho ficassem dele alguns poucos pedaços sobre a terra, o teria feito neste instante.

- Sua jaula está atrás do celeiro - disse em sussurros. - Posso mostrar mas por favor não me machuque.

- Relaxe, querida. Este parece ser seu dia de sorte. Melhor ficar perto de mim. É perigoso ali dentro.

- Oh, perigoso? Ora! Pensei que a Guerra Coreana tinha sido má. A propósito, sou... sou Alice. - relaxou um pouco quando se deu conta de que eu não ia a usar a espada para lhe cortar a cabeça. Poderia ser a rainha dos vampiros, mas não ia me tornar a Rainha Vermelha de *Alice no País das Maravilhas*. Não, 'Nada de cortar cabeças!' para esta monarca. Deixaria essas coisas para Tina.

- Sou a Rainha, Alice. - Guerra Coreana, me deixe ver, isto faz... quarenta, cinqüenta anos? Nunca me acostumaria a isto. - Prazer em conhecê-la.

Os Demônios fizeram um alvoroço atroz quando me viram. Procurei provas e fiquei aliviada ao ver que Donald não me tinha tirado a cruz... provavelmente não tinha conseguido tocá-la, ou tinha esquecido disso. De qualquer jeito, a mostrei aos Demônios e eles entraram em sua rotina rasteira abjeta. Então respirei fundo, fiz em pedaços os ferrolhos de sua jaula com alguns murros, e entrei.

- Uh... Seu... ãh... Sua Majestade... eu não o faria.

- Está bem. Acredito que os tenho controlados. - Levantei minhas mãos rasgadas e sangrentas. Ainda podia sangrar um pouco, não tanto como quando estava viva, e não tão quente. Os Demônios engatinharam lentamente para mim,

me cheiraram de cima abaixo, então lamberam o sangue de minhas mãos. Seu fôlego era frio. Seu aroma era indescritivelmente mau. - O que são estas coisas?

- São vampiros que não tiveram permissão de alimentar-se quando se transformaram. - Alice estava se agarrando firmemente aos barrotes, nos observando com olhos grandes e assustados. - convertem-se em animais quando passa isso... perdem a noção, perdem o sentido do ego. Tudo o que conhecem é a fome.

- É reparável?

Uma longa pausa.

- Não sei. Nunca ninguém foi capaz... digo, meu senhor Nostro não quis...

- Não diga mais nada. Alice, está comigo ou contra?

- ... Eu? Acho... acho que estou com você - Ela cravou os olhos em mim através das barras, logo baixou seu olhar para minha cruz, a qual ainda emitia sua pequena e corajosa luz. Recordou-me a luz noturna do Snoopy, que tinha tido quando era menina. Olhou-a um momento, então olhou para trás, como se algo a danificasse. - É tão valente e... e forte. Como se pudesse ser... como se o Livro dos Mortos tivesse razão... e deve ser correto, como se você pudesse...

- Hoje, Alice, pode responder a minha pergunta hoje? Ainda tenho que salvar meus novos amigos, matar Nostro, e chegar em casa a tempo de colocar a fita no vídeo para gravar Martha Stewart.

- Sou sua serva - disse suavemente. Ela apertou as barras com tanta força que ouvi o gemido do metal. - Eternamente.

- Bem. - Alguma vez me acostumaria que as pessoas instantaneamente obsequiassem-me com sua lealdade? Senhor, espero que não. - Este é o plano.

CAPÍTULO VINTE

Com Alice e os Demônios nos meus calcanhares, dirigimo-nos de novo à casa e entramos correndo no salão de baile. Nostro e Sinclair brigavam tão rápido, que não podia ver nada. Simplesmente borrões de punhos. Para minha surpresa, ninguém mais estava brigando. A maior parte dos vampiros estavam reunidos junto à parede mais longínqua escutando a Tina.

- Não interfiram! Quem ganhar será nosso novo senhor e não podem interferir! Essa foi nossa lei desde que os mortais ainda se encolhiam de medo nas cavernas!

- Vou interferir, - disse acaloradamente. Apontei para o borrão que eram Nostro e Sinclair. - Ao ataque!

Uivando e grunhindo, os Demônios se equilibraram para eles. Fizeram-no tão rápido — que tive o tempo justo para agarrar Sinclair e tirá-lo do caminho.

Rápida que sou e mesmo assim um Demônio nos acertou nos jogando ao chão. Rodei sobre minhas costas para observar.

Sabe nos desenhos animados, quando para demonstrar que uma briga é cruel, tudo o que se pode ver é fumaça, extremidades em movimento, estrelas e coisas assim? Foi assim. Os Demônios grunhiam, Nostro gritava, e todos os demais ficamos paralisados observando. Momentos depois os Demônios começaram a fazer ruídos estranhos e Nostro os escutou balbuciar. Num momento os ruídos úmidos continuaram, mas ao não ouviu-se mais nenhum ruído de Nostro.

Até mais, Noseo. Não deveria se haver metido comigo, e droga, claro que não deveria ter se metido com meus amigos.

Ninguém disse nada. Quarenta vampiros cravaram os olhos em mim, e o triunfo em no rosto de Tina era quase insuportável. Sua cara era como um farol, bela e terrível de uma vez. Já não se parecia com uma animadora de torcida, mas uma guerreira afirmando sua vitória. Voltei-me para Sinclair, segura de que seus comentários serenamente sarcásticos quebrariam a tensão, e logo gritei e me apoiei sobre os pés.

Sinclair estava horrendamente queimado. A maior parte de seu lado esquerdo estava enegrecido. Seu cabelo tinha desaparecido. Suas pálpebras não existiam. Podia ver as veias na pele de seu braço esquerdo, tentando mover o sangue através de seu morto sistema sangüíneo.

Incrivelmente, estava sorrindo. Seus lábios gretados se estiraram e seus dentes se viram até mais brancos e mais compridos em comparação com sua carne queimada.

- Vitória.

Ponha-se a chorar. Certo, vitória, mas a que custo? E o que vai passar depois? Queimou-se por mim, tinha perdido sua casa — e a maior parte de sua carne! — Por mim. E em lugar de recuperar-se ou alimentar-se para melhorar ou ficar fora da infernal luta, tinha vindo correndo para me resgatar!

- Sinclair... Eric... O que...

- Precisa alimentar-se - Disse Tina quando Sinclair elevou uma mão e se estabilizou segurando-se em meu braço. - De você. Seu sangue o sanará mais rápido que qualquer outra coisa.

- É uma coisa da rainha?

Ela inclinou a cabeça, mas não me olhou. Seus olhos eram grandes e tristes quando contemplou Eric.

- A água ajudará... é... demoraria muito tempo em explicá-lo, mas a água facilita o processo de cicatrização. Então...

- Bem, bem, pode explicar isso mais tarde. - Cautelosamente agarrei a mão direita de Eric e o dirigi para a piscina. - por aqui, venha, Eric. Isto fará com que sintas-te melhor... Cristo, deve estar em agonia...

- As coisas que tenho que fazer para que me chame por meu primeiro nome.
- Fiz um som, mescla entre risada e soluço.

- Não é momento para esses típicos comentários sarcásticos.

- Na verdade, não posso pensar em um momento melhor para meus comentários sarcásticos. Deve me dizer como trocou a lealdade dos Demônios de Nostro. Tal coisa nunca aconteceu antes.

- Você sempre tão curioso.

- Você sempre tão intrigante.

Conduzi-o à piscina.

- Tome ar - resmunguei, estando de pé tão perto da beira, que meus dedos dos pés ficaram pendurados.

- Por que? - Perguntou Sinclair. Logo mergulhamos até o fundo. Tive tempo de pensar, Oh, mierda, o cloro vai arder suas queimaduras como o demônio, mas pelo olhar de alívio em sua cara, não foi o caso, absolutamente.

Atraiu-me para ele brandamente e fui de boa vontade. Era uma casca enegrecida por minha culpa; O mínimo podia fazer era deixar que recuperasse a força com meu sangue. Só esperava ter o suficiente para lhe servir. Bebia um vampiro — de mim? — Seria tão diferente de beber de alguém que estava ainda vivo? Tina pareceu acreditar que sim, e isso era suficiente para mim.

Tremi quando seus dentes romperam a carne de minha garganta. Perdi minha virgindade de vampira com Sinclair — embora tivesse tomado minha parte de doadores desejosos, nunca tinha sido o doador, como se diz. A água estava deliciosamente fresca enquanto flutuávamos perto do fundo. Era estranho e encantador estar completamente cômoda sob a água e não ter que me preocupar com a falta do ar.

Tinha as mãos em seus ombros e, enquanto bebia de mim, podia sentir a pele de suas costas tecendo-se novamente, reformando-se de um nada, podia senti-lo recuperando sua força e vitalidade. Ele acariciou minhas costas enquanto se alimentava, o que era encantador — tranquilizador, doce e confortável. Sendo o almoço se sentia tão bom como beber o almoço. Este era o prazer de ser tomado, de ser sustentado por uma criatura muito maior e mais forte, uma criatura que lhe poderia rasgar se quisesse. Era o prazer puro da rendição.

Eric se retirou e sorriu com um olhar de felicidade singela e pura. Sua cara curou-se mesmo enquanto eu observava com horrorizado assombro. Tão rápido, tão rápido! Logo estava de novo inteiro, perfeito — um espécime completamente

masculino e primoroso. Com presas realmente grandes. Havia demorado menos de cinco minutos.

Ri-me sob a água e quase me afoguei. Atraiu-me para ele novamente, não tão brandamente desta vez, e logo sua boca cobriu a minha, sua língua se roçou contra a minha, e seus braços me rodearam, me pressionando contra ele.

Beijamo-nos durante horas... ou assim me pareceu. Tirou-me meus farrapos e eu tirei uma mão os queimados farrapos que ele usava. Quando toquei seu palpitante membro, rígido, alegrei-me de estar flutuando e não de pé — duvido que conseguisse me manter direita. Era enorme e belo e desejei ter cada polegada dentro de mim. Estava cansada de lutar contra minha atração por ele, cansada de fingir que não sentia nada no estômago cada vez que ele me sorria.

Amor? Não sei. Nunca tinha conhecido alguém como Eric Sinclair, que pensava que eu era uma imbecil sem remédio, mas tinha lutado por mim, tinha perdido tudo por mim, e tinha assegurado um trono para mim.

Seus lábios se fecharam em torno de um de meus mamilos e o sugaram suavemente. Logo sua língua raspou através do bico e tudo que me recordo é de não ofegar sob a água. Suas mãos estavam em todas partes, amassavam e acariciavam minhas costas, meu traseiro, minhas coxas. Então me liberou e mergulhou.

Minhas costas se arquearam quando senti que me separara com seus polegares, quando senti sua língua subindo entre as dobras de meu sexo. Fiquei olhando cegamente para a superfície da piscina enquanto sua língua acariciava, brincava, lambia e apunhalava, enquanto seus inquietos dedos amassavam minhas coxas.

Envolvi as pernas ao redor de sua cabeça e agarrei uma mecha de seu cabelo, esmagando sua cara contra meu sexo. As sensações de seus lábios e sua língua, conectada com a sensação sensual da água acariciando cada polegada de mim, me punham em um êxtase dolorido. Toquei meus seios e os apertei com força. Apertei e bati em meus mamilos até que estiveram inchados e palpitantes.

Então senti como suas presas perfuravam um de meus inchados lábios, senti-o chupar suavemente, bebendo de mim, e lancei-me para o orgasmo. Lancei-me? Não, fui empurrada, fui introduzida à força no orgasmo, e gritei silenciosamente, com meus olhos olhando cegamente à superfície.

Ele deixou de beber e seus lábios se colocaram sobre meus clitoris. Sua língua acariciou e aliviou com delicadeza o pequeno broto. Então chupou, com força, e me contorci quando outro orgasmo derrubou.

Ele subiu, encontrou minha cintura, e me afundou, beijando cada polegada do caminho até que sua boca cobriu a minha outra vez.

Ela é tão linda, eu adoro tocá-la, ah, não posso, não posso me conter, tenho que tê-la, tenho que estar dentro dela, ah, Minha Elizabeth querida, minha amada, ah ah ah...

Congelei. Ouvia pensamentos, mas estava segura de que não eram meus. E não era como se tivesse assumido o controle de meu cérebro, era mais como... escutar às escondidas. Desde quando posso ler sua mente? A mente de alguém? Poderá ele me ouvir? *Eric, tenho um caso galopante de enfermidade venérea, isso não vai ser um problema, não é?*

Nada; ele prosseguiu me beijando e sugando meu lábio inferior em sua boca. O atraí, então fiquei chocada com seu enorme membro e o acariciei brandamente. *Agora, tenho que tomá-la, tocá-la, tê-la, oh por favor, não me deixe machucá-la, oh Elizabeth, minha radiante rainha, morreria por você.*

Tomou seu pênis com a mão e pressionou para frente, abrindo meus lábios com seus dedos. Minhas pernas rodearam sua cintura — íamos à deriva, para baixo — e lentamente empalei-me na sua imensidão. Senti-o ajustado... incrivelmente ajustado... e esplêndido, assombroso e maravilhoso.

Senti sua mão em meu cabelo, fez com que eu erguesse minha cabeça, me olhando nos olhos quando entrou em mim, avançando lentamente cada centímetro.

- Não pare, disse-lhe.

- Ah amor, como se eu pudesse.

E continuou avançando, empurrando em mim. Enfiou seu rosto em minha garganta enquanto se obrigava a entrar com insuportável lentidão; obrigou-se a conter-se por medo de me machucar.

Tudo era muito agradável, mas quis correr de novo. Queria sentir todo seu pênis dentro de mim. Queria senti-lo até a garganta, queria montá-lo até gritar e arranhá-lo, queria ver como seus olhos revirados e senti-lo estremecer contra mim.

Apertei-me mais e ele estremeceu; mordi-lhe na garganta e ele empurrou, introduzindo-se em mim de uma só vez.

Doeu. E foi glorioso. Senti-o maravilhosamente ajustado. Retorci-me contra ele, desfrutando da sensação de ser cravada, empalada. Devorada.

Não Oh não, não lhe farei mal, não a machucarei, ah ah AH AH Elizabeth, SINTO-A TÃO BEM.

Cruzei os tornozelos detrás de suas costas, cravei as unhas em seus ombros, e empurrei. Mordi-o outra vez, no outro lado, e ele se contorceu contra mim. Empurramos-nos um contra o outro...

Não posso parar, não pode parar, Elizabeth OH Elizabeth, faça com que me sinta vivo, ninguém me tem feito sentir assim, Elizabeth.

... quase lutando sob a água, emergindo, empurrando e nos retorcendo um contra o outro; sua boca encontrou a minha outra vez e me beijou com tanta força que uma de suas presas perfurou meu lábio inferior.

MAIS MAIS MAIS MAIS MAIS MAIS MAIS

Apressei-me tanto que vi manchas, apressei-me tanto que pude sentir como me apertava a seu redor.

Elizabeth! Elizabeth! Elizabeth!

... senti-o estremecer quando encontrou sua libertação. Abraço-me mais forte, sua língua empurrou-se até o mais profundo em minha boca, e logo ele relaxou, ficou mais suave e pequeno, saindo de mim, mas ainda estava formidável.

Comecei a me afastar, mas ele me atraiu de volta e me abraçou durante um longo momento enquanto íamos à deriva para a superfície. Já não o podia ouvir em minha cabeça, o que me entristeceu.

Amor? Não tenho nem idéia. Mas é certo que algo acontecera.

CAPÍTULO VINTE E UM

Quase gritei quando minha cabeça saiu à superfície. O salão da piscina se encontrava repleto de dúzias de vampiros, todos esperando pacientemente.

Avancei na água tratando de pensar onde encontraria um pouco de roupa. E sobre o que eles teriam visto.

Tina deve ter lido algo em meu rosto; ajoelhou-se e ergueu nas mãos uma túnica que havia trazido de alguma parte. Nadei até ela e saí, deixando que ela me ajudasse a pôr a túnica, e a fechei meio segundo. Sinclair, esse pícaro sem-vergonha, não tinha problemas com sua modéstia; Simplesmente se levantou da piscina e ficou de pé ante nosso auditório, maravilhosamente nu.

Enquanto o olhava, as marcas de presas de sua garganta e ombros iam desaparecendo.

- Contemplem - disse Tina em voz alta - A Rainha e seu consorte!

- Uh... - levantei um dedo.

- Nostro já não existe - disse Sinclair seriamente (e descaradamente). - Os Demônios estão sob a ordem de minha Rainha. Como todos vocês.

- Uh, Eric?

- Quem não deseje lhe jurar lealdade pode sair agora, esta noite. Não os forcaremos. Mas quem ficar, e fizer juramento de lealdade a sua Majestade, a Rainha, estará sob nosso amparo enquanto vivermos.

Consorte?

- Consorte? - Perguntei. De repente me custava fazer com que Tina me olhasse, por que seria isso?

- Tina? Consorte? O quê...?

Os vampiros que se encontravam no quarto se ajoelharam, tocando com suas frentes os ladrilhos, mas não os olhei.

- O que está acontecendo?

Ela pigarreou, enquanto Sinclair virava-se para me dirigir um pensativo olhar. Sorriu-me. Por que, depois de todos os momentos passados, seu olhar me assustava agora?

Tina pigarreou outra vez.

- Nós... ah... não tivemos a oportunidade de terminar de explicar o que profetizava o Livro dos Mortos. Por causa de Donald... simplesmente não o fizemos. Mas foi a chegada da Rainha foi profetizada, e a queda de Nostro foi profetizada, e Eric sendo... bem... sendo seu Rei também...

- O quê? - Realmente pude sentir como meus olhos arregalavam-se.

- E o primeiro que vá à Rainha como um marido a sua mulher, depois da queda do usurpador, será o Consorte da Rainha e governará a seu lado por mil anos. Pelo menos - acrescentou ela - é o que me lembro.

- O que? - cambaleei sobre meus pés. Sinclair me segurou. - Sou a rainha e Sink Lair é o rei? Por que não me disse nada? Por que não me advertiu? Durante mil anos? Que é isso?

- Bem... se lhe houvesse dito, 'Elizabeth, preciso fazer amor com você, porque só então, sabe, terei a coroa imediatamente depois de ter você', não teria conseguido vê-la nua.

Tina leu exatamente o que senti, no meu rosto, porque rapidamente dei um passo diante de Sinclair.

- Não é assim, Majestade. Você o tocou profundamente, por isso está sendo impertinente. Foi predito, isso é tudo. Como sua ascensão ao trono. Não há nada que qualquer de nós pudesse fazer sobre isso.

- Quer apostar?

Sinclair abriu os braços.

- Docinho, parece tão zangada. Temos uma coroação para planejar, então ponha um sorriso nesse rosto. Além disso, logo que reconstrua minha casa, vamos nos mudar, é claro.

- Quer apostar?

- Bem, então talvez mais tarde. Depois que a... feliz surpresa tenha diminuído.

- Você disse - Cravei um dedo no peito de Tina. Ela se assustou, mas manteve-se firme. - ...disse que se me transformasse na rainha poderia me libertar de Sinclair!

- Quis se afastar de mim? - O malandro teve o descaramento de parecer magoado.

- Não pensei que Sinclair acabasse sendo seu esposo, - disse ela fracamente, mas eu soube que mentia. Podia me considerar sua rainha, mas Erik era seu sol e sua lua, mais próximo que qualquer irmão. O que ele queria, ela o conseguiria para ele. Reverenciava-me, mas o amava.

- Vou para casa! - Falei duramente. Apertei o cinturão da túnica. - Ambos fiquem inferno, longe de mim — e falo sério!

Tina mordeu o lábio e cravou os olhos no chão, mas Fink-lair²¹ sorriu-me.

- Impossível, minha Rainha. Você e eu temos um reino para dirigir.

EPÍLOGO

Deste modo, transformei-me na rainha dos vampiros. E o caipira pelo qual estou tão loucamente apaixonada, e que ainda desprezo, é meu rei. Para todos os efeitos, ficamos unidos pelos mil anos seguintes.

Há uma semana meu problema maior era encontrar um novo trabalho. Agora tenho que me preocupar em governar um reino de vampiros, conservar minhas mãos longe de Sinclair (porque, Oh Deus, ainda o quero, faria qualquer coisa para sentir suas mãos e — outras coisas — outra vez), tratar com frieza Tina, até que decida perdoá-la, impedir que Jessica e Marc iniciem seu novo negócio de luta contra o crime (AJUDA S.A), e ajudar milhares de vampiros se acostumarem ser responsáveis por seu próprio destino.

Sem mencionar encontrar amigos sugestionáveis permanentes e um trabalho rentável — estava não-morta e desempregada, e não podia viver da caridade de Jessica eternamente.

Pior ainda, minha mamãe estava completamente apaixonada por Sinclair. Na verdade, varreu-a fora de seus pés quando a tirou do caminho de qualquer dano. Ela pensava que o fato de Sinclair ser o “rei” era muito elegante.

- Sabe, Betsy, ser um vampiro não quer dizer que não possa se assentar com alguém. Porque apesar de estar morta, não quer dizer que tenha que estar solteira.

Sim, certo. Pensava em permanecer solteira, durante mil anos para ser exata. Ter esse mentiroso do Sinclair como consorte era bem ruim (de todo jeito, o que é

²¹ Outro insulto típico do Betsy, esquilo que vive em uma toca. N. da T.

exatamente um *consorte?*); não estava a fim de me transformar em uma mulherzinha.

Poderia consegui-lo, se o fizesse parar de me mandar sapatos de grife. Em seu último cartão dizia que me mandaria um par por dia até que o perdoasse.

Até agora tenho quatorze pares de Pradas, oito pares de Emanos, e seis Ferragamos.

Talvez o perdoe... com o tempo. Ainda estou esperando os sapatos baixos de verniz vermelho da Beverly Feldman, desta temporada.

FIM

www.amorelivros.justtech.com.br

Sebo virtual – acesse!